

Sanderléia Roberta Longhin

As Construções Clivadas: uma abordagem diacrônica

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a Maria Luiza Braga

Campinas
1999



9916089

UNIDADE	BC
N.º ORÇAMENTO:	UNICAMP
	28616
V.	Ex.
TOMBO BC/	38470
PROC.	229/99
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	24/08/99
N.º CPD	

CM-00125616-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

L861c	Longhin, Sanderléia Roberta As construções clivadas: uma abordagem diacrônica / Sanderléia Roberta Longhin. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999. Orientador: Maria Luiza Braga Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Lingüística histórica. 2. Funcionalismo (lingüística). 3. Sociolingüística. I. Braga, Maria Luiza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	--

Banca Examinadora

Prof^a. Dr.^a Maria Luiza Braga
Orientadora

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Prof^a. Dr.^a Erotilde Goreti Pezatti

Prof^a. Dr.^a Ingedore G. Villaça Koch

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Sanderleia Roberta

Longhin

e aprovada pela Comissão Julgadora em

19 / 02 / 99.

De. MARIA LUIZA BRAGA

A meu pai
dedico.

à Malu, professora e amiga, pela orientação segura, cuidadosa e interessada, pelo carinho, pela compreensão nos momentos de angústia pessoal e pelo incentivo e confiança depositados em meu trabalho;

à minha família, em especial à minha mãe, pelo apoio e compreensão;

ao Ilson, pelo amor, pela tolerância e pelos inúmeros favores;

à Erotilde, com quem tudo começou;

ao professor Ilari, por todas as discussões, por todas as sugestões, por todas as aulas, por todos os conselhos, por toda a leitura orientada realizada no ano de 1998, pela compreensão, pela enorme paciência e pela amizade;

às amigas Graziela e Fabiana, pela carinhosa hospedagem em Campinas, pela convivência agradável e pelas palavras de incentivo;

ao professor Angel, pela disposição em ler este trabalho;

aos colegas Ronald, Vânia, Francisca, Nilza, Dalson, Maria Célia, pelas discussões;

ao Sebastião, pela amizade, pela leitura crítica deste trabalho e pelas valiosas sugestões;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, CAPES, pelo auxílio financeiro; e,

a todos que me acompanharam nesta etapa

agradeço.

Índice

Introdução.....	09
Capítulo 01	
<i>Considerações Iniciais</i>	11
1.1 Caracterização geral.....	11
1.2 Descrição estrutural e exemplificação.....	13
1.3 A contribuição das gramáticas.....	15
Capítulo 02	
<i>Fundamentação Teórica</i>	21
2.1 Preliminares.....	21
2.2 O Funcionalismo de Simon Dik (1980,1989,1997).....	22
2.2.1 Funções Pragmáticas	23
2.2.2 Construções de Foco.....	28
2.2.2.1 Clivadas prototípicas.....	28
2.2.2.2 Relativas com núcleos nominais.....	30
2.2.2.3 Expressão das construções clivadas.....	33
2.2.2.4 Construções de foco com predicado ‘adpositional’.....	36
2.2.2.5 Focalização de Predicados.....	37
2.3 O Funcionalismo de M.A.K. Halliday (1967, 1985).....	38
2.3.1 Identificação.....	40
2.3.2 Predicação.....	44
2.4 Sumário.....	46
2.5 Revisão Bibliográfica.....	48
2.5.1 Prince.....	48
2.5.2 Geluykens.....	52
2.5.3 Sedano.....	55
2.5.4 Braga.....	62
2.5.5 Modesto.....	66
Capítulo 03	
<i>Material e Métodos</i>	70
3.1 Os <i>Corpora</i>	70
3.1.1 A amostra sincrônica.....	70
3.1.2 A amostra diacrônica.....	73
3.1.3 A amostra xinguana.....	80
3.1.4 A amostra do português como L1.....	83
3.2 Metodologia.....	83
3.2.1 Envelope de variação.....	85

Capítulo 04

<i>Em Busca da Origem</i>	86
4.1 Século XIII.....	88
4.2 Século XIV.....	94
4.3 Século XV.....	95
4.4 Século XVI.....	103
4.5 Século XVII.....	106
4.6 Século XVIII.....	108
4.7 Séculos XIX e XX.....	109
4.8 Sumário.....	111

Capítulo 05

<i>Correlações Sintático-Discursivas</i>	113
5.1 'Status' Informacional.....	118
5.1.0 Sincronia.....	126
5.1.1 Diacronia.....	127
5.1.2 Aquisição de Linguagem.....	130
5.1.3 Sumário.....	133
5.2 Classe Gramatical e Função Sintática do Constituinte Focal.....	135
5.2.0 Sincronia.....	135
5.2.1 Diacronia.....	143
5.2.2 Aquisição de Linguagem.....	149
5.2.3 Sumário.....	153
5.3 Dimensão do Constituinte Focal.....	157
5.3.0 Sincronia.....	158
5.3.1 Diacronia.....	161
5.3.2 Aquisição de Linguagem.....	163
5.3.3 Sumário.....	165
5.4 Contraste.....	166
5.4.0 Sincronia.....	170
5.4.1 Diacronia.....	173
5.4.2 Aquisição de Linguagem.....	177
5.4.3 Sumário.....	182

Conclusão.....	187
----------------	-----

Bibliografia.....	191
-------------------	-----

Índice dos quadros, figuras e tabelas

Figura 01: Foco e Escopo.....	25
Figura 02: Foco e Finalidades Comunicativas	26
Figura 03: Estados de Ativação, Custo de Ativação e Tempo.....	119
Figura 04: Taxonomia de Prince (1981).....	122
Quadro 01: <i>Corpus</i> sincrônico extraído de entrevistas do acervo <i>Certas Palavras</i>	71
Quadro 02: Dados de informantes do Português de Contato.....	81
Quadro 03: Distribuição das clivadas dos séculos XIX e XX em períodos de 25 anos....	110
Quadro 04: O percurso diacrônico das sentenças clivadas nos dados do português	112
Quadro 05: Correlação entre clivadas e classe gramatical.....	154
Quadro 06: Correlação entre clivadas e função sintática.....	154
Quadro 07: Síntese geral das correlações sintático-discursivas das clivadas - sincronia..	189
Quadro 08: Síntese geral das correlações sintático-discursivas das clivadas – diacronia.	189
Quadro 09: Síntese geral das correlações sintático-discursivas das clivadas – aquisição.	190
Tabela 01: <i>Status</i> Informacional vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> sincrônico.....	126
Tabela 02: <i>Status</i> Informacional vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> diacrônico.....	129
Tabela 03: <i>Status</i> Informacional vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> de L2.....	130
Tabela 04: Categoria gramatical vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> sincrônico.....	135
Tabela 05: Função sintática vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> sincrônico.....	140
Tabela 06: Categoria gramatical vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> diacrônico.....	145
Tabela 07: Função sintática vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> diacrônico.....	148
Tabela 08: Categoria gramatical vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> de L2.....	149
Tabela 09: Função sintática vs sentenças clivadas no <i>corpus</i> de L2.....	152
Tabela 10: Dimensão do constituinte focal das clivadas do <i>corpus</i> sincrônico.....	159
Tabela 11: Tabulação cruzada - <i>status</i> informacional vs dimensão.....	160

Tabela 12: Dimensão do constituinte focal das clivadas do <i>corpus</i> diacrônico.....	162
Tabela 13: Dimensão do constituinte focal das clivadas do <i>corpus</i> de L2.....	164
Tabela 14: Contraste <i>vs</i> sentenças clivadas no <i>corpus</i> sincrônico.....	170
Tabela 15: Contraste <i>vs</i> sentenças clivadas no <i>corpus</i> diacrônico.....	175
Tabela 16: Contraste <i>vs</i> sentenças clivadas no <i>corpus</i> de L2.....	177

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar diacronicamente um tipo de construção de foco, que é referido como construção *clivada* e *pseudo-clivada*, visando a desvendar o processo que teria dado origem a essas construções no português, sua implementação nessa língua e suas propriedades. Para atingir esse objetivo faço uso de um *corpus* constituído por textos do século XIII ao XX, adoto pressupostos teóricos da abordagem funcionalista, principalmente as propostas de Halliday (1967, 1985) e Dik (1980, 1989, 1997) e investigo as clivadas à luz de suas propriedades sintático-discursivas, que ajudam a explicar suas opções de uso e a distinguir o papel específico de cada uma.

Além da diacronia, examino as construções clivadas também na aquisição de linguagem, com a finalidade, entre outras coisas, de testar a hipótese de Givón (1979), segundo a qual o modo pragmático de comunicação pode ser observado nos primeiros estágios de aquisição de primeira língua, nos processos diacrônicos de constituição da estrutura da língua, na fala *pidgin* e no registro informal não-planejado. Esse exame conta com a utilização de mais dois *corpora*. O primeiro é uma amostra de aquisição do português brasileiro como primeira língua (L1), que compreende entrevistas com crianças de até cinco anos; e o segundo, uma amostra de aquisição do português brasileiro como segunda língua (L2), que compreende o português de contato ou xinguano, um registro lingüístico com algumas características de língua *pidgin*. Acrescente-se ainda que as clivadas são estudadas em uma amostra sincrônica relativamente atual, que serve como ponto de referência para o estudo das outras amostras.

Quanto à metodologia, emprego ambas as abordagens quantitativa e qualitativa. No que diz respeito à análise dos aspectos sintático-discursivos, os dados recebem principalmente tratamento quantitativo. Utilizo alguns princípios da sociolingüística variacionista: investigo os vários tipos de sentenças clivadas como variantes de uma variável dependente, considero categorias lingüísticas que se correlacionam às construções clivadas,

como variáveis independentes ou grupos de fatores, busco a confirmação de hipóteses e trabalho com resultados estatísticos.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, caracterizo e exemplifico as cinco alternantes clivadas do português e considero aspectos gerais relacionados a essas construções. No segundo capítulo, exponho a fundamentação teórica e resenho alguns trabalhos sobre sentenças clivadas. No terceiro, apresento as quatro amostras de onde foram extraídos os dados para a análise e trato de questões metodológicas. No quarto, analiso o material diacrônico, procurando desvendar o processo de constituição das construções clivadas no português. O capítulo cinco é uma segunda etapa de análise; nele investigo as correlações sintático-discursivas das clivadas na amostra de fala atual e, a partir delas, passo a observar o que ocorre na amostra de aquisição e na diacronia, levando em conta sempre os mesmos grupos de fatores. Ao final deste trabalho apresento a conclusão e a bibliografia.

Capítulo 01

Considerações Iniciais

Neste capítulo, caracterizo, nomeio e exemplifico os tipos de construções clivadas do português, discuto algumas questões gerais relacionadas a elas e avalio a contribuição das gramáticas portuguesas e estrangeiras para o entendimento dessas construções.

1.1 Caracterização Geral

As sentenças clivadas e pseudo-clivadas constituem uma das estratégias através das quais os falantes de certas línguas realçam ou põem em foco, de forma não-ambígua, as partes de informação que avaliam como mais importantes ou significativas de suas mensagens, seja na fala ou na escrita. Vale lembrar que além da clivagem, o falante pode optar por outros mecanismos de focalização, por exemplo, a entoação, a ordem dos elementos na oração, ou o uso de partículas focalizadoras, tais como advérbios aditivos e restritivos. Em alguns casos, pode até ocorrer a coincidência de mais de uma estratégia de foco sobre o mesmo elemento (Dik, 1989).

A clivagem (*cleft*, no inglês), como o próprio nome sugere, é a segmentação da oração em duas partes, uma não-focal e outra focal. Esta segmentação é feita pelo acréscimo do verbo *ser* e/ou *que(m)*, e constitui, como se tornará claro mais adiante, um meio de separar explicitamente elementos oracionais de diferentes níveis de informação. Em outras palavras, a clivagem é uma das formas de indicar que nem todos os elementos de um enunciado têm as mesmas funções comunicativas.

Compare as sentenças em (01a-b), respectivamente uma clivada propriamente dita e sua contrapartida não-clivada:

- (01) a. Foi ela que interrompeu a viagem (Graciliano Ramos - *Cartas de Amor a Heloísa*)
b. Ela interrompeu a viagem.

Apesar da divergência sintática óbvia entre as duas orações, ambas compartilham o mesmo sujeito, verbo e objeto direto. As diferenças mais marcantes entre (a) e (b) tornam-se visíveis quando se atenta a outros níveis de análise. Assim, pragmaticamente (a), mas não (b), é entendida como um artifício que *coloca em relevo, focaliza, realça* um constituinte em um enunciado. Os contextos em que a oração clivada (a) é empregada adequadamente são mais restritos do que aqueles de sua contrapartida não-clivada (b). Por exemplo, (b) pode funcionar como resposta às perguntas *Quem interrompeu a viagem?* ou *Ela interrompeu o que?*, enquanto (a) só pode ser resposta à primeira pergunta.

Toda clivada pode ser resposta a uma interrogativa não-polar, e é fundamental apreender que muitas vezes é só no jogo pergunta-resposta que se consegue distinguir uma clivada de uma relativa restritiva, como mostra o exemplo abaixo, retirado do estudo de Schachter (1973), em que a sentença em (02) é ambígua e pode ser resposta para (i) ou para (ii). Se ela for resposta para (i), é interpretada como clivagem, mas se for resposta para (ii), é um caso de relativização¹. Acrescente-se ainda que a prosódia pode ser um fator de distinção entre clivada e relativa.

- (02) It's the woman who cleans the house.
 (i) Who cleans the house?
 (ii) Who's that?

Além disso, assumindo que em (1b) o sujeito *ela* não recebe acento primário, só (1a) tem implicação de contraste com outros elementos que poderiam ter ocupado a posição de foco. A situação que possibilita a inferência de contraste nas clivadas será discutida no capítulo 02.

Finalmente, em termos semânticos, pode-se dizer que (1a), mas não (1b), pressupõe que *alguém interrompeu a viagem*. Essa pressuposição existe como alguma coisa não passível de questionamento, ao passo que a única informação discutível é a identidade da pessoa que interrompeu a viagem. Nos pares pergunta-resposta, é necessário que a pergunta

¹ Schachter observou que, em muitas línguas, as construções clivadas e as relativas restritivas compartilham similaridades formais. Ele tenta explicar essas similaridades com base na hipótese de que uma dessas estruturas poderia ser derivada da outra.

e a resposta compartilhem a mesma pressuposição, para que a coerência seja mantida, como mostram os exemplos (03) e (04) extraídos de Moeschler & Reboul (1994):

- (03) A Est-ce que c'est **Jean** qui écrit des poèmes?
 B Non, c'est **Paul** qui écrit des poèmes.
- (04) A Est-ce que c'est **Jean** qui écrit des poèmes?
 B Non, c'est **Jean** qui écrit des nouvelles.

A sequência em (03) é coerente, pois pergunta e resposta compartilham a pressuposição de que *alguém escreve poemas*. Ao contrário, (04) é incoerente, pois as pressuposições são diferentes.

1.2 Descrição Estrutural e Exemplificação

A seguir descrevo estruturalmente e exemplifico as cinco variantes clivadas do português, encontradas em meus dados. A descrição estrutural baseia-se em Prince (1978), mas opto por manter a terminologia de Braga (1989). Por razões estilísticas, incluo clivadas e pseudo-clivadas sob a expressão *variantes* ou *alternantes clivadas*. Os exemplos são dados de fala, extraídos do material sincrônico *Certas Palavras*, que conforme mencionei, funciona como ponto de referência. A convenção adotada para os exemplos é a seguinte: em *italico* está toda a sentença clivada; *sublinhada* está somente a marca formal de clivagem (por exemplo, *é...que, é que, o que..é*, etc); e, em **negrito**, está o elemento focal. No final de cada exemplo, entre parênteses, indico a procedência do dado.

Clivada Propriamente Dita (CLIV, daqui para frente)

Ser C^I QU S-C^I, em que C^I = constituinte focal e S-C^I = Sentença menos C^I

- (05) Paulo: Então, no momento em que se toca na novidade, ela se afirma realmente, e os outros compreendem - e isso está se dando inclusive em nível internacional. É o mundo todo que está assim. A reação, por exemplo, dos operários poloneses é uma intensa novidade que faz muito tempo que precisava estar existindo. (*Certas Palavras*: Paulo Freire, p. 276)

Construção É QUE (É QUE, daqui para frente)

C^I ser QU S-C^I, em que C^I = constituinte focal e S-C^I = Sentença menos C^I

- (06) FHC: Fiquei muito impressionado com a física. A física também tinha estagnado depois de um grande avanço, depois da física nuclear, e não estava produzindo coisa nova. O novo vinha da genética. De fato, **a genética é que produziu uma série de transformações**, a biogenética etc. Pois bem, a sociologia também passa por um período semelhante. (*Certas Palavras*: Fernando Henrique Cardoso, p. 105)

Construção Que (QUE, daqui para frente)

C^i *que* $S-C^i$, em que C^i = constituinte focal e $S-C^i$ = Sentença menos C^i

- (07) FHC: Essa força o intelectual tem, quando está na política: ele pode ficar contra todos. Já o político normalmente não gosta de ficar contra - ele gosta de ir na maré, porque ficar contra é ficar sozinho, é se isolar. Mas esse isolamento tem uma vantagem mais adiante, porque permite a você romper. O intelectual, na política, rompe mais facilmente, **por isso que os outros desconfiam mais dele**. De mim, por exemplo, sempre se desconfia na política, muitas vezes até nem se sabe por quê. (*Certas Palavras*: Fernando Henrique Cardoso, p. 110)

Construção Ser Foco (SER, daqui para frente)

$S-C^i$ *ser* C^i , em que C^i = constituinte focal e $S-C^i$ = Sentença menos C^i

- (08) Hélio: Nos meios empresariais, atualmente, existe também, por manifestações muito amplas que tenho recebido, grande coincidência com esse ponto de vista. E tenho encontrado ainda coincidência no sindicalismo moderno. Agora, **eu encontro é uma certa ataraxia por parte da classe política no sindicalismo moderno**.
Oliveiros Ferreira (participante): Ah, isso é que é importante, quer dizer, junto ao Estado você encontra a idéia de que, como diríamos em francês, "tout va très bien, Madame la Marquise"? (*Certas Palavras*: Hélio Jaguaribe, p. 139)

Pseudo-Clivada (PC, daqui para frente)

Quem/O Que $S-C^i$ *ser* C^i , em que C^i = constituinte focal e $S-C^i$ = Sentença menos C^i

- (09) Haroldo: Estou repetindo imperfeitamente os termos do Paz, mas basta ler a primeira carta que ele me dirige em resposta à minha carta de indagação e provocação: **"Quem faz realmente esta poesia sintética e ideográfica são os senhores**, não é Mallarmé nem é Pound, são os senhores. O recurso contra o discurso." (*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 346)

É possível que o elemento-Q das clivadas codifique morfologicamente o traço [+hum] do referente focal nas CLIVs, É QUEs e PCs. Meus dados sugerem que em se tratando de PCs, sempre que o referente é humano o uso de *quem* é preferível em lugar de *o*

que, conforme (09) acima, mas quando se trata de CLIVs e É QUES, a incorporação do traço é opcional e pouco freqüente na fala. A seguir, ofereço dois exemplos em que há codificação do traço [+hum]:

- (10) Décio: Nosso líder, durante um bom período, tanto política como artisticamente, na parte visual, foi o Waldemar Cordeiro. *Foi ele quem primeiro falou em Antonio Gramsci*, foi o primeiro que realmente começou a mostrar o marxismo não-stalinista. (*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 335)
- (11) Haroldo: Agora, a visão antropofágica da cultura brasileira, esta quem deu foi o Oswald. *Oswald foi quem, pela primeira vez, pensou de maneira não sistemática*, digamos assim, fragmentária e nietzchiana o problema da cultura brasileira em termos não subdesenvolvidos. (*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 326)

Sentenças como essas assinaladas em (10) e (11) são consideradas, neste trabalho, como exemplos de CLIV e É QUE, respectivamente. A classificação dessas sentenças é motivo de divergência entre linguistas. Alguns argumentam que elas devem ser discutidas como PCs com ordem invertida², enquanto outros afirmam que não devem ser discutidas como clivagem, mas como um tipo de focalização diferente, que envolve uma *small clause*. Concorro com os primeiros, por acreditar que ao menos em uma de suas leituras elas sejam clivadas verdadeiras, mas o rótulo é infeliz. Ainda que formalmente essas sentenças se assemelhem a PCs invertidas, sintática e discursivamente elas se aproximam mais das CLIVs e É QUE, o que justifica o tratamento que dedico a elas.

1.3 A Contribuição das Gramáticas

As gramáticas, sobretudo as tradicionais, dão pouca atenção às construções clivadas. As breves menções ficam restritas a pequenas partes dos livros, geralmente na seção sobre advérbios. Cegalla (1990:224), por exemplo, refere-se ao *é que* como partícula de realce,

² Essas sentenças são ambíguas entre a leitura de clivada e de não-clivada. Elas podem aparecer também com o *o que* em lugar do *quem*: *Foi ele o que primeiro falou..., Oswald foi o que, pela primeira vez, pensou de maneira não sistemática*. Volto a discutir esses casos em capítulos subsequentes.

associando-o a outros elementos de naturezas distintas³, sob o rótulo de *palavras e locuções denotativas*. Cunha (1994:288) simplesmente menciona a expressão enfática invariável *é que* e não se preocupa com aspectos formais ou de uso. Em Rocha Lima (1995:406-7), a locução *é que*, entendida como elemento de realce, é considerada um *idiotismo português de grande poder expressivo*. As considerações mais interessantes de Rocha Lima dizem respeito ao que ele chama de um serviço de ênfase ou realce realizado pelo verbo *ser*, quando vazio de significado e de função sintática. Na realidade, o autor se refere ao verbo *ser* em casos como *esta criança quer é dormir*, aqui designados clivadas do tipo SER. Ele sugere que esta construção tenha se originado a partir da elipse de elementos da construção fonte que, no caso do exemplo mencionado, seria alguma coisa do tipo *o que esta criança quer, é dormir*. Ou seja, para Rocha Lima as clivadas SER tiveram origem a partir de mudanças sofridas pela PC.

Sob o enfoque descritivo, a Gramática de Perini (1996:215) discute mais longamente o fenômeno da clivagem, enfatizando a recorrência desse fenômeno nas modalidades oral e escrita. O autor chama a atenção para a complexidade formal das clivadas, que são descritas por ele da seguinte maneira: *Sempre que em uma oração houver um termo marcado [+Cl], haverá também uma outra oração que difere da primeira nos seguintes particulares: (a) a oração começa com o verbo ser, no mesmo tempo em que está o verbo principal da oração primitiva; (b) segue-se o termo marcado [+Cl]; (c) segue-se o item que(m); e, (d) seguem-se, na ordem, os demais termos da oração primitiva.*

Perini salienta a diferença entre *é...que* e *é...quem* em termos da combinação entre os traços semânticos do elemento-Q e do referente focal, o que explica a má formação de **Foi o bolo quem me fez mal*. O autor não considera todas as variantes clivadas. A descrição oferecida acima é da CLIV. As É QUEs são vistas como uma versão clivada menos freqüente, e SER e QUE não são citadas. Quanto às pseudo-clivadas, Perini procura limitar as possíveis funções sintáticas do elemento focal. Além disso, ele reconhece que para certas clivadas não há uma pseudo-clivada correspondente.

³ Cegalla fala em partículas de exclusão (exceto, menos, salvo, sequer, senão), inclusão (inclusive, também, mesmo, ainda, até, além disso), limitação (só, apenas), realce (cá, lá, só, é que, embora), retificação (aliás, ou melhor, isto é), explanação (isto é, a saber, por exemplo), situação (afinal, agora, então) e outras.

Segundo Mateus *et al* (1989:234-36), a língua portuguesa dispõe tanto de recurso prosódico, como de recursos sintáticos para a marcação de constituintes focais. O recurso prosódico é o acento de intensidade. Os recursos sintáticos são de três tipos: o primeiro diz respeito à utilização de palavras que funcionam como marcadores especiais de foco, tais como, *até, mesmo, o próprio*; o segundo diz respeito à ordem dos constituintes sentenciais, em que a posição final na sentença é a opção não-marcada para o elemento focal; e, o terceiro diz respeito à construções especiais de foco, que podem ser: i) construções em que o verbo *ser* vem antes do elemento focal, em relações contrastivas, conforme (12); e, ii) construções com *ser* e *que*, ou morfema Q, conforme (13)-(15).

- (12) O corvo bebeu foi água.
- (13) Foi água que o corvo bebeu.
- (14) Foi água o que o corvo bebeu.
- (15) O que o corvo bebeu foi água.

(in Mateus *et al*, 1989)

Com relação a cada uma dessas construções, Mateus *et al* (1989) analisam a variabilidade ou não do verbo *ser*, em tempo, pessoa e número, e a possibilidade de concordância com o constituinte com função de foco. Os autores sugerem que (14) e (15), em razão de suas propriedades sintáticas compartilhadas, estejam relacionadas transformacionalmente.

Já a gramática inglesa de Quirk *et al* (1978:951-55) apresenta explicações mais detalhadas. Oferece uma definição descritiva de clivagem, trabalha com restrições de escopo do foco para o inglês, mostra a funcionalidade da construção, sugere a inferência de contraste e ainda examina as semelhanças e diferenças entre as clivadas e as relativas restritivas.

As *cleft sentences*, como descritas por Quirk *et al* (1978), são construções especiais que dividem uma única sentença em duas seções, cada uma com seu próprio verbo e com suas respectivas proeminências temática e focal. Essas sentenças são iniciadas pelo pronome *it* mais o verbo *to be*, seguidos pelo elemento com função de foco. A partir de uma sentença não-clivada, é possível obter diferentes sentenças clivadas, dependendo do elemento posto em realce, como em:

- (16) John wore his best suit to the dance last night
sujeito focal: It was JÒHN (who/that) wore his best suit to the DÁNCE last night.
objeto focal: It was his best SÚIT (that) John wore to the DÁNCE last night.
adv. tempo focal: It was last NÌGHT (that) John wore his best suit to the DÁNCE
adv. lugar focal: It was the DÁNCE (that) John wore his best SÚIT to last night.

(in Quirk *et al.*, 1978)

em que estão em foco constituintes com a função de sujeito, objeto direto e elementos como advérbios de tempo e lugar, respectivamente, os mais usuais para ocupar a função focal. Em inglês, há restrições na focalização de predicativos do sujeito, como em **It's a genius that he is*, e também de verbos, como em **It's wore that John his best suit to the dance*. Pode-se, contudo, evitar a restrição do verbo, colocando-o na forma não-finita, por exemplo, *It's teach(ing) that he does for a living*.

Para Quirk *et al.* (1978), as *clefts* marcam de forma não-ambigua o foco informativo das sentenças do inglês, mesmo na ausência de pistas entoacionais. O elemento realçado é contrastivo, em razão da possibilidade de outros itens poderem ocupar a posição de foco, enquanto o restante da sentença é tomado como 'dado'.

Esses mesmos autores ressaltam que a porção da clivada que segue o elemento focal é semelhante a uma relativa restritiva, mas que há diferenças significativas. Uma delas é que a *cleft*, mas não a relativa, pode ter por elemento focal (antecedente, no caso da relativa) não só um elemento nominal, mas também um adjunto. Outro contraste entre relativa e clivada está na possibilidade de as clivadas exibirem nome próprio como elemento focal, enquanto as restritivas não podem tê-lo como antecedente.

A *pseudo-cleft sentence*, conforme ainda os mesmos autores, é outra construção que, da mesma forma que a *cleft*, explicita a divisão da sentença em uma porção dada e outra focal contrastiva. A *pseudo-cleft* está sujeita a menos restrições, como, por exemplo, por permitir que verbos ocupem a posição focal. Por outro lado, ela é mais limitada, já que só comuta livremente com as *cleft*, quando a oração é do tipo *what*. Com orações iniciadas com *who*, *where* e *when* só às vezes a comutação é aceitável, mas com *whose*, *why* e *how* é muito difícil. Em muitos casos, a oração pode começar com *the person who* ou *the one who*.

Na *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, de Renzi (1989:194), há uma extensa análise descritiva da clivagem (*cindidas*, na terminologia do autor) em sentenças do italiano. De início, são feitas referências ao aspecto semântico-pragmático que, segundo Renzi, é o que esclarece a função e as opções de uso da construção. Do ponto de vista pragmático, o autor assegura que a função da construção *cindida* é enfatizar, sintática ou entoacionalmente, um elemento particular da oração, em termos de contraste, explícito ou implícito, com outros elementos da mesma classe, a fim de chamar a atenção dos interlocutores. Veja o exemplo:

- (17) A: Ieri è arrivato Giorgio.
B: Ma era CARLO che stavamo aspettando, non Giorgio!

(in Renzi, 1989)

Todavia, a preocupação maior de Renzi (1989) está em analisar as *cindidas* do ponto de vista sintático. Segundo ele, em nível sintático, a construção *cindida* é constituída por duas unidades frasais: uma oração principal - a estrutura copular - e uma oração subordinada. A posição de foco é aquela que segue a cópula. O autor associa a oração subordinada a uma *variável*, a qual seria atribuído um *valor*, que é indicado pelo constituinte focalizado. A idéia de *valor x variável*, pelo que sei, foi primeiramente introduzida por Halliday (1967), e será discutida em momento oportuno. A seguir, são mencionados e exemplificados os elementos que, segundo Renzi, podem ocupar a posição de foco em uma oração *cindida*⁴:

(18)	Elemento	Exemplos
	Sintagmas Nominais ⁵	È IL SUO LIBRO che è uscito di recente Sono IO che non voglio andare È ME che non vogliono È GIORGIO che ho visto al bar Sono LE SUE VIRTÙ che è uscito di recente
	Sintagmas preposicionais	È CON GIORGIO che non esco mai È DAGLI AMICI che ho ricavato molte idee

⁴ No decorrer da minha análise, mostrarei os constituintes sintáticos que podem ser focalizados em sentenças do português do Brasil.

⁵ Qualquer tipo de sintagma nominal que ocupe a posição de foco produz resultados aceitáveis.

	È PER PISA che non passo mai
Advérbios ⁶	È DOMANI che deve partire È LA SOPRA che devi mettere il pacco È solo DI TANTO IN TANTO che andiamo al cinema * È SPESSO che viene a trovarci ?? Era LENTAMENTE che mangiava
Predicativos ⁷	* È BELLA che Giovanna è È BELLA che Giovanna non è mai stata * È STUPIDO che Giorgio è È STUPIDO che Giorgio è sempre stato
Quantificadores e sintagmas quantificados	* È QUALCUNO che sto aspettando * È TUTTO che ho comprato * È NESSUNO che (non) ho incontrato È DI APPARTAMENTI che se ne... È DI TURISTI che ne sono arrivati parecchi
Sintagma Verbal participio, gerúndio, infinitivo ⁸	È SPARITO che non può essere * È SBAGLIATO che hai * È MANGIANDO che stava È solo MANGIANDO che si cresce È FUMARE che è vietato
Complementos frasais	È CHE ARRIVAVATE OGGI che Giorgio non mi aveva detto È CHE MARIA ESCA CON GIORGIO che non mi va Era CHE IO ME NE ANDASSI che non voleva È CHE TU PASSI LE GIORNATE AL BAR che mi preoccupa

Essa breve revisão da clivagem na literatura gramatical serviu para mostrar que certos gramáticos, mais do que outros, refletiram sobre essa construção de foco, e, que a dimensão pragmático-discursiva, ainda pouco explorada se comparada à sintática, necessita de mais pesquisa, o que vem ao encontro dos objetivos do presente trabalho. Acrescente-se ainda que as gramáticas do português não se preocupam em analisar as variantes clivadas encontradas na língua, por isso, a necessidade de um estudo que as diferencie e que distinga o verdadeiro papel de cada uma delas.

⁶ Qualquer tipo de advérbio pode ser focalizado pelas *cindidas*, exceto alguns de frequência e modo.

⁷ A diferença na aceitabilidade desses exemplos, segundo Renzi, parece não ser de ordem gramatical, mas estilística. Para ele, nos exemplos com asteriscos, a repetição da cópula é deselegante; nos demais, a sentença é melhor, em razão da presença dos advérbios.

⁸ É possível focalizar participio de verbos com auxiliar *essere*, mas não com *avere*. A focalização de gerúndio só é possível com complemento frasal. O infinitivo sempre pode ser focalizado.

Capítulo 02

Fundamentação Teórica

Neste capítulo apresento o quadro teórico dentro do qual as sentenças clivadas serão estudadas. Discuto duas propostas teóricas, de autores de diferentes escolas funcionalistas: a de Simon Dik (escola da Holanda) e a de Halliday (escola de Londres). Como se verá, as propostas compartilham uma série de aspectos, e ambas são relevantes para explicar o fenômeno em estudo. A seguir, resenho alguns dos trabalhos realizados sobre sentenças clivadas.

2.1 Preliminares

Este trabalho é desenvolvido em uma linha essencialmente funcionalista. O termo *funcionalismo* é empregado em lingüística para denominar uma corrente teórica que se preocupa em estudar a gramática das línguas naturais juntamente com a situação comunicativa: o evento de fala, os papéis dos participantes, o contexto discursivo etc. Em outras palavras, o funcionalismo visa a integrar o estudo da forma das expressões lingüísticas ao uso dessas expressões nas situações de interação verbal. Contudo, a teoria funcionalista não é uma corrente unificada. Há vários modelos ditos funcionalistas, representados por autores de diferentes escolas, e que apresentam propostas muitas vezes distintas. Apesar da peculiaridade de cada modelo funcionalista, há uma sobreposição parcial entre eles, o que torna possível reunir características comuns, que permitem traçar uma ‘visão funcionalista da linguagem’ (Neves, 1997).

Uma visão funcionalista de linguagem pode ser extraída de forma muito geral da exposição introdutória de Dik (1989), em que ele confronta as duas linhas opostas de pensamento lingüístico, a funcionalista e a formalista, à luz de questões como o conceito e a função de língua, o correlato psicológico, a importância reservada ao uso, a hipótese sobre a

aquisição de linguagem e a explicação dos universais lingüísticos. Segundo Dik (1989), do ponto de vista funcional, a língua é definida como um instrumento de interação social, cuja função primordial é estabelecer comunicação entre seus usuários. Sendo assim, o correlato psicológico de uma língua natural é a competência comunicativa do falante, entendida não só como sua capacidade de construir e interpretar expressões lingüísticas bem formadas, mas também como sua habilidade em usá-las de maneira apropriada e bem sucedida em contextos determinados. Por isso, as expressões lingüísticas só podem ser examinadas corretamente quando se leva em conta, além da estrutura, o seu funcionamento nos contextos de uso.

No que tange à aquisição de linguagem, a hipótese funcionalista é a de que uma língua é adquirida a partir da interação comunicativa entre a criança e seu ambiente. Em contraste com a tese inatista, que defende a existência de uma faculdade de linguagem, ou seja, um esquema formal geneticamente determinado que subjaz a qualquer gramática, a tese funcionalista defende que a capacidade lingüística é culturalmente determinada e que o surgimento de novas formas se explicam pelas necessidades comunicativas dos falantes. Os universais lingüísticos são explicados em termos de restrições comunicativas, biológicas, psicológicas e contextuais.

Essas noções mencionadas acima dão uma idéia muito geral do que vem a ser o pensamento funcionalista em lingüística, mas é o suficiente para meus propósitos, já que meu objetivo não é aprofundar essas questões.

2.2 O funcionalismo de Simon Dik (1980, 1989, 1997)

Dik (1989), em sua Gramática Funcional (GF, daqui em diante), propõe um modelo de interação verbal, ou seja, interação social por meio da linguagem, em que a produção de expressões lingüísticas depende de três fatores: i) da intenção do falante; ii) da informação pragmática do falante; e, iii) da avaliação do falante acerca da interpretação do ouvinte. Por outro lado, a interpretação das expressões lingüísticas pelo ouvinte depende: i) da própria expressão lingüística; ii) da informação pragmática do ouvinte; e, iii) da hipótese do ouvinte sobre a intenção comunicativa do falante. 'Informação pragmática', termo introduzido por

Dik, é todo conhecimento, opinião, crença e hipótese disponível para falante e ouvinte em qualquer estágio da interação verbal.

Esse modelo de interação verbal constitui, portanto, uma forma de atividade **cooperativa e estruturada**. É cooperativa no sentido de que necessita de participantes que, fazendo uso de expressões linguísticas, buscam alcançar seus objetivos. É estruturada no sentido de que é governada por regras e normas. Quanto às regras, Dik (1989) distingue dois sistemas. Um deles rege especificamente as expressões linguísticas e é constituído pelas regras sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas, ao passo que o outro, mais abrangente, rege os padrões de interação em que as expressões linguísticas são usadas, e é constituído pelas regras pragmáticas. Ou seja, há um componente mais abrangente que é o pragmático, dentro do qual componentes mais específicos, como a sintaxe, a semântica etc, devem ser estudados. Cada um desses componentes especifica diferentes funções:

- (i) Funções Semânticas: Agente, Alvo, Beneficiário etc;
- (ii) Funções Sintáticas: Sujeito e Objeto; e,
- (iii) Funções Pragmáticas: Tema, Tópico, Foco etc.

2.2.1 Funções Pragmáticas

As funções pragmáticas são aquelas que especificam o estatuto informacional dos constituintes dentro dos contextos comunicativos em que eles ocorrem. Elas dependem crucialmente de partes de informação pragmática do falante e do ouvinte. A GF postula que os falantes possuem suas respectivas informações pragmáticas e que organizam expressões linguísticas a partir da avaliação que fazem da informação pragmática de seus ouvintes, com o propósito comunicacional de efetuar mudanças na informação pragmática dos últimos. Essas mudanças consistem em acréscimos, substituições ou eliminações de partes de informação. Nas informações pragmáticas de falante e ouvinte há sempre uma porção em comum, que corresponde aos conhecimentos compartilhados por eles, e também há conhecimentos que são disponíveis para um ou outro. Uma estratégia comum e eficaz é o falante elaborar seu discurso a partir de partes de informação que ele julga compartilhadas pelo seu interlocutor, para depois acrescentar as partes de informação que ele julga não-

compartilhadas ou novas. Com esse procedimento, o falante facilitaria o processo de entendimento e integração de informação por parte do ouvinte.

Dik (1989) distingue as funções pragmáticas extra-oracionais, **tema** e **antitema**, das funções pragmáticas intra-oracionais, **tópico** e **foco**. As funções extra-oracionais, como o próprio nome diz, são externas à oração (os constituintes que codificam essas funções podem preceder ou seguir a oração) e estão ligadas a ela por razões de ordem pragmática. Os constituintes com essas funções são muitas vezes referidos na literatura linguística como constituintes deslocados à esquerda e à direita, e são separados da oração por meio de uma flexão entoacional, que na escrita é quase sempre representada por vírgula. Eles não são suscetíveis às regras gramaticais da oração, ainda que possam manter com ela relações de correferencialidade e paralelismo. Além disso, não são essenciais à integridade estrutural da oração, pois quando omitidos não causam prejuízos.

Segundo Dik, o constituinte com função pragmática de **tema** (01) especifica o universo do discurso em relação ao qual a oração subsequente é apresentada. Já aquele com função pragmática de **antitema** (02) apresenta, como reflexão tardia, uma informação que pretende especificar, esclarecer ou modificar a oração.

(01) As for the students, they won't be invited.

(02) He's a nice chap, your brother.

As funções pragmáticas intra-oracionais são especificadas pelos parâmetros **topicalidade**, que caracteriza as coisas de que falamos, e **focalidade**, que caracteriza as partes mais importantes ou salientes daquilo que dizemos das coisas tópicas. As funções pragmáticas de **tópico** e **foco** são indicadas respectivamente para aqueles constituintes tratados como topicais e focais. Há uma correspondência parcial entre tópico/foco e dado/novo (Dik, 1989; Hannay, 1991). Os elementos topicais tendem a ser dados, uma vez que se referem àqueles elementos a partir dos quais a informação relevante para a comunicação será acrescentada, enquanto os elementos focais tendem a ser novos, uma vez que constituem a informação mais relevante comunicacionalmente e são considerados pelo falante a informação mais essencial para ser integrada na informação pragmática do ouvinte. Embora os elementos topicais e focais possam se superpor em certa medida, conforme o

esquema abaixo, podendo haver elementos tópicos simultaneamente focalizados, aqui me restrinjo à discussão dos elementos focais.

Topicalidade

Focalidade

Na gramática do inglês, Dik (1989) estabelece dois parâmetros para a subcategorização do constituinte focal. O primeiro é o **escopo**, entendido como a parte da estrutura da oração que é colocada em Foco. Conforme a Figura 01, adaptada de Dik (1989), o foco pode incidir sobre operadores (tempo, modo, aspecto, polaridade), predicados ou termos (sujeito, objeto, complemento, etc.).



Figura 01: Foco e Escopo

O outro parâmetro diz respeito às **finalidades comunicativas**, entendidas como as razões pragmáticas que fundamentam a atribuição do Foco a uma parte da estrutura da oração e não a outra. A atribuição de Foco a um constituinte é motivada, segundo Dik, ou pela **novidade** de um referente, ou pela necessidade de se estabelecer **contraste** com alguma outra entidade, presente ou pressuposta na situação de interlocução.

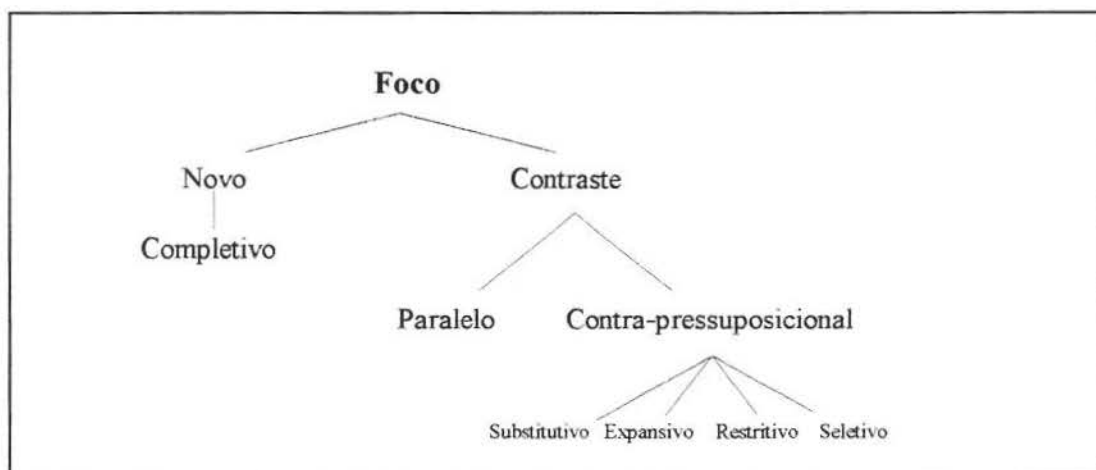


Figura 02: **Foco e Finalidades Comunicativas**

Como mostra a Figura 02, também adaptada de Dik (1989), quando a atribuição da função de foco é motivada pela novidade da informação, como é o caso das respostas nos pares pergunta-resposta, geralmente não há contraste envolvido e o foco é denominado **compleativo**. Em todos os outros tipos de foco, há sempre um contraste envolvido entre o constituinte focal e as partes de informação que podem estar explícitas ou pressupostas. Os focos contrastivos podem ser do tipo **paralelo** ou **contrapressuposicional**. O foco é paralelo quando ele é um dos elementos que participa em construções sintáticas paralelas, como (03) abaixo. Nos exemplos, o foco é sinalizado por maiúsculas, tal como apresentado pelo autor.

(03) John and Bill came to see me. JOHN was NICE, but BILL was rather BORing.

O foco é contrapressuposicional sempre que há uma contrapressuposição do falante com relação ao conhecimento pragmático do ouvinte. Ele se subcategoriza, por sua vez, em *substitutivo*, *expansivo*, *restritivo* e *seletivo*, definidos e exemplificados a seguir.

(a) Foco **substitutivo**: o falante pressupõe que o ouvinte possui uma parte de informação X, que não está correta e deve ser substituída por uma parte de informação correta Y. O estabelecimento do substitutivo envolve dois passos: a rejeição da informação incorreta e a apresentação da correta.

(04) O: John bought coffee.

F: (a) No, he didn't buy COFFEE, he bought RICE.

(b) No, he bought RICE, not COFFEE.

(c) No, he didn't buy COFFEE.

(d) No, he bought RICE.

(b) Foco **expansivo**: o falante pressupõe que o ouvinte possui uma informação que está incompleta e que existe uma outra porção de informação que é relevante e deve ser acrescentada.

(05) O: John bought coffee.

F: (a) John not only bought COFFEE, he also bought RICE.

(b) Yes, but he also bought RICE

(c) Foco **restritivo**: o falante pressupõe que o ouvinte possui uma porção de informação correta e outra incorreta, por isso ele corrige a informação pragmática do ouvinte, restringindo àqueles itens que ele acredita serem corretos.

(06) O: John bought coffee and rice.

F: (a) No, he didn't buy RICE, he only bought COFFEE.

(b) No, he only bought COFFEE.

(d) Foco **seletivo**: o falante pressupõe que o ouvinte acredita que a informação X ou Y está correta, mas não sabe qual. Assim, o falante seleciona uma parte de informação correta dentre uma lista de possibilidades e a oferece ao ouvinte. Esse tipo de foco envolve o contraste entre a informação escolhida e a rejeitada.

(07) O: Would you like coffee or tea?

F: COFFEE, please.

Ainda quanto aos constituintes que carregam a função de foco, a GF estipula que eles podem ser expressos de várias maneiras:

- i) podem receber uma proeminência prosódica especial;
- ii) podem ser colocados em posições especiais;
- iii) podem ser marcados por partículas especiais;
- iv) podem ocorrer em tipos especiais de construções.

O item iv é o que mais interessa ao presente trabalho e, por esta razão, discuto-o mais detalhadamente na próxima seção.

2.2.2 Construções de Foco

As construções de foco são construções especiais por meio das quais um constituinte é levado à função de foco. Dentre os tipos de construções de foco, as **construções clivadas** e **pseudo-clivadas** são as que mais recebem atenção nos estudos linguísticos. Segundo Dik (1997), elas podem aparecer sob diferentes formas e desempenhar diferentes funções pragmáticas e textuais. Dik alerta sobre a necessidade de se definir as clivadas e pseudo-clivadas de maneira coerente, a fim de que se possa distingui-las de outros tipos de construções de foco similares a elas. Por clivadas e pseudo-clivadas Dik entende sentenças do tipo:

- (08) It was John's watch that Peter found in the garden.
- (09) What Peter found in the garden was John's watch

Para ele, a terminologia é inadequada por algumas razões. A primeira é que essa terminologia sugere que a clivada em (08) seja derivada de sua contrapartida não-clivada em (10) adiante. Essa relação de derivação entre clivada e não-clivada foi defendida nas primeiras versões da Gramática Transformacional. Dik discorda e argumenta que essas sentenças têm estruturas subjacentes diferentes. A segunda razão é que a terminologia sugere que a pseudo-clivada em (09) seja uma variante secundária da clivada em (08). Em sua análise, Dik mostra que na realidade a pseudo-clivada é mais prototípica que a clivada. Acrescente-se ainda que há muitas línguas que têm sentenças similares às pseudo-clivadas, mas não às clivadas. Por isso tudo, Dik prefere usar uma terminologia mais neutra, atribuindo o rótulo **construção de foco** às sentenças do tipo (08) e (09). Quando há necessidade de diferenciá-las, a primeira é dita *dummy-cleft*, enquanto a segunda é a clivada prototípica.

- (10) Peter found John's watch in the garden.

2.2.2.1 Clivadas Prototípicas

Além da construção em (09), as sentenças em (11) e (12) são, segundo Dik (1997), exemplos prototípicos de construções clivadas (no português elas correspondem às pseudo-clivadas e pseudo-clivadas com ordem invertida):

- (11) a. The thing that Peter found in the garden was John's watch.
 b. That which Peter found in the garden was John's watch.
 c. What Peter found in the garden was John's watch.
- (12) a. John's watch was the thing that Peter found in the garden.
 b. John's watch was that which Peter found in the garden.
 c. John's watch was what Peter found in the garden.

Conforme o autor, para que uma construção clivada seja considerada prototípica ela deve apresentar as seguintes propriedades:

- (i) As clivadas prototípicas são por natureza **construções identificadoras**, em que uma entidade é identificada com outra. Por exemplo, em (11a), a entidade descrita por *the thing that Peter found in the garden* é identificada como sendo a entidade descrita por *John's watch*.
- (ii) Nas construções identificadoras, a expressão que identifica é usualmente **definida**, o que faz com que a sentença em (13), mencionada por Dik, e as sentenças em (14), encontradas em meus dados, em que o identificador é indefinido, fujam um pouco do caso prototípico. O fato de uma sentença não ser prototípica, segundo Dik, não a exclui do grupo das clivadas. Acredito que o traço [$\pm$ def] do referente não sirva como critério, pois interpretação de uma sentença como identificadora pode ser feita quer o elemento identificador seja definido ou indefinido.
- (13) What Peter found in the garden was a watch of John's.
- (14) a. Na estalagem da Azambuja o que havia era **uma pobre velha** (Séc. XIX, Garret - *Viagens na Minha Terra*, p.28)
 b. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, **um estado de alma**. (Séc. XX, Nelson Rodrigues - *A Realeza de Pelé*)
- (iii) A expressão identificadora é sempre o **Foco** da clivada, enquanto a expressão que é identificada é denominada o **Tópico Dado** (TopD) da clivada. As funções

pragmáticas de Foco e TopD, na clivada, são em geral mapeadas respectivamente no predicado e no sujeito.

- (iv) O Foco (identificador) apresenta a informação mais saliente comunicacionalmente, ou seja, a informação que o falante acredita que seja nova para o ouvinte. Por outro lado, o TopD (identificando) apresenta a informação pressuposta, disponível para o ouvinte.
- (v) O TopD da construção clivada pode ser realizado por uma oração relativa livre, como em *What Peter found in the garden*, ou por uma relativa com um núcleo nominal geral ou classificatório, do tipo *thing, person, that, one* etc, como em *The thing that Peter found in the garden*. As relativas com núcleo nominal serão discutidas na próxima subseção.

É preciso não perder de vista que as clivadas prototípicas constituem um tipo particular de construção identificadora. Elas são comparáveis às identificadoras “normais” do tipo:

- (15) The winner of this game is John.

e a grande diferença entre elas é que nas clivadas prototípicas o TopD contém uma relativa:

- (16) a. The one who won this game is JOHN.
- b. The person who won this game is JOHN.
- c. JOHN is the one/person who won this game.
- d. It is JOHN who won this game.

2.2.2.2 Relativas com núcleos nominais

Dik (1997) defende que os núcleos nominais gerais e classificatórios estão presentes na estrutura subjacente da oração. Além disso, esses núcleos podem ser modificados por outros restritores, como mostra o exemplo em (17):

- (17) The most unexpected person who won this game is JOHN.

Segundo Dik (1997), o tratamento desses núcleos nominais levanta problemas para a interpretação das construções clivadas. Considere as sentenças em (18):

- (18) a. What I found is John's watch.
b. The thing I found is John's watch.
c. The watch I found is John's watch.

Há uma tendência em restringir a interpretação de clivada somente à (18a). Contudo, Dik inclui também na noção de clivagem a sentença (18b), mas não (18c). Isso se deve ao fato de que entre (18a) e (18b) praticamente não há diferença semântica. Por outro lado, se (18c) fosse incluída alargar-se-iam demais as possibilidades e as clivadas correriam o risco de serem reduzidas a sentenças identificadoras comuns, do tipo (19):

- (19) The silver watch is John's watch.

O *status* especial de nomes como *thing*, *person*, *one*, *time*, *reason*, *place*, *way* etc, é diferente daquele de nomes como *watch*, e é esse *status* especial que sugere que sentenças como (18b) sejam tratadas como clivadas.

Em meus dados há grande incidência de sentenças cuja relativa apresenta um núcleo nominal. Tomei o cuidado de separar sentenças em que o núcleo nominal é um elemento geral, classificatório, como em (20), das sentenças identificadoras “comuns”, em que o núcleo nominal tem um estatuto diferente e se aproxima mais de sentenças do tipo (18c), conforme exemplifico em (21). Os nomes gerais que mais aparecem nos meus dados são: *a coisa*, *a primeira coisa*, *uma das coisas*, *a causa*, *o melhor*, *o menos*, *o mais*, *a parte*, *o primeiro*, *o último*, *o único*, *a única coisa*, *a única pessoa*, *o único ponto*, *o único lugar*, *a única maneira*.

- (20) a. A coisa que me impressionou mais foi o tamanho do pão (*Certas Palavras*, p. 87)
nome + [relativa restritiva] + cóp. + [identificador]
b. As únicas pessoas que encham a casa dele são as das radionovelas (*Certas Palavras*, p. 98)
restritor + nome + [relativa restritiva] + cóp. + [identificador]
c. O único lugar que Tito conseguiu visitar foi Goiânia (*Certas Palavras*, p. 57)
restritor + nome + [relativa restritiva] + cóp. + [identificador]

d. A única coisa que eu mudaria no projeto, na preparação do barco, seria o travesseiro (*Certas Palavras*, p.25)

restritor + nome + [relativa restritiva]

+ cóp.+ [identificador]

e. A única coisa que eles fazia era isso, festa (L2, Meg)

restritor + nome + [relativa restritiva] + cóp. + [identificador]

f. a primeira pessoa que fui visitar foi o Bill Bradley (*Certas Palavras*, L.C.B. Pereira, p.200)

restr. + nome + [rel. restritiva] + cóp. + [identificador]

g. E fuppofto que a Hefpanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte della, que nos toca ao noffo Portugal, he a lingua. (Séc. XVII, *Serman da Quinta Domingo da Quarefma*, p. 395)⁹

Em (21)a, b, e, f e g os nomes *cidade*, *desejo*, *providências*, *remédio* e *façanha* parecem ter o mesmo estatuto de *watch* em (18c), por isso as sentenças são identificadoras “comuns”. Já (21)c-d se distanciam ainda mais das clivadas prototípicas, pois lhes falta a relativa.

(21) a. A única cidade que eu gostei mesmo foi Bahia e o Rio, né, qui é pur causa do mar (L2, Kok)

b. O meu único desejo, havia muito, era conhecer pessoalmente a V.Ex. (Séc. XIX, Joaquim Nabuco - *Cartas a Amigos Vol I*, p. 03).

c. Eu attendo-o com sancta paciência, e acabo por me persuadir que o mais infeliz d'esta casa não é elle. (Séc. XIX, C.Castelo Branco - *Correspondência*, p. 129).

d. ...e que pensam que o único producto da intelligencia humana é o *Times*. (Séc. XIX, Eça de Queiroz - *Correspondência*, p. 49)

e. ... porque as únicas providências que deixei para a minha Casa, foram as apertadissimas ordens...(Séc. XVIII, *Cartas*, 62)

f. O melhor e mais fácil remédio para este mal é lavar repetidas vezes com água de tabaco o lugar em que estão ferrados. (Séc. XVIII, *Diários de Viagem*, p. 132)

g. A mayor, & mais calificada façanha, que nefte mundo fe fez por Deos foy a de Abraham. (*Serman de Santa Theresa*, p. 260)

⁹ Uma leitura mais atual dessa sentença seria: E suposto que à Espanha coube a cabeça; cuido eu que a parte dela que nos toca ao nosso Portugal é a língua.

Há ainda, em meus dados, um conjunto de sentenças (22) em que o núcleo da relativa apresenta só o restritor e falta-lhe o nome classificatório ou geral, portanto, falta-lhe a referencialidade. As sentenças em (22) não foram classificadas como clivadas.

(22) a. Para naos grandes o surgidouro he bom mais par o sul defronte de hua praya em 15 braças que assy o affirmava o piloto que o sondou, só de loeste e noroeste fica desabbrigada, mas estes são ventos que aqui cursão pouco. O melhor que tem he hum rio de agoa doce muy grande chamado Onguelay, o qual uem correndo as raizes de hua serra, (*Um manuscrito seiscentista reencontrado*, p. 329).

b. O primeiro a quem mentis, he a vos. Não mentiraõ a cada hum. Aqui he que fe ha de por o refifto. Job, que conhecia muito bem a fimpatia das potencias com os fentidos, dizia: fiz concerto com os meus olhos, para eftar feguro dos meus penfamentos. (*Serman da Quinta Domingo da Quarefma*, p. 302)

c. Bem se deixa ver quando o Reyno de Portugal sintiria esta desgraça dos Olandeses (...), & Persas na tomada da fortaleza de Ormus; & o menos que se sentia era a perda da fazenda. (Séc. XVII, *Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal*, p. 23)

d. Meu caro Verissimo./ Antes de tudo, água. Deus lhe dê água, e o Floresta, seu profeta, também. Novamente escrevi e falei a êste. O mais que alcancei é que as obras necessárias darão o mesmo mal a outros, e assim o remédio será que Você tenha coisa maior para depósito. (Machado de Assis - *Epistolário* - a José Verissimo, p. 1045).

2.2.2.3 Expressão das Construções Clivadas

Como visto antes, o TopD da construção clivada pode ser realizado de várias maneiras, com relativa nucleada ou sem núcleo. Veja as possibilidades:

(23)	Núcleo	Relativo		
	the person	who	won this game	com núcleo
	the person	that	won this game	
	the one	who	won this game	
	the one	that	won this game	
	—	who	won this game	sem núcleo

(24)	Núcleo	Relativo		
	the thing	which	John read	com núcleo
	the thing	that	John read	
	the thing	—	John read	
	that	which	John read	
		what	John read ¹⁰	sem núcleo
	—	which	John read	
	—	what	John read	
	—	—	John read	

Dik (1997) mostra que as diferenças entre as realizações do TopD podem explicar a tradicional distinção entre construções clivadas e pseudo-clivadas do inglês. Para entender como isso acontece é preciso rever os padrões de ordenação das orações do inglês:

(25) Padrão das Declarativas: P1 S Vf Vi O X

Ex: Perhaps John has seen an ostrich in the zoo.

P1 S Vf Vi O X

P1 indica uma posição especial onde os constituintes Tópico ou Foco podem ser colocados, a menos que esteja ocupada por algum constituinte do tipo palavras-Q, pronomes relativos ou conectores subordinativos. S é a posição do elemento com função de sujeito; Vf e Vi são respectivamente posições para os verbos finitos e infinitos; O é a posição para constituintes com a função de objeto, e X é a posição indicada para constituintes satélites.

(26) Padrão das Interrogativas-Q: P1 Vf S Vi O X

Ex: Where did John see an ostrich yesterday?

P1 Vf S Vi O X

Dik (1997) adverte que esses dois padrões não dão conta de todas as construções do inglês, e por isso, acrescenta mais um padrão:

(27) P1 Vf Vi S X

para explicar sentenças como:

- (28) Not so successful has been his attempt at breaking the record.
 (29) There have been three men at the door.

Tendo esclarecido os padrões de ordenação, Dik (1997) tenta explicar (24) à luz de duas regras:

- (i) se o TopD é realizado por uma relativa nucleada, então
 (a) o padrão (27) é relevante
 (b) o TopD ou o Foco podem ser colocados em P1

A regra (i) pode gerar as realizações de (30), em que o TopD está em P1 e as sentenças são pseudo-clivadas, ou de (31), em que o Foco está em P1, e as sentenças são pseudo-clivadas com a ordem invertida.

- | | | | |
|------|---|---|---|
| (30) | a. The thing which/that/Ø John read
b. That which John read
c. What John read | [| is THIS PAPER |
| (31) | a.
b. THIS PAPER is
c. | [| The thing which/ that/Ø John read
That John read
What John read |

- (ii) se o TopD é realizado por uma sentença relativa sem núcleo, então
 (a) o padrão (25) é relevante,
 (b) o TopD só pode ser colocado em X,
 (c) o *it* é inserido na posição S

Essa regra produz sentenças como (32), que compreende uma *dummy-cleft*:

- (32) It is THIS BOOK which/that/Ø John read.

Nesse caso, o TopD não pode ir para P1 em virtude da atuação de um princípio de ordem, referido como LIPOC (Language Independent Preferred Order of Constituents), que

¹⁰ *What John read* é vista como uma expressão fundida de núcleo mais elemento relativo.

determina que a ordem dos constituintes na oração deve favorecer à sequência: CLITIC > PRO > NP > NPP > V > NP > PNP > SUB¹¹. Assim, se o TopD é uma oração relativa sem núcleo, ele não pode ser colocado em P1, e em justificativa à LIPOC, ele deve ir para o final da sentença.

Embora essas regras tenham sido formuladas para o inglês, há alguns aspectos que se pode generalizar para outras línguas:

- (i) possibilidades alternativas para o constituinte TopD;
- (ii) restrições sobre a colocação do TopD dependendo da escolha feita em (i);
- (iii) possibilidade geral de que o TopD ou o Foco possam ir para P1.

2.2.2.4 Construções de foco com predicado “adpositional”

Dik (1997) discute um tipo de construção de foco muitas vezes associado com clivagem, mas que, segundo ele, é uma construção que difere estrutural e semanticamente das clivadas prototípicas. São as chamadas construções de foco com predicado “adpositional”. Compare as duas construções em (33) e (34):

- (33) a. It was JOHN with whom I went to New York.
b. It was JOHN that I went to New York.
- (34) a. It was WITH JOHN that I went to New York.
b. It is GOOD that have gone to New York.

Conforme a análise de Dik (1997), (33) e (34) têm estruturas subjacentes diferentes e a oração-*that* das sentenças em (34) não são relativas. Além disso, em termos semânticos, as sentenças de (33) são identificadoras, enquanto as de (34) são indicações de propriedades, mas não identificadoras, já que nenhuma identidade é estabelecida entre *that I went to New York* e *with John*, ou entre *that have gone to New York* e *good*.

Meus dados mostram que no português, sentenças em algum sentido similares a (34a) são muito produtivas. Veja alguns dos meus exemplos:

- (35) a. ... não é **por vontade própria** que eu entraria na política... (Joaquim Nabuco - *Cartas a Amigos* Vol I, p. 27)

¹¹ CLITIC = clítico, PRO = pronome, NP = sintagma nominal, SUB = oração subordinada. NPP e PNP não são esclarecidos pelo autor.

b. No nosso século a poesia tem raízes mais fundas do lado da inteligência do que do lado do coração - e é por isso que Goethe aconselhava os poetas que estudassem filosofia. (*Cartas de Antero de Quental* - p. 14)

c. **Ante-ontem só é que** recebi uma alíás deliciosa carta do Rodrigo, que me sossegou bem. (*Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*, p. 327)

Sentenças como estas em que o elemento focal é um advérbio ou sintagma preposicional, segundo Dik (1997), são um tipo especial de construção de foco, mas não são clivadas, por não possuírem leitura de identificação. Creio que à primeira vista elas não tenham mesmo uma leitura de identificação ou, pelo menos, que não haja constituintes explícitos que garantam essa leitura. Contudo, nesse trabalho incluo sentenças como as de (35) no rótulo das clivadas, e sugiro que a língua portuguesa admite a leitura de identificação por meio das seguintes operações:

- (36)
- a. o modo como eu entraria na política não é por vontade própria.
 - b. o motivo/a razão/a causa pelo(a) qual Goethe aconselhava os poetas que estudassem filosofia é por isso (=a poesia tem raízes mais fundas do lado da inteligência que do lado do coração)
 - c. quando recebi uma carta do Rodrigo foi ante-ontem.

2.2.2.5 Focalização de Predicados

Segundo Dik (1997), em inglês, a focalização de predicados requer um tipo mais complexo de construção. Por exemplo, para se focalizar um predicado por meio de uma clivada é preciso formar estruturas como (37):

- (37)
- a. It is TEACH(ING) that he does for a living.
 - b. What he does for a living is TEACH.

em que o predicado toma uma forma não-finita e um verbo suporte, o *do*, é inserido no TopD. As diferenças são maiores quando o predicado é transitivo, como em:

- (38)
- a. John kissed Mary.
 - b. What John did was KISS MARY.
 - c. What John did to Mary was KISS her.

Em (38b), o foco está sobre toda a oração *kiss Mary*. Em (38c), o foco está somente no predicado, ao qual é adicionado um objeto pronominal *her*, e o alvo do verbo *kiss*

aparece na forma do sintagma preposicional *to Mary*. No português parece haver casos semelhantes:

- (39) a. João foi pescar
b. O que João fez foi PESCAR.

Na análise que Dik (1997) oferece para essas construções, o TopD da sentença (38b), *What John did was*, é um termo que se refere a uma ação de *John*, e *kiss Mary* não é um predicado, mas um termo predicacional realizado na forma de uma construção infinitiva. Em outras palavras, nessas construções a relação continua sendo entre dois termos: um termo é sempre identificado com outro termo.

Em meus dados, a focalização de predicados é pouco freqüente, como mostrarei no Capítulo 05. Os exemplos que tenho se relacionam com PC ou com SER, e em todos eles há sempre dois verbos (às vezes, um é modal), um integrando o TopD e o outro, o Foco, conforme (40):

- (40) a. Eu posso proteger os teus amores com teu marido. O que não poderei é defendê-los. (Julio Dantas, *Um serão nas Laranjeiras*, p. 129)
b. Maria Déa: Você devia era ter vergonha. (Raquel de Queiroz - *Lampião* - p. 5)
c. Você só sabe é falar. (Raquel de Queiroz - *Lampião* - p. 9)
d. o que muito facilmente e muito naturalmente me pode acontecer é enganar-me. (*Cartas de Antero de Quental* - p. 37)

2.3 O Funcionalismo de M. A. K. Halliday (1967, 1985)

Halliday (1967) sustenta o relacionamento entre a estrutura da sentença e as funções da linguagem, de modo que as diversas funções desempenhadas devem ter sua representação na estrutura. As três funções básicas que Halliday menciona estão relacionadas a três sistemas ou conjuntos de opções, que combinados compõem a estrutura da sentença, a saber: i) **sistema de transitividade**: conjunto de opções ligado à representação lingüística da expressão extralingüística; é ele que especifica os papéis dos constituintes sentenciais como *agente*, *alvo*, *beneficiário* etc. Diz respeito à Função Ideacional; ii) **sistema de modo**: conjunto de opções ligado aos papéis da fala, especifica funções como *sujeito*, *predicado*, *complemento*, *finitude*. Diz respeito à Função Interpessoal; e, iii) **sistema de tema**: conjunto

de opções ligado à estrutura informativa da sentença, ao *status* dos elementos, enquanto componentes de uma mensagem. Diz respeito à Função Textual.

Nesse trabalho citado, publicado em três etapas sob o título de *Notes on transitivity and theme in English*, é encontrada uma descrição extremamente detalhada das opções estruturais das sentenças do inglês. Algumas seções da Parte 2 são dedicadas especificamente ao exame do que o autor chama de sentenças Identificadoras e Predicativas do inglês, similares, respectivamente, às pseudo-clivadas e clivadas do português. Embora essa publicação seja relativamente antiga, desconheço outros trabalhos que tenham oferecido de maneira tão minuciosa uma teorização da clivagem.

Nessa seção, me restrinjo a exposição de i) uma pequena parte do componente ideacional - sistema de transitividade - relativa à classificação das orações com os diferentes verbos *be* do inglês, e ii) dois conjuntos de opções do componente textual - sistema de tema - que são Identificação e Predicação.

Nas opções de transitividade, Halliday (1967) distingue tipos de orações como base nos tipos de processos expressos e nos papéis participantes desses processos. Ele separa orações em que o processo é **ação**, daquelas em que o processo é **atribuição**. As primeiras são chamadas de extensivas e selecionam verbos de 1ª e 2ª classes (respectivamente, um e dois participantes), e as últimas são chamadas de intensivas e selecionam verbos da classe zero (complemento intensivo). As extensivas, por sua vez, são classificadas em **efetivas** e **descritivas**, conforme o verbo seja respectivamente da 2ª e 1ª classe. As efetivas, aquelas com verbos da 2ª classe, são classificadas em operativas e receptivas, ou seja, ativas e passivas. O esquema abaixo torna mais clara essa classificação dos tipos oracionais, que não é exaustiva (Halliday amplia essa classificação), mas é suficiente para os meus propósitos:

<i>extensivo</i>	oração de ação, verbo da classe não-zero	
<i>efetivo</i>	seleciona verbo da 2ª classe	
<i>operativo</i>	ativo	(<i>she washed the clothes</i>)
<i>receptivo</i>	passivo	(<i>the clothes were washed</i>)
<i>descritivo</i>	seleciona verbo da 1ª classe (<i>the prisoners marched</i>)	
<i>intensivo</i>	oração de atribuição, verbo da classe zero. pede complemento intensivo. (<i>she looked happy</i>)	

Segundo Halliday (1967), no inglês, há três verbos lexicais *be*, que correspondem às classes 0, 1 e 2. Ele considera mais de perto os verbos *be* das classes 2 e 0, com o intuito de mostrar que algumas orações com *be* são extensivas e outras intensivas.

As orações com verbo *be* da classe 0 são as atributivas ou intensivas e podem ser parafraseadas por *pode ser caracterizado como, têm o atributo de ser*, como, por exemplo, sentenças como *John is a teacher* e *John is very rich*, em resposta a questões relacionadas a atributos ou qualidades de um indivíduo.

- (41) What is John? John is a teacher.
 How rich is John? John is very rich.

Nas intensivas, os dois papéis participantes, o de atributo e o de receptor da atribuição, não são passíveis de reversão. Além disso, o atributo, que é um complemento obrigatório, não pode ser pronome ou nome próprio, mas pode ser um adjetivo.

Já as orações com *be* da 2ª classe são as extensivas efetivas e podem ser parafraseadas por *identifica* ou *é identificável como, pode ser igualado com*. Essas sentenças, chamadas também de **equacionais**, são reversíveis e respondem questões de identificação. O complemento das equacionais pode ser um pronome ou nome próprio, mas não um adjetivo. Veja o exemplo:

- (42) Which is John?
 John is the tall one ou The tall one is John

Essas considerações acerca das opções de transitividade se fizeram necessárias, porque são essenciais para o entendimento de duas opções relacionadas a tematização, referidas como Identificação e Predicação, que passo a discutir agora. Isso mostra que os sistemas propostos por Halliday (1967) não podem ser entendidos isolados um do outro, tanto que, em vários trechos das *Notes*, o autor faz uso de um componente ou sistema para explicar o outro.

2.3.1 Identificação

A identificação constitui uma forma particular de organização de informação e é discutida por Halliday (1967) no quadro das opções temáticas. Sintaticamente, as orações

identificadoras são i) equacionais, e, portanto, SN1 é identificado com SN2, com possibilidade de reverter; e, ii) *cleft*, por isso têm correspondentes não-*clefts* ou não identificadoras. Halliday apresenta alguns critérios segundo os quais pode-se reconhecer uma identificadora. Nos próximos parágrafos procuro sintetizá-los.

Nem todas as equacionais são identificadoras, mas somente um subconjunto delas. As identificadoras são as equacionais que comportam uma **nominalização**. Portanto, equacionais simples, do tipo *the leader is John* (ou *John is the leader*) não são identificadoras por não possuírem uma nominalização. A noção de nominalização, bem como sua extensão não são absolutamente claras em Halliday. Num primeiro momento, o autor sugere que a nominalização é uma expressão que contém um elemento-wh e que é construída a partir de uma oração não equacional. Em outro, ele afirma que a nominalização é uma construção em que o núcleo é um substantivo de significação plena. Assim, em uma identificadora do tipo *What John saw was the play*, Halliday assegura que exceto a cópula (*was*) e o constituinte *the play*, tudo o que resta é a nominalização. Ilari (1975) propõe que se amplie a noção de nominalização para além de uma construção sintática precisa, de forma que a construção *nome + sentença relativa* possa realizar sintaticamente a nominalização. Isso significa incluir sentenças do tipo *A pessoa que lavou o carro a semana passada foi meu sobrinho*¹².

Todas as orações identificadoras têm uma **contrapartida não-identificadora**, ou seja, *John saw the play* é a contrapartida não-identificadora de *What John saw was the play*.

As equacionais em geral e também as identificadoras têm dois segmentos que desempenham as funções de **identificando** ou a coisa a ser identificada e **identificador** ou aquilo com o qual o primeiro é identificado. Nas equacionais do tipo interrogativas-wh, o elemento-wh é sempre o identificador. Na resposta, o identificador é sempre aquele que preenche o elemento-wh, não importando a ordem:

- (43) Who is the leader?
 the leader is John ou
 John is the leader

¹² São as relativas com núcleo nominal, referidas por Dik (1997).

Nas equacionais ‘simples’ não há restrições sobre a distribuição das funções de identificando e identificador, ou seja, na equacional *John is the leader*, tanto *John* como *the leader* podem ser o identificando, dependendo da pergunta *which is John?* ou *which is the leader?* No entanto, nas equacionais identificadoras, o identificador geralmente é um constituinte e o identificando é sempre a nominalização, que pode abarcar vários constituintes. Nas sentenças abaixo, o identificador é distinguido do identificando ou nominalização pela forma sublinhada.

- (44) the one who painted the shed last week was John.
 What John painted last week was the shed.
 When John painted the shed was last week.
 What John did to the shed last week was (to) paint it.

É possível que dois ou mais elementos façam parte do identificador, desde que o predicado esteja entre eles:

- (45) What happened to the shed last week was that John painted it.
 What John did was to paint the shed last week.

Halliday assegura que ser equacional e possuir uma nominalização são condições necessárias, mas não suficientes para que uma sentença seja identificadora. Uma sentença pode ter nominalização e não ser equacional, como, por exemplo, *What John saw surprised him* ou *the one who painted the shed will have to do it again*. Por outro lado, há casos em que a nominalização corresponde ao identificador, como no exemplo (46)

- (46) Which is John?
 John is the one who painted the shed.

em que *the one who painted the shed* é o identificador de *John*. Mas, casos como este, segundo Halliday, não se tratam de identificação, o que é mostrado pelo fato de que a contrapartida não identificadora *John painted the shed* não serve como resposta para *Which is John*.

Na situação comunicativa, o identificador carrega a noção de **exclusividade**. O que equivale dizer que em *What John saw was the play, the play* (e nada mais) é a opção selecionada por *John*, em exclusão às demais possibilidades sugeridas pelo contexto. O fato de selecionar um elemento em detrimento de outros gera leitura de contraste.

todas as identificadoras devem ter uma contrapartida não-identificadora. Portanto, a identificação é uma maneira de representar qualquer oração como uma equacional *encoding*, com a nominalização compreendendo as funções de valor e identificando.

Assim, segundo Halliday, os critérios que uma sentença deve obedecer para que seja identificadora são os seguintes: i) caráter *cleft*; ii) estrutura equacional; iii) contrapartida não-identificadora; iv) presença de uma nominalização; v) não aceitação de adjetivos como complemento; vi) funções de identificando/identificador; vii) noção de exclusividade do identificador; viii) a nominalização mapeada no identificando; ix) a nominalização sintaticamente mapeada no predicado, no valor; e x) a nominalização tematicamente mapeada no tema e informacionalmente, no dado.

2.3.2 Predicação

A predicação é uma outra opção relevante dentro do componente textual. As predicativas ou sentenças com tema-predicado são, segundo Halliday (1967), sentenças como essa em (50):

(50) It was John who broke the window

que possui uma estrutura equacional, com o verbo *be* da 2ª classe, e também tem a contrapartida não-equacional: *John broke the window*. O constituinte *John* funciona como identificador e *it...who broke the window*, como identificando. Desse modo, estruturalmente, a predicação mapeia a função de identificador sobre aquela de tema, dando a este uma proeminência explícita em termos de exclusão, ou seja, '*John* e nenhum outro está sob consideração'.

Considere (51) e (52) abaixo:

(51) Ricardo Semler: Em termos de matéria-prima, o problema não é muito sério. Nas nossas fábricas de São Paulo, 40% ou mais do nosso pessoal é de origem nordestina, e é **essa gente que está fazendo todas essas inovações**. Portanto, não é problema de matéria-prima original. (*Certas Palavras*: Celso Furtado, p. 49)

¹³ A estrutura informativa, tal como entendida por Halliday, será discutida na seção 5.1, que trata de *status* informacional.

- (52) Ele e o Abgar Renault são os únicos que dão a sensação generosa de entregar os pontos. (*Mario de Andrade - Cartas a Murilo Miranda, p.67*)

Em português, (51) é uma predicativa equacional, com verbo da 2ª classe. Nela, *essa gente* identifica *alguém que está fazendo todas essas inovações*. Em contraste, (52) é uma sentença atributiva, com verbo da classe zero.

Segundo o autor, o significado das predicativas está próximo daquele das identificadoras, e a diferença fundamental entre elas estaria relacionada ao **tipo de proeminência**, o que me parece um critério muito frágil. Assim, na identificação a proeminência seria cognitiva: 'John e nenhum outro quebrou a janela', enquanto na predicativa ela seria temática: 'John e nenhum outro é o tópico da sentença'. A proeminência temática é uma forma de informação nova e, portanto, o elemento 'predicado' é o foco informativo na opção não-marcada. Halliday (1967) observa que, na maioria dos exemplos, as identificadoras e predicativas parecem idênticas, contudo há elementos que funcionam como identificadores em predicativas, mas não em identificadoras, como é o caso de (53) abaixo:

- (53) // it was in spite of the cold that he went swimming //

Quanto às possibilidades estruturais dessas construções, Halliday mostra que o verbo incluso na nominalização realiza de forma independente as opções de polaridade (afirmação/negação) e de modo, mas não as de tempo.

Os elementos que podem ocupar a função de identificador incluem todos os temas cognitivos, marcados ou não. Verbos e predicativos do sujeito não satisfazem essa função. É possível que a predicação incida em outro elemento que não o tema da sentença não-predicativa, como, por exemplo, em:

- (54) // yesterday it was John who was given a prize //

em que *yesterday* é o tema da sentença não predicativa e *John* é o termo predicado.

Finalmente, Halliday (1967) examina casos de sentenças predicativas em que não há um tema predicado explícito, como em (55) abaixo.

- (55) // It isn't that I don't want to //
// It must be that he is out of the town //

No português, também encontrei sentenças que, de certa forma, são similares a (55). Elas possuem características de clivadas (predicativas), mas o constituinte focal não é apresentado explicitamente. Veja um exemplo em (56):

- (56) Você anda de avião, anda a cavalo, anda a pé, e só vê terra não-cultivada, mas toda ela tem dono. Então é um país que permite que toda a terra seja apropriada por quem não a cultiva e não a fecunda. O povo não está na cidade porque na cidade tem emprego; é que ele foi expulso da fazenda, que não quer mais ninguém lá. (*Certas Palavras*, Darcy Ribeiro, p. 93)

Creio que a sentença em (56) possa ser interpretada como ‘a causa que faz com que o povo esteja na cidade (não é que na cidade tem emprego) é que ele foi expulso da fazenda’, que é semelhante a uma identificadora, com leitura contrastiva explícita. Essas construções mereceriam um estudo separado. Veja outros exemplos:

- (57) E lhe expliquei que isso se devia a dois motivos. Primeiro, porque há um enorme desconhecimento a respeito de dívida externa - meu livro tenta ajudar a explicar um pouco essas coisas. Segundo, é que as elites brasileiras, especialmente as elites empresariais, são contra qualquer atitude mais firme. (*Certas Palavras* - L.C. Bresser Pereira, p. 197)
- (58) Mas até aí eu fui contista, jornalista, repórter, fotógrafo, fiz correspondência de imprensa. Não é que nós tenhamos trilhado pelos mesmos caminhos, não. É que realmente somos filhos dos mesmos pais e crescemos num mesmo ambiente, e as influências tinham fatalmente que ser as mesmas. (*Certas Palavras* - Zélio A. Pinto, p. 293)

A sentença em (57) pode ser parafraseada por *O motivo/a razão a que isso se deve é que as elites são contra qualquer atitude firme*. Observe ainda o paralelismo entre a sentença iniciada pelo *é que* e o enunciado anterior: *Primeiro, porque....* e *Segundo, é que...* Já na sentença em (58), a expressão *é que* pode ser intercambiável com o operador prototípico das orações causais, o *porque*.

2.4 Sumário

As propostas funcionalistas de Dik (1997) e Halliday (1967) apresentam diversos pontos em comum. Em linhas gerais os autores concordam: i) que as clivadas são identificadoras; ii) que se pode distinguir um elemento identificando e outro identificador; iii)

que o identificador é o foco; iv) que a parte pressuposta é constituída por um relativa com ou sem núcleo (nominalização, nos termos de Halliday); e, v) que na opção não-marcada, o identificador é novo e o identificando é dado. Em certos aspectos uma proposta é mais completa, em outros, a outra que o é.

Depois de ter refletido sobre essas duas propostas teóricas, estabeleci que nesse trabalho as sentenças clivadas e pseudo-clivadas são entendidas como sentenças necessariamente identificadoras em que uma entidade é identificada com outra entidade, e que a escolha da entidade identificadora correta exclui outras possibilidades, disparando uma leitura de contraste entre a entidade selecionada e as não selecionadas. Portanto, a noção de contraste é inerente a essa construção. Além disso, todos os outros critérios de Halliday, e também os de Dik, são considerados em meu entendimento de clivagem. Faço apenas algumas ressalvas:

- (i) as sentenças exemplificadas em (12), que segundo Dik são clivadas prototípicas, e na literatura lingüística são muitas vezes denominadas pseudo-clivadas invertidas, serão discutidas em alguns momentos, mas não receberão o mesmo tratamento especial que as cinco variantes clivadas descritas e exemplificadas no capítulo 01. A pseudo-clivada invertida foi pouco estudada e a ela reservo futuras pesquisas;
- (ii) Dik (1997) argumenta que as sentenças cujo identificador (foco) é realizado por expressões indefinidas não fazem parte do grupo prototípico das sentenças clivadas. Embora as expressões indefinidas na posição de identificador não sejam as mais comuns, as sentenças com essa característica são clivadas e, portanto, em minha pesquisa elas são consideradas (rever exemplo (14)) ;
- (iii) As sentenças do tipo exemplificado em (35), semelhantes à (34a), que para Dik (1997) é uma construção de foco, mas não clivada por não possuir, segundo ele, leitura identificadora, aqui são consideradas clivadas verdadeiras e, como foi mostrado, a leitura de identificação para as sentenças em (35) é uma possibilidade da língua portuguesa; e,
- (iv) A leitura de identificação é admitida (estendida) para todas as variantes clivadas do português. No caso das CLIVs e PCs, ela é facilmente aceitável, mas para as demais o reconhecimento da leitura identificacional requer uma certa flexibilidade. Para

inclusão das É QUE, QUE e SER no conjunto das identificadoras é preciso fazer um esforço e abrir mão da explicitude do identificando. Assim, nessas variantes clivadas o identificador está formalmente presente, enquanto o identificando, que não é realizado por nominalização, fica subentendido. Em uma SER do tipo *eu quero é dinheiro*, *dinheiro* identifica alguma coisa que eu quero, e em sentenças como *ele é que comprou* e *ele que comprou*, *ele* identifica a pessoa que comprou.

2.5 Revisão Bibliográfica

A bibliografia sobre as sentenças clivadas é bastante numerosa e evidencia análises realizadas ora sob o ponto de vista formal, ora sob o ponto de vista discursivo. Na década de setenta, sob a perspectiva formalista, citam-se as contribuições de Akmajian (1970), Schachter (1973) e Gundel (1977). Sob essa perspectiva se destacam, no Brasil, os trabalhos recentes de Lopes-Rossi (1994, 1996) e Modesto (1995). Paralela à abordagem formal está a discursiva, que enfatiza as razões pragmáticas que favorecem o uso das clivadas e que tem o trabalho de Ellen Prince (1978) como pioneiro. Além de Prince, os principais trabalhos sob esta vertente são o de Geluykens (1988) e Collins (1991), no estudo das clivadas do inglês; os de Lambrecht (1988) e Barnes (1988), no estudo das clivadas do francês; o de Sedano (1990), no estudo do espanhol; e os de Braga (1989, 1991) e Braga & Silva (1992), no estudo português.

2.5.1 Prince (1978)

Ellen Prince (1978) compara as *wh-cleft* e *it-clefts* no discurso, buscando evidenciar que essas sentenças não são intercambiáveis, mas que desempenham diferentes papéis, pelo menos em algumas situações. As *it-clefts* são as *clefts* propriamente ditas e são descritas da seguinte maneira: *It is/was C¹ which/who(m)/that/£ S-C¹*, em que *S-C¹* = *Sentença menos C¹*. As *wh-clefts*, também conhecidas como *pseudo-clefts*, são descritas como *What S-C¹*

is/was C', em que $S-C' = \text{Sentença menos } C'$ ¹⁴. São excluídas todas as *wh-clefts* iniciadas por núcleo lexical (*the one, thing, etc.*).

Quando comparados os domínios sintáticos dessas sentenças, surgem as primeiras diferenças. Como se vê nos exemplos abaixo¹⁵, as *it-clefts* e *wh-clefts* diferem quanto à categoria gramatical do constituinte que ocupa a posição de foco. Ambas aceitam sintagmas nominais nessa posição (59), mas advérbios (60) e sintagmas preposicionais (61) ocorrem mais freqüentemente nas *it-clefts*, enquanto sintagmas verbais (62) e sentenças (63) aparecem mais relacionados às *wh-clefts*. Nos exemplos, o elemento focal aparece em negrito. A autora salienta que as *it-clefts* realçam sintagmas nominais animados e inanimados com a mesma facilidade, já as *wh-clefts* parecem realçar prioritariamente os inanimados.

- (59) a. ...it is **the grammatical relations of the deep structure** that determine the semantic interpretation. (Chomsky 1970).
b. What we have is simply **a principle of cooperation** (Lasnik 1976).
- (60) a. It was **then** that I became a young revolutionary.
b. * When I became a young revolutionary was **then**.
- (61) a. It is **against pardoning these** that many protest.
b. * What/Where/How many protest is **against pardoning these**.
- (62) a. What that does is **tend to rob Ervin and the Grand jury with yet a third investigation group**.
- (63) a. What you are saying is **that the president was involved**.

Quanto ao domínio discursivo, as diferenças estão correlacionadas ao tamanho médio dos constituintes focalizados e pressupostos (os termos foco/pressuposição são entendidos conforme propostos por Chomsky (1970) e seus colaboradores). Prince observa que os resultados obtidos para as *wh-clefts*, segundo os quais o constituinte pressuposto é consideravelmente menor que o focal, parecem intuitivamente corretos, uma vez que há uma tendência em igualar pressuposição lógica com informação dada/conhecida, e igualar foco com informação nova. Em outras palavras, é natural que a informação conhecida seja

¹⁴ Essa descrição foi adotada por Braga, Sedano e também por mim.

¹⁵ Todos os exemplos mencionados foram extraídos dos trabalhos dos respectivos autores.

codificada em poucas palavras, e que a nova seja codificada com número maior de palavras e com mais detalhes. Por outro lado, os resultados para as *it-clefts* causam surpresa, pois nem sempre seguem essa tendência, daí a necessidade de um exame mais criterioso dos fatores discursivos relevantes.

Prince sugere que as *wh-clefts* obedecem a uma condição segundo a qual elas só ocorrem coerentemente no discurso se o material interno à oração relativa representar o conteúdo que o falante assume estar na consciência do ouvinte no momento da enunciação. A porção antecedente das *wh-clefts*, que deve estar na consciência do ouvinte, funciona, segundo Prince, como um ‘gancho’ e pode ser realizada por diferentes unidades, como:

- a. *Informação Explícita*: informação dada explicitamente no contexto linguístico precedente ou no contexto não-linguístico.

(64) ‘...in Haviland and Clark (in press) they say that...Certainly What they are talking about is...’ (Chafe 1976:42)

‘You see, What I am doing, John, is putting you in the same situation as Pres. Eisenhower put me in with Adams’. (Nixon in *PT*, 278)

- b. *Informação Implícita*. Prince lembra que o limite entre a informação explícita e implícita é muitas vezes vago.

(65) ‘At first contact he developed a furious hatred for the party of the Social Democrats. “What most repelled me”, he says, “was its hostile attitude toward the struggle for...”’ (Shirer, 22)

- c. *Contraste*.

(66) ‘Our position is a dinamic one. It will be more and more refined as conditions change in the course of the struggle. What is constant is our commitment to a revolutionary emancipation of Ethiopia’ (*Challenge*, p. 1)

- d. *Antecedentes Metalingüísticos, e os verbos ‘to happen’ e ‘to think’*. A autora admite que falante e ouvinte agem de maneira cooperativa em uma situação de interlocução, e por isso as atividades linguísticas e metalingüísticas do falante são de interesse para o ouvinte. Isso explicaria a realização bem sucedida de *wh-clefts* com verbos como *think, know, say, happen*. Veja os exemplos (67) e (68) abaixo. Da mesma forma, no português, as PCs podem ocorrer com os verbos *acontecer, dizer, falar* e verbos de percepção.

- (67) N: '...There is something to be said for not maybe this complete answer to this fellow, but maybe just a statement to me. My versions are these: bing, bing, bing. That is a possibility.'
 D: 'Uh huh.'
 N: 'What I mean is we need something to answer somebody'.

- (68) H: 'He said, yes, he thinks John Dean did lie to the FBI when he said he wasn't sure whether Howard Hunt had an office in the White House.'
 D: 'I said I had to check it out. What happened is that the agent asked if he could see the office...'.

Prince distingue duas variantes de *it-clefts*, conforme o foco ou a pressuposição sejam prosodicamente acentuados. Nas *it-clefts* com foco acentuado, o elemento focal codifica informação nova, muitas vezes contrastiva, assim como nas *wh-clefts*. A diferença entre as duas repousa no tipo de pressuposição. Como mencionei antes, nas *wh-clefts*, a oração relativa representa o conteúdo que o falante admite estar na consciência do ouvinte, já nas *it-clefts* com foco acentuado, a oração-*that* representa informação 'velha', 'conhecida', independentemente da noção de consciência. Segundo Prince, essa diferença é aquela entre o Dado (velho ou conhecido, da própria autora) e o Tema, de Halliday (1967). Em (69), a oração-*that* é conhecida a partir do fato de que o falante *sew books*.

- (69) '...So I learned to sew books. They're really good books. It's just the covers that are rotten.
 (Bookbinder in Terkel, 409)

As *it-clefts* com pressuposição informativa são aquelas em que a pressuposição acentuada codifica informação conhecida para algumas pessoas, mas não para o ouvinte pretendido, por exemplo (70), que é um trecho de jornal. Prince explica que, nesse caso, se fosse usada a sentença não-clivada *Fifty years ago, H.F. gave...* em lugar da clivada, a impressão que se teria é que o jornal é que tinha descoberto a informação da oração-*that*. Já o uso da *it-cleft*, que é adequado, sinaliza que essa informação é conhecida, ainda que não para os leitores.

- (70) It was just about 50 years ago that Henry Ford gave us the weekend. On september 25, 1926, in a somewhat shocking move for that time, he decided to establish a 40-hour work week, giving his employees two days off instead of one' (PB, p.3L)

Além disso, este tipo de *it-cleft* é frequente em narrativas históricas, em situações em que o falante deseja se abster da responsabilidade de uma verdade contida em uma declaração e até como estratégia de polidez.

Os termos *given* e *known* são usados por Prince, respectivamente, no sentido de informação que o falante cooperativo pode admitir estar apropriadamente na consciência do ouvinte; e como informação que o falante representa como sendo factual e como já conhecida por certas pessoas, muitas vezes não incluindo o ouvinte. O primeiro é relevante para as *wh-clefts* e o segundo, para as *it-clefts*.

Prince termina o artigo sustentando a não-intercambialidade entre estas sentenças, que têm distribuições e funções específicas. Além disso, salienta a importância de estudar todas as construções sentenciais sob o ponto de vista do discurso, já que nele é que as funções comunicativas podem ser observadas.

2.5.2 Geluykens (1988)

Nesse artigo, Geluykens se empenha em mostrar que no inglês há cinco tipos de sentenças clivadas funcionalmente diferentes, duas variações de *it-cleft* e três de *wh-cleft*. Inicialmente, ele procura tornar claros os conceitos teóricos que utilizará em sua análise, desenvolvendo suas próprias definições operacionais. O conceito de *foco*, que depende parcialmente do *status* dado/novo, é um exemplo disso.

Segundo Geluykens, os conceitos de *givenness*, tal como propostos por Halliday, Chafe e Clark & Haviland (todos citados pelo autor) são insuficientes quando aplicados a dados reais de fala. Como alternativa, ele propõe que *givenness* seja entendida em termos de recuperabilidade. Assim, a informação recuperável é aquela derivável a partir do contexto linguístico ou extralinguístico, enquanto a informação não-recuperável é aquela não derivável. Essa noção de recuperabilidade é semelhante à de Halliday, diferindo dela em um aspecto importante. Para Geluykens, a recuperabilidade decorre da presença/ausência de um elemento no contexto; para Halliday, a recuperabilidade depende de hipóteses do falante. Além disso, Geluykens admite a recuperabilidade como um fenômeno escalar, com itens mais e menos recuperáveis.

A informação não-recuperável é vista como a mais focal e, portanto, mais saliente comunicativamente. O foco, entretanto, é definido por Geluykens não apenas nesses termos; o fator contraste também é considerado. Desse modo, a definição operacional de foco visada pelo autor é aquela que reúne recuperabilidade e contraste: a informação focal é a informação altamente irrecuperável ou contrastiva, ao passo que a informação não-focal é não-contrastiva e altamente recuperável. A tendência geral de ordenação linear de informação é da mais alta para a mais baixa recuperabilidade.

As *it-clefts* (ITCs), diz Geluykens, são sentenças introduzidas pelo *it* (ocasionalmente pelo *this*), juntamente com uma forma do verbo *to be*, ambos seguidos por um preenchedor que vai fornecer a informação que falta na oração que aparece sempre no final. Essa oração final vem precedida por um iniciador do tipo *that*, *who*, *which*, *when*, *since* e $\emptyset$. Há dois tipos de ITCs funcionalmente distintos, conforme a informação focal esteja no preenchedor ou na oração. Nos exemplos a seguir¹⁶, as formas negritadas sinalizam o foco:

ITCs com foco no preenchedor: é o tipo mais comum de ITC. Em (71) e (72), os preenchedores focais são respectivamente informação contrastiva e informação altamente não-recuperável:

- (71) A: it can't be limited by the time factor
 B: well # it's // **money you know** that LIMITS you #
 it+to be preenchedor inic. oração

- (72) B: a expression Caucasian meaning white-skinned.
 B: so why on earth # it was **the A//MERICANS** who started # //
 it+to be preenchedor inic. oração

ITCs com foco na oração: em (73) e (74), é a oração final que introduz informação não-recuperável sobre o referente recuperável do preenchedor.

- (73) B: Joe Wright you mean

¹⁶ Estou transcrevendo os exemplos da mesma forma como o autor os apresentou. O *corpus* utilizado por Geluykens foi coletado na Inglaterra e o sistema de transcrição segue os padrões do inglês. As letras maiúsculas podem gerar confusão, visto que normalmente, para nós, elas são usadas para sinalizar foco. Nestes exemplos, porém, não há essa correspondência.

A: yes yes

B: God # I// thought it was old Joe Wright who'd walked in at FIRST #

it+to be preenchedor inic. oração

(74) A: did you meet Fuller?

B: yes # it was // he who **inVITed me** #

it+to be pr. inic. oração

Geluykens compara os dois tipos de ITCs levando em conta três aspectos: a função sintática do elemento com função de foco (seja o preenchedor, seja a oração), a dimensão e a localização do acento nuclear desse elemento. Quanto à função sintática, ambas as ITCs se comportam de maneira semelhante. Aceitam sujeitos, objetos e advérbios na posição de foco, mas a função de sujeito é a mais recorrente. Quanto à dimensão do elemento focal, o autor observa uma correlação entre o comprimento e o *status* focal, no sentido de que os elementos focais são mais longos que os não-focais. Finalmente, ele mostra que a localização do acento e a posição do foco estão correlacionadas. Nas ITCs com foco na oração, somente a oração recebe acento, enquanto nas ITCs com foco no preenchedor tanto o preenchedor como a oração são acentuados; o que varia é se o tom é ascendente, descendente ou uniforme.

As *wh-clefts* (pseudo-clivadas: PSCs) têm estrutura semântica semelhante às ITCs, ou seja, elas também apresentam uma oração e um preenchedor que fornece a informação que falta à oração. Geluykens distingue três tipos de PSCs:

PSC com foco no preenchedor: são construções adequadas para introduzir grande quantidade de informação não-recuperável.

(75) What he doesn't realize is **that not everybody else can work quite as hard as he can.**

Em decorrência da caracterização semântica, o autor inclui construções iniciadas por sintagmas nominais semanticamente vazios (*thing, first, one, place, time, way, reason, all*) no conjunto das PSCs, como, por exemplo, (76).

(76) # the //only thing that conCERNS me # // is **that they should be aNONymous.**

IPSC (pseudo-clivada invertida) com foco na oração:

- (77) A: a sign a sign
 B: # "/ signs are **the only things you can OBSERVE** #

IPSC com foco no preenchedor: (78) é um bom exemplo de preenchedor não-recuperável e não-contrastivo.

- (78) A: thing called Ballylee Castle there
 A: # // on the left - '**hand SIDE** # was //where Ballylee CASTle 'was #

Os mesmos fatores investigados para as ITCs foram aplicados aos três tipos de PSCs. A análise quantitativa para a função sintática mostrou que, de modo geral, esse tipo de construção pode focalizar sujeito, objeto direto e advérbio, mas que a função de objeto é a mais freqüente, exceto nas IPSC com foco no preenchedor, que privilegiam mais a focalização de sujeitos. Os tipos de PSC divergem quanto à extensão do preenchedor. A tendência é que ele seja muito longo nas PSCs; razoavelmente longo nas IPSCs com foco no preenchedor; e, bastante curto nas IPSCs com foco na oração. Os focos das três PSCs são todos assinalados prosodicamente.

2.5.3 Sedano (1990)

No quadro teórico da lingüística funcional, Sedano faz um estudo que permite traçar um panorama bastante amplo das possibilidades reais de emprego das sentenças clivadas. A autora utiliza uma amostra de fala coletada em Caracas, que reúne entrevistas com homens e mulheres de diferentes faixas etárias e níveis sócio-econômicos. Ela trabalha com quatro tipos de sentenças clivadas que são nomeados e exemplificados abaixo. C¹ é o constituinte focal e CLA é o constituinte clausal que contém uma pressuposição.

- | | |
|-------------------------------------|--|
| (79) <i>Hendidas</i> (H) | Fue un libro lo que compró Juan. |
| | C ¹ CLA |
| <i>Seudohendidas inversas</i> (SHI) | un libro fue lo que compró Juan. |
| | C ¹ CLA |
| <i>Seudohendidas</i> (SH) | Lo que compró Juan fue un libro . |
| | CLA C ¹ |

Ser focalizador (SF)

Juan compró fue **un libro**.

CLA

C¹

Antes de iniciar a análise, Sedano tenta esclarecer o tipo de sentença com que trabalha. Ela faz uma diferenciação entre as cinco possíveis interpretações que podem ser associadas às sentenças exemplificadas em (79): *leitura atributiva, de definição, identificatória, equacional e de especificação*. A interpretação correta só pode ser feita, segundo a autora, levando-se em conta as características sintáticas e semânticas dos constituintes, a entoação, o contexto e os conhecimentos partilhados pelos falantes. Para ela, somente as sentenças que admitem uma interpretação *equacional* ou de *especificação* é que constituem as verdadeiras clivadas. A meu ver, esse é um ponto um tanto obscuro na exposição de Sedano. Creio que os limites entre as interpretações *identificatória, equacional e especificacional* são tênues e difíceis de se traçar.

- a) **atributiva**: construções em que um atributo é indicado a uma entidade, como, por exemplo, (80), em que a expressão *lo que vi* é interpretada como uma entidade nominal sujeito, a qual se acrescenta o atributo *horrible*.

(80) Lo que vi fue horrible.

- b) **de definição**: construção que se emprega para determinar o significado de uma palavra ou a natureza de uma coisa, como, por exemplo (81).

(81) Un estetoscopio es lo que se emplea para auscultar

- c) **Identificatória**: construções que respondem perguntas como *quem* ou *qual é x?* e se empregam para identificar um indivíduo ou coisa através de um critério de reconhecimento. É o caso de (82) abaixo:

(82) A: Quién es María?

B: María es la que trae todos los días el periódico.

- d) **Equacional**: construções que estabelecem uma equivalência entre as entidades. Segundo Sedano, as *equacionais* se assemelhem às *identificatórias* e o que as diferencia é que as

primeiras não têm a função de identificar uma pessoa ou coisa, mas sim de estabelecer uma relação relevante dentro do discurso, como, por exemplo (83), em que a resposta de B não pode ser interpretada como a identificação de *María*, uma vez que *María* é um referente compartilhado pelos interlocutores.

- (83) A: Y tú ves mucho a María?
 B: Por supuesto que sí.
 B: María es la que trae todos los días el periódico.

e) **Especificacional:** construções que assinalam qual é o membro ausente na descrição de um evento, situação ou estado. Nos termos da lógica, a construção especificativa é aquela destinada a atribuir um valor a uma variável. Nesse caso, não há uma relação entre entidades, mas entre constituintes, por exemplo, (84):

- (84) A: Me dijeron que Juan trae todos los días el periódico.
 B: No, no es Juan.
 B: María, es la que trae todos los días el periódico.

Para a análise de cada tipo de sentença, Sedano dedica um capítulo e depois apresenta uma síntese comparativa entre os quatro tipos de clivagem. Os aspectos analisados são: i) características do constituinte focal: a categoria gramatical e o *status* informacional; ii) concordância entre o constituinte focal e o relativo; iii) interpretação; e, iv) uso.

A tabela abaixo, esquematizada a partir dos resultados de Sedano, resume os resultados obtidos pela autora, na análise da categoria gramatical do constituinte focal (C^1), em correlação com os quatro tipos de *hendidias*. Logo a seguir, apresento exemplos das opções mais frequentes.

Categoria Gramatical

cindida	sint.nomin	sint.verbal	s.prep	advérbio	adjetivo	Or.adverb	or. substant
H	57%	-	33%	07%	-	03%	-
SHI	54%	-	21%	21%	-	04%	-
SH	49%	01%	06%	-	01%	42%	01%
SF	30.5%	01%	41.5%	03%	07%	10%	07%

(85) *Hendidas*C¹= sintagma nominal...son **muy pocas cosas en la televisión** las que se pueden ver...C¹= sintagma preposicional...no es simplemente **por vestir** que una se siente liberada...(86) *Seudohendidas inversas*C¹=sintagma nominal...**el tobillo** es lo que más me molesta...C¹=sintagma preposicional...**en la universidad** es donde se refleja ...C¹=advérbio...**ahí** es donde para siempre el autobús...(87) *Seudohendidas*C¹=sintagma nominal...lo único que tengo es **esto**...C¹=oração subordinada adverbial...lo que sí me molesta es **si me medio me la tropiezo**.C¹=adjetivo...lo que está es **gordísimo**(88) *Ser focalizador*C¹=sintagma nominal...me gustaba más que todo era **el estilo libre**...C¹=sintagma preposicional...los deportistas vienen es **de los barrios**...C¹=oração subordinada adverbial...ellos queman cauchos es **porque los otros queman**C¹=oração subordinada substantiva...yo les propodría es **que hagan un pacto de**...

Conforme mostra a tabela acima, os sintagmas nominais (de todos os tipos) são muito focalizados por todas as variantes *hendidadas*. Já os sintagmas preposicionais, embora também focalizados por todas, se mostram mais usuais com SF e H. Orações (substantivas e adverbiais), adjetivos e sintagmas verbais são mais usuais com SH e SF. E, finalmente, os advérbios são mais focalizados pelas SHI. Os resultados mostram claramente que H e SHI, por um lado, e SH e SF, por outro, têm comportamento semelhante quanto à categoria gramatical de C¹. Sendo assim, creio que a terminologia SHI (*seudohendida inversa*) é um tanto imprecisa, pois as SHI estão mais próximas das H do que das SH.

Além da categoria gramatical, Sedano investiga também o tipo de informação veiculado por C¹. Para a classificação, a autora opta por um critério contextual, segundo o qual C¹ pode transmitir **informação mencionada, parcialmente mencionada e não-mencionada**. Mais especificamente, i) C¹ transmite informação mencionada quando: a) é um pronome que se refere a um dos interlocutores, e b) repete de forma literal ou anafórica o que foi dito no contexto prévio; ii) C¹ transmite informação parcialmente mencionada quando é: a) um sintagma preposicional em que o C¹ é anafórico, mas a preposição é nova, e b) um pronome quantitativo ou numeral em que a entidade a que se faz referência já foi mencionada, mas não o número ou a quantidade (*muchos (libros)*); e iii) C¹ transmite informação não mencionada quando não há referência prévia. Veja os resultados obtidos na tabela abaixo:

Informação

cindida	mencionada	parcial/e mencionada	não mencionada
H	30%	30%	40%
SHI	63%	18%	19%
SH	8.5%	0.5%	91%
SF	11%	07%	82%

Esses resultados indicam que, quanto ao tipo de informação de C¹, há formas de seleção diferenciadas, ou seja, quando C¹ veicula informação não-mencionada, os falantes

tendem a recorrer às SH e SF, mas quando C¹ já foi mencionado ou parcialmente mencionado, os falantes tendem a fazer uso das H e sobretudo das SHI.

Outro aspecto investigado pela autora é a concordância entre C¹ e o relativo. Ela explica que no espanhol a concordância entre esses elementos pode ser **canônica** ou **não-canônica**. A concordância é canônica nas seguintes situações: i) se C¹ é uma oração subordinada substantiva, um adjetivo ou um sintagma verbal, o relativo é *lo que*; ii) se C¹ é um sintagma nominal, o relativo deve adotar uma das formas *la/el/lo que*, *la/los que* ou *quien/quienes*; iii) se C¹ é um locativo, modal ou temporal, o relativo será respectivamente *donde*, *como* e *cuando*. A concordância é mais complexa quando se trata de sintagmas preposicionais. Nesses casos, o falante deve determinar primeiramente a função sintático-semântica de C¹. Se a função é locativo, modal ou temporal, os relativos são os já mencionados, mas se não é, o falante deve observar se C¹ desempenha as funções de instrumento, companhia etc, e reconhecer as características da preposição para poder empregar de forma adequada o relativo que a representa¹⁷. Na concordância não-canônica, independente de características gramaticais e semânticas do C¹, o relativo será sempre *que*.

A concordância nas H e SHI se realiza nas duas formas, sem apresentar problemas. Veja os exemplos:

	canônica	não-canônica
H	era D.B. <i>el que</i> estaba por ahí	fue en el setenta y dos <i>que</i> yo concursé
SHI	Así fue <i>como</i> pude conseguir el cupo	por eso es <i>que</i> es tan lindo

Sedano sugere que o emprego da concordância não-canônica seja um duplo fator de economia, ou seja, economia sintagmática, pois o *que* possui menos material do que qualquer uma das formas canônicas; e economia paradigmática, pois o *que* pode ‘representar’ qualquer tipo de C¹ (sintagma nominal, preposicional, advérbio etc)

Nas SH, construções em que o relativo precede o C¹, a ordem dos elementos parece influenciar a concordância, o que faz com que somente a forma canônica seja realizada sem

¹⁷ Por exemplo, se C¹ é *de esa manera*, o relativo será *como*; se C¹ é *en febrero*, o relativo será *cuando*; se C¹ é *con lápiz*, o relativo será *con lo que* e se C¹ é *para Maria*, o relativo será *para la que*.

dificuldades. A explicação dada por Sedano é de ordem funcional. Para ela, o relativo das SH deve refletir de forma adequada as características de C¹ e quando se adota o relativo *que* em detrimento das formas canônicas criam-se problemas, sobretudo quando C¹ é sintagma preposicional e oração adverbial. Nas SF não há concordância, obviamente porque elas são desprovidas de relativo.

Esclarecidos os padrões de concordância, Sedano passa a analisar as variantes *hendidadas* conforme as possibilidades de interpretação já mencionadas antes. Para isso, a autora leva em conta fatores como contexto, categoria gramatical, características morfológicas e semânticas de C¹ e a entoação. Ela conclui que as construções H, SH e SF têm interpretação fundamentalmente *especificativa*. O mesmo não ocorre com as SHI. Algumas podem ser interpretadas como *equacionais*, outras como *especificativas*.

Por fim, sob o rótulo de ‘Usos’, Sedano discute uma diversidade de aspectos que incluem desde propriedades discursivas até características formais. Dada essa diversidade, o rótulo me parece inadequado. A seguir, listo algumas das motivações formais e/ou discursivas para cada variante, conforme mencionado pela autora.

Hendidadas

Função de precisão ou pontuação de C ¹	no es [<u>precisamente</u>] D.B. el que estaba por ahí.. fue [<u>exatamente</u>] a dos bolívares el metro que compró mi papá...
Quantitativo agregado a C ¹	son <u>diez</u> creditos que tengo aprobados...
Modalidade	<u>debe ser</u> por eso que no me gusta.. <u>posiblemente</u> son los mismos problemas económicos los que ...
Negação de C ¹	<u>no</u> era eso lo que me gustaba

Seudohendidadas inversas

Preferência por C ¹ como <i>eso, por eso, ahí, después, así</i>)	... eso no es lo que va a pasar...
Caráter contra-esperado	...primera vez que yo veía la broma toda temblando [cuando el terremoto de Caracas]; y mi hermanita cagada de la risa. un ataque de risa fue lo que le dio!
Necessidade de manter C ¹ em posição inicial (= de relevo)	Eso es lo que he pensando...

Seudohendidas

Contraste ¹⁸	E: Y...No quiere <u>estudiar</u> también? I: Mi hermana? No, lo que quiere es <u>trabajar</u> .
Caráter limitativo de C ¹ ¹⁹	... <u>lo único que</u> como es <u>langosta</u>en esta sociedad <u>lo que más</u> importa es <u>el dinero</u> .
Função conectora da CLA ²⁰	...eso no parece una universidad, [Y entonces qué parece?] eso lo que parece es <u>un afiche</u> .

Ser focalizador

Contraste	E: Y no le dan miedo <u>los tiburones</u> ? I: Ah? No...pero me da miedo....es <u>la arena</u> .
Preferência por sint.preposicion.	la mayoría de los licenciados trabajan es <u>en docencia</u> ...

2.5.4 Braga (1989)

Os trabalhos de Braga sobre as sentenças clivadas do português do Brasil são bem representativos da perspectiva discursivo-funcional. Em seus estudos, a autora investiga uma multiplicidade de aspectos visando a uma compreensão mais adequada dessas construções focalizadoras. Nessa breve revisão, comento somente os aspectos que mais diretamente me interessam, dado o perfil do meu trabalho. Tomo por base a publicação de 1989, em que a autora estudou amostras de fala produzidas por falantes cariocas, material que faz parte do *Projeto Censo da Variação Lingüística*.

¹⁸ Por contraste, Sedano entende a oposição entre dois ou mais constituintes ou entre 'duas ou mais orações'. Ela fala em *contraste de negação*: quando dois constituintes se opõem, de forma que um é afirmativo e o outro negativo; e *contraste paralelo* ou oposição entre dois pares de elementos de duas orações distintas, sendo que um desses elementos é o C¹.

¹⁹ Elementos limitativos: *lo único que...*, *lo último que...*, *lo primero que...*, *más nada*, *lo que más...*, *lo que menos...*, etc

²⁰ A CLA das SH são conectoras, porque contém informação que o ouvinte pode em maior ou menor grau prever tomando por base as expectativas criadas pelo contexto prévio.

Com base em critérios formais Braga distingue seis tipos de clivadas:

Clivada Propriamente Dita:

- (89) E: O que você quer?
 F: O que eu quero? Eu quero continuar estudando, sabe? Se der pra me formar, tudo bem, n'ê? Se não der, eu ir arranjar uma coisa melhor pra mim viver minha vida, eu sozinha, sabe? Sem ta~~sem ter que morar na casa dos outros. É isso que eu quero. (Su 351 A145)

Construção É QUE:

- (90) E: Mas você cozinha. E você deve ter algum prato que os seus fregueses gostam mais.
 F: = =
 E: Qual é?
 F: Ah, eu cozinho não. **A minha tia é que cozinha.** (Jo 1154 B133)

Pseudo-Clivada

- (91) F: O CCE também entra assim, pra sentar.
 E: E entra com bandeira também?
 F: Entra. O pelotão, o CCE não.
 E: hum.
 F: Quem segura é o Sandro. Ele segura, a gente segura a ponta da bandeira. (RO/AP 317 A138)

Ser Foco

- (92) F: Eu acho isso é uma boa, mesmo. Uma boa! A mulher deve ser independente, nunca depender do marido.
 E: Eh, mas às vezes os homens ficam muito ameaçados, os homens ~~maridos...
 F: Ah, eles ficam ameaçado nada. Eles ficam eh...é enciumados.
 E: Pois é, nesse sentido.
 F: Eles ficam é com ciúmes, porque tem mulher que ganha mais do que marido. (MA 446 A235)

Que foco

- (93) F: Mas são pessoas que são convidadas, ou até elas se falam...quem até~~Até uma das garotas da nossa....do nosso pessoal é mãe da organizadora do desfile ~~ do desfile da Pluft. Ela que organiza os desfiles aqui. Então ela chama todo mundo. (GU 1889 B439)

Duplo Foco

- (94) ...mas o caso é o seguinte: tu já viu país sendo governado por militar, rapaz? Qual o país que é bom? Qual? Nenhum. Tu não vê? Até o país lá de fora, sendo governado por militar, tu não vê que

eles tão em uma boa. Eles estão tudo caindo. Mas comandado por civil, tu vê que ele tá bem. Porque acontece muito. O rombo é muito grande...O rombo tá muito grande. Então pa eles tentar fechar, quem sofre é a gente, rapaz! É a gente é que sofre. Gasolina subindo todo dia! (JA 1547 B735)

Braga opta pela análise dos quatro primeiros tipos e mostra que eles se distinguem quanto à classe de palavras e função sintática do elemento com função de foco. Segundo ela, os substantivos, sintagmas preposicionais, pronomes pessoais e demonstrativos podem ocupar a posição de foco nos quatro tipos de sentenças clivadas. No entanto, substantivos e pronomes demonstrativos se distribuem de forma quase complementar nas PCs e CLIVs, enquanto advérbios e pronomes pessoais são mais usuais nas É QUE. Qualquer categoria tem chance de ocorrer nas SER. Com relação à função sintática do constituinte focal, ela verificou que as PCs focalizam somente sujeitos, as CLIVs e É QUEs, sujeitos, circunstanciais e objetos, e as SER, por sua vez, podem focalizar constituintes de quaisquer funções sintáticas.

A autora aborda também a relação entre as sentenças clivadas e o contexto precedente, e revela que as clivadas podem exprimir quer relações lógico-semânticas, quer relações discursivo-argumentativas.

Nas **relações lógico-semânticas**, estão incluídas as relações de *contraste*, *causa*, *seqüência*, *reiteração*, que têm em comum o fato de que elas tendem a se estabelecer entre dois enunciados usualmente contíguos e o âmbito de ação é local. Exemplos de causa e de seqüência são apresentados em (95) e (96), respectivamente²¹.

- (95) F: Depois, então, quando eu voltei desses seis meses fora, aí, eu vim morar aqui. E eu estava, mais ou menos, com idéia de voltar, então minha nora andou procurando, que ela sabia que eu (ia) voltar. Eu queria ficar era aqui, n'é? *Porque eu gosto mesmo é **daqui de Ipanema***. (HE 522 A309).
- (96) F: Hoje eu vejo aqui nessa pracinha, sabe? Que tem uma porção de gente~~muito casazinho novo que mora por aqui. Agora já vejo uma porção~~não é só mulher que você via. Antigamente, você saía aqui, você só via~~ Antes~~ Na minha época, com meus filho, era babá. Depois passou a não ser babá, as mãezinhas já com o filhos e *agora você vê é **muito homem***. (HELO 1429 B270)

²¹ Para exemplo de contraste, rever exemplo (90), e de reiteração, rever a segunda sentença clivada do exemplo (92).

Nas **relações discursivo-argumentativas**, estão incluídas as relações de fecho (97), qualificação/identificação (98), justificação/razão (99). São relações em que ‘as sentenças clivadas, espécie de comentários metacomunicativos, permitiriam ao falante comentar/indicar como seu discurso deve ser entendido, de uma certa forma interrompendo o fluxo das idéias’ (Braga, p.27).

(97) E: Mas quanto foi~~ Quem jogou ~~ e~~você acha assim ~~

F: Quem mais se destacou?

E: É

F: Não! Pra mim quem mais se destacou foi o André e o Roberto... e o Sidney, porque eles já são alto, eles bloqueia, eu não tenho muita (possibilidade) possibilidade de bloquear. Então, mais ~~ pra mim, quem mais se destacou ali no time foi o André e o Sidney. (ZR 804 A304)

(98) E: A senhora acha que é importante também pra mulher estudar e acho..

F: eu acho. Eu acho que uma mulher deve estudar igual a homem.

E: hmhm.

F: Porque ela~ Geralmente quem~~ quando casa, quem vai sustentar casa é o homem. (Na 1693 B310)

(99) E: Mas você não acha que esses pontas agora que o Parreira botou, o Renato e o Éder vão dar mais movimentação ao time?

F: Dão...vão...vão...Para mim, o Renato, vá lá, mas o Éder, no outro jogo ele não foi grande destaque na Copa. Então, para mim, o Renato é que eu ainda não sei, porque eu não sei na ponta dele. (ZR 601 A225)

De todas as relações, Braga privilegia o estudo de *Contraste* e conclui que, ainda que os vários tipos de sentenças clivadas possam exprimir tal relação, as construções É QUE e SER parecem os instrumentos preferíveis.

Outro aspecto estudado pela autora é a correlação entre sentença clivada e a estrutura de informação. A partir da classificação dos referentes focais em velhos, inferíveis e novos, Braga verificou que é possível traçar um perfil específico para cada tipo de sentença clivada: as CLIVs e É QUEs tendem a realçar primordialmente entidades velhas, tendência ainda mais exacerbada quanto às primeiras. As PCs e SER se distinguem das anteriores, já que nelas se privilegiam entidades novas. A construção SER intensifica mais a distância percentual entre os referentes novos e velhos.

2.5.5 Modesto (1995)

Tendo em vista que o paralelismo entre a sintaxe e a semântica deve ser visto com naturalidade, Modesto objetiva definir as sentenças clivadas e pseudo-clivadas a partir das leituras semânticas que delas podem ser inferidas, e procura determinar uma análise sintática que dê conta de explicar não só os dados do português, mas também a presença dessas leituras.

O autor trabalha na perspectiva teórica da Gramática Gerativa, mais especificamente na versão Princípios e Parâmetros - Chomsky (1981) e (1986a) - e sempre que possível procura adequar sua análise às propostas chomskianas mais recentes (1992, 1994). Visto que os pressupostos teóricos adotados por Modesto divergem muito daqueles adotados por mim, me limito à discussão dos aspectos que julgo de maior interesse para minha análise. Ou seja, não questionarei os capítulos em que ele faz uso sistemático/desenvolve a teoria gerativa. Assim, discutirei basicamente i) a definição de clivagem, tal como proposta por Modesto e ii) as possíveis leituras semânticas correlacionadas à clivagem em geral.

Segundo Modesto, a definição de clivagem dada em Quirk *et al* (1989) não é satisfatória em razão de ser puramente descritiva. Para ele, a clivagem é definida com base no resultado de um processo sintático que dispara leituras semânticas características e não na descrição de propriedades gramaticais da construção. Isso leva o autor a incluir, no grupo das clivadas, sentenças nunca antes vistas como clivadas, e a excluir outras, que tradicionalmente são analisadas como exemplos de clivagem. Veja, em (100) e (101), as sentenças com que Modesto trabalha e, em (102), a definição de clivagem sugerida por ele.

Sentenças Copulares Comuns (SCC)

- | | | |
|-------|------------------------------------|--------------------------|
| (100) | a. A Mafalda é inteligente | (SCC-PRED) ²² |
| | b. A Mafalda é minha vizinha | (SCC-ESP) |
| | c. Quem roubou o banco foi esperto | (SCC-PRED) |
| | d. A Suzanita é quem quer casar | (SCC-ESP) |

Sentenças Clivadas

- | | | |
|-------|---------------------------------|----------------------|
| (101) | a. É a Suzanita que quer casar | (Clivada) |
| | b. A Suzanita é que quer casar | (Clivada) |
| | c. Inteligente é a Mafalda | (CPC) ²³ |
| | d. A conta pagou eu | (NCPC) ²⁴ |
| | e. Quem quer casar é a Suzanita | (Pseudo-clivada) |
| | f. É a Suzanita quem quer casar | (PCE) ²⁵ |

- (102) *As construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barra dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade.*

Agora passo à discussão das leituras semânticas, que tornará mais clara a definição em (102). Influenciado pelos trabalhos de Akmajian (1970), Higgins (1973) e Declerck (1988), Modesto se refere a essas leituras pelos termos *predicacional*, *especificacional*, *identificacional* ou *definicional* e *de identidade*. Segundo ele, a diferenciação entre as leituras predicacional (PRED) e especificacional (ESP) são suficientes para explicar a clivagem. Assim, ele se empenha em provar que as clivadas são exclusivamente ESP.

Na leitura ESP, um valor é especificado a uma variável. Os termos variável e valor são equivalentes a sujeito e predicado e à oposição pressuposição/foco, usada por Chomsky (1971). Na sentença ESP em (103), a variável é a relativa livre *quem roubou o peixe* e o valor é o sintagma nominal *Obelix*.

- (103) Quem roubou o peixe foi o Obelix.

Na leitura PRED, não há especificação de um valor para uma variável, mas há predicação de uma propriedade, como em (104):

- (104) Quem roubou o peixe foi esperto.

Segundo Higgins (1973, *apud* Modesto) há sentenças que são ambíguas e possibilitam ambas as leituras PRED e ESP, como, por exemplo, as dadas em (105):

²² As abreviações PRED e ESP significam respectivamente predicacional e especificacional e serão discutidas logo a seguir.

²³ CPC=sentença copular pseudo-clivada. Tipo de sentença que foge às definições comumente associadas à clivagem.

²⁴ NCPC= sentença não-copular pseudo-clivada. Outro tipo de sentença que foge à definições tradicionais.

²⁵ PCE= pseudo-clivada extraposta.

- (105) a. O que José é é bobo.
b. O que José é é adorável.

Leitura PRED

José é x e x é bobo
José é x e x é adorável

Leitura ESP

José é bobo
José é adorável

Para esses exemplos, na leitura PRED, uma propriedade é predicada a partir de uma propriedade de José. Modesto salienta que a característica principal da PRED não é só predicar um propriedade, mas é fazê-lo de uma maneira não especificacional, sem especificar um valor. Na leitura ESP, uma propriedade é predicada diretamente a José. Para Higgins, esse tipo de sentença *funciona como uma lista de “valores” predicativos ou referenciais que são predicados ao referente da sentença que apresenta uma “variável” semântica.* (p.10)

Veja, nos exemplos em (106), que a seleção do adjetivo pode influenciar na determinação do tipo de leitura:

- | | |
|---------------------------------------|--------------------|
| (106) a. O que José é é lucrativo. | (só PRED) |
| b. O que José é é orgulhoso. | (só ESP) |
| c. O que José é é maravilhoso. | (ambígua PRED/ESP) |
| d. O que José era é maravilhoso. | (só PRED) |
| e. O que José também é é maravilhoso. | (só ESP) |
| f. O que José é é também maravilhoso. | (só PRED) |

Para Modesto, somente as ESP constituem clivagem, pois só elas disparam as leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade. Quando da especificação de um valor para uma variável, a idéia de contraste é gerada automaticamente com todos os valores potenciais que não foram selecionados. Dessa forma, contraste implica em exclusividade. Além disso, Higgins (*apud* Modesto) entende que a lista de valores que satisfazem a variável seja uma relação exaustiva, por isso ele fala em exaustividade. Observe o exemplo:

- (107) É o Pedro que gosta da Maria
exclusividade = e não o Carlos
exaustividade = e o Carlos também

Concordo com a afirmação de Modesto de que nas sentenças clivadas um valor é atribuído a uma variável e, em consequência dessa relação, são disparadas as leituras semânticas. As observações que tenho a fazer são duas. A primeira é que ele considera a sentença (100d) como copular comum e, portanto, desprovida das leituras típicas de clivagem. Penso que em certos contextos essa sentença pode apresentar leituras de contraste, exclusividade e exaustividade. A segunda observação diz respeito à terminologia das leituras semânticas. Se qualquer diferenciação entre identificação e especificação é feita por Modesto, isso não fica claro.

Capítulo 03

Material e Métodos

Este capítulo é destinado à descrição dos quatro *corpora* utilizados neste trabalho e também à discussão de alguns aspectos metodológicos relacionados à análise dos dados. Primeiramente apresento o material sincrônico, uma amostra de fala que é parte do Acervo *Certas Palavras*. Na continuidade, apresento o material diacrônico e depois caracterizo as amostras de aquisição de L1 e L2. No final, examino questões metodológicas.

3.1 Os Corpora

3.1.1 A amostra sincrônica

O Acervo *Certas Palavras* diz respeito a toda documentação relacionada à história do programa radiofônico *Certas Palavras*: são fitas (mais de 1000 horas), fotografias, vídeos, cartas, recortes de jornal, roteiros, projetos, documentação financeira etc, tudo doado ao CEDAE (Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”) do IEL/UNICAMP, em maio de 1993.

Esse programa radiofônico discute autores e livros e entrou no ar no início da década de oitenta (1981), pela emissora Gazeta-AM, em São Paulo. O *Certas Palavras* foi idealizado e criado pelos jornalistas Claudiney Ferreira²⁶ e Jorge Vasconcellos²⁷, que tinham

²⁶ Claudiney Ferreira, paulista, jornalista, já foi desde produtor de material didático, roteirista de audiovisuais educativos, no início da carreira, a produtor e apresentador de rádio e TV, passando por trabalhos *free lance* em publicações econômicas. Na televisão, foi apresentador e repórter de programas da Fundação Roberto Marinho, pauteiro do jornalismo da TV Cultura e produtor do programa Roda Viva, na mesma emissora. No rádio, foi criador e apresentador do programa Bar Brasil, chefe de reportagem e pauteiro da Rádio Cultura e coordenador de produção dos programas de economia e política da Rádio Eldorado de São Paulo (Trecho extraído do Catálogo referente aos quinze anos do programa, editora da UNICAMP).

²⁷ Jorge Vasconcellos, carioca, radialista, começou sua carreira em editoras, onde fez de tudo um pouco, desde revisão até assistência editorial. Na televisão, foi apresentador de programa da Fundação Roberto Marinho. Idealizou e produziu as exposições Belmonte Presente (Masp - 1978) e Memória Editorial

por objetivo fazer um programa voltado para o mercado editorial e que discutisse os mais variados assuntos que estivessem impressos em livros: economia, política, história, literatura, poesia, sociologia, medicina, música, teatro, direito, antropologia, geografia, jornalismo, futebol etc. As dificuldades para mantê-lo no ar foram muitas. Houve momentos em que os jornalistas pagaram pelo horário na rádio e outros em que o programa foi extinto por problemas da própria emissora. Depois de inúmeros percalços e de ter passado por diversas emissoras, o *Certas Palavras* sobreviveu e chegou à CBN Brasil, onde se firmou. Em seus anos de existência, o *Certas Palavras* ganhou inúmeros prêmios: cinco *APCAs* (Associação Paulista dos Críticos de Arte), três *Jabutis*, um *Vicente Leporace* e um *Amigo do Livro*. Além disso, Claudiney e Jorge foram reconhecidos pelo governo francês como personalidades estrangeiras.

Do Acervo *Certas Palavras*, fiz uso de uma seleção de vinte e seis entrevistas (veja o quadro abaixo) que foram publicadas em forma de livro²⁸ por ocasião da comemoração dos dez anos do Programa. Utilizei, portanto, o material transcrito, e não as fitas. Como a duração de cada entrevista é de 45 minutos, esse conjunto de entrevistas selecionado equivale a cerca de 20 horas de gravação.

Quadro 01: *Corpus sincrônico extraído de entrevistas do acervo Certas Palavras.*

<i>Entrevistado(s)</i>	<i>Qualificação(ões)</i>	<i>Data</i>	<i>Observação</i>
Amyr Klink	Navegador e escritor	ago/1985	
Antônio F. Franceschi	Poeta e jornalista	nov/1988	
Celso Furtado	Professor, economista e escritor	abr/1989	Participação de Antonio Carlos de Godoy, Ricardo Semler, Rick Turner e Francisco de Oliveira
Celso Lafer	Cientista político e professor	nov/1988	Participação de Oliveiros Ferreira.
Dalmo A. Dallari e Goffredo S. Telles Jr.	Juristas, professores e escritores	out/1988	
Darcy Ribeiro	Antropólogo e escritor	set/1981	

Brasileira (Funarte - 1984). Foi produtor e apresentador de programas da Rádio Cultura e coordenador de produção de programas econômicos e políticos da Rádio Eldorado de São Paulo. Desde 1991, Claudiney e Jorge são representantes do Serviço Brasileiro da BBC em Londres (idem).

²⁸ VASCONCELLOS, J. & FERREIRA, C. (orgs) *Certas Palavras*. São Paulo: Estação Liberdade/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

Fernando H. Cardoso	Sociólogo e professor	ago/1989	
Fernando Sabino	Cronista, novelista, romancista e jornalista	ago/1988	
Florestan Fernandes	Sociólogo e professor	mai/1989	
Hélio Jaguaribe	Cientista político	jan/1989	Participação de Oliveiros Ferreira, L. C. Bresser Pereira e Mauro Chaves.
Ignácio de Loyola Brandão	Jornalista e escritor	fev/1981	Participação de Caio P. Carneiro, Caio T. Costa e Álvaro Malheiros.
João Antonio	Escritor e jornalista	ago/1982	
João Cabral de Melo Neto	Poeta	jul/1988	Participação de Augusto de Campos e Ledo Ivo.
José Arthur Giannotti	Professor e escritor	jun/1986	
José Paulo Paes	Poeta, ensaísta, tradutor	abr/1986	
Luiz C. Bresser Pereira	Professor e escritor	jun/1989	
Lygia Fagundes Telles	Contista e romancista	abr/1989	Participação de José Saramago, Ivan Ângelo e Pedro Paulo de Sena Madureira.
Marcos Rey	Escritor e jornalista	abr/1981	Participação de Luiz Roncari e Caco Barcellos.
Maria Victória Benevides	Socióloga e escritora	mai/1989	
Marilena Chaui	Professora e escritora	ago/1981	
Oliveiros Ferreira	Cientista político e jornalista	ago/1981	Participação de Celso Lafer.
Paulo Freire	Professor e escritor	fev/1982	
Tatiana Belinky, Maria A. Oliveira e Ruth Rocha	Tatiana: escritora, jornalista, tradutora, crítica de literatura e teatro. M. Angélica: escritora, jornalista. Ruth: educadora, escritora.	jul/1988	
Zélio e Ziraldo Alves Pinto	Zélio: jornalista, artista gráfico e pintor. Ziraldo: artista gráfico, ilustrador, humorista e escritor	jun/1981	Participação de Emilio Damiani.
Zuenir Ventura	Jornalista e professor	dez/1988	Participação de Walter Clark, Maria Cecília Loschiavo dos Santos e Paulo Francis.

Haroldo de Campos,	Augusto: poeta, crítico,	nov/1986
Décio Pignatari e	tradutor. Haroldo:	
Augusto de Campos	poeta, crítico, tradutor.	
	Décio: poeta, ensaísta,	
	professor	

Ao selecionar o material sincrônico, me preocupei em escolher uma amostra de fala que não coincidissem com aquelas investigadas por Braga e Lopes-Rossi, respectivamente, a amostra Censo e o NURC, que datam da década de setenta. O *Certas Palavras* embora não seja o material mais adequado para minha pesquisa, em virtude de sua maior formalidade, foi a melhor opção encontrada depois de algumas tentativas frustradas. De início, eu havia optado pelas regravações do NURC-RJ, um conjunto de doze entrevistas realizadas em 1992. Essa amostra me forneceu um número muito reduzido de sentenças clivadas, o que inviabilizou meu estudo. Depois, recorri ao Banco de Dados Interacionais, um material coletado na década de noventa e que já se encontra transcrito. Esse *corpus*, que integra o acervo do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), também não forneceu número suficiente de dados. Então comecei a gravar e a transcrever entrevistas de programas de televisão, empreendimento que terminei por abandonar por ser demorado e consumir muito tempo, o que poderia comprometer o andamento da minha pesquisa, dado o tempo exíguo para executá-la.

3.1.2 A amostra diacrônica

Para o estudo diacrônico, inicialmente estabeleci como material de análise o *Corpus Diacrônico do Português*, organizado pelos professores Fernando Tarallo e Ataliba Castilho e que se encontra disponível para consulta ou reprodução, no SBD-FFLCH-USP e no CEDAE, do IEL/UNICAMP. Esse *corpus* é uma coletânea de textos de gêneros variados: cartas, testamentos, cantigas, poesias, diários, teatro etc, distribuídos em oito volumes que procuram representar o português do século XIII ao XX. Na montagem desse *corpus* não houve a preocupação em manter a mesma quantidade de material para cada século. Veja o conteúdo de cada volume:

Textos do Século XIII

1. Testamento de D. Afonso II (1214). Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado - *Textos Medievais Portugueses*, 9ª ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1967, p.397-404.
2. Notícia do Torto (1212). Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado - *Textos Medievais Portugueses*, 9ª ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1967, p.404-412.
3. Cantigas d'Escárnio e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses. Edição crítica pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Vigo, Editorial Galaxia, 1965, p.25-51.
4. Afonso X, o Sábio - Cantigas de Santa Maria, editadas por Walter Mettmann. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, Vol I, 1959, p.21-38.
5. A Demanda do Santo Graal. Edição de Joseph-Maria Piel, concluída por Irene Freire Nunes, com Introdução de Ivo de Castro. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da moeda, 1988, p.69-78.
6. José de Azevedo Ferreira - Afonso X - Foro Real. Vol. I, Edição e Estudo Lingüístico. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987, p.125-146.

Textos do Século XIV

1. Alphonse X - Primeyra Partida. Édition et étude José de Azevedo Ferreira. Braga , Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, p.120-123, 144, 409-414.
2. Orto do Esposo. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário de Bertil Maler. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Vol. I, 1956, p.1-13.
3. Livro das Aves. Edição de Nelson Rossi *et alii*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1965, p.19-29.
4. Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Vol.II, 1954; Vol. IV, 1990, p.5-6, 176-177, 537-539.

Textos do século XV

1. Crônica da Ordem dos Frades Menores. Frei Genebro. Em Corrêa de Oliveira e Saavedra Machado - *Textos Medievais Portugueses*, 2ª ed. Coimbra, Coimbra Editora, p. 434-437.

2. Augusto Magne - Boosco Deleitoso (1400-?). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Vol. I, 1950, p.3-13.
3. Bíblia Medieval Portuguesa. Histórias d'abreviado Testamento Velho, segundo Messtre das Historias Scolasticas. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1958, p.21-25, 129-146.
4. Livro dos Officios de Marco Tullio Ciceram, o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Edição crítica, segundo o ms. de Madrid, prefaciada, anotada e acompanhada de glossário por Joseph M. Piel. Coimbra, Acta Universitatis Coninbrigensis, 1948, p.1-30.
5. Fernão Lopes - Crónica de D. Pedro. Edizione critica, con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi. Roma, Edizione dell'Ateneo, 1966, p.119-121, 207-229.

Textos do Século XVI

1. Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à Viagem de Pedro Álvares Cabral. Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940, p.23-46.
2. Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil, editadas por Serafim Leite SI. Vol. I (1538-1553). São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, (1954). Vol. II (1553-1558), mesma edição. Vol. III (1558-1563) mesma edição.
3. Um manuscrito náutico seiscentista recontrado. Edição de Avelino Teixeira da Mota, em *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Ciências, Tomo XVIII, Lisboa, Academia Científica Lusitana, 1976, p.291-371.
4. Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Transcrição de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa, Casa da Moeda, 1983, p.13-27.
5. Desengano de Perdidos (1573) de D. Gaspar de Leão. Edição de Eugênio Asensio, Coimbra, Acta Universitatis Coninbrigensis, 1958, p.25-41.

Textos do Século XVII

1. Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal, do Pe. Bartolomeu Guerreiro. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1966, p.17-29, 66-79.

2. Annaes de ElRei com João Terceiro por Fr. Luiz de Souza, publicados por A. Herculano. Lisboa, Arcadia Lusitana, 1844, p.354-357.
3. Livro Primeiro do Governo do Brasil (1607-1633). Prefácio do Emb. J. C. de Macedo Soares. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, s/d, p.1-51.

Textos do Século XVIII

1. Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas. Tomo primeiro. Lisboa. Na Officina de Antonio Pedrozo Galvão. 1707, p. 20-31, 230-239.
2. Cartas da Bahia (1768-1769) do Marquês do Lavradio. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Ministério da Justiça, 1972, p.9-41.
3. Governadores do Rio de Janeiro - Correspondência Activa e Passiva com a corte. Rio de Janeiro, Officinas Graphicas do Archivo Nacional, 1915.
4. Diários de Viagem (1780) de Francisco José de Lacerda e Almeida. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1944, p.01-265.

Textos do Século XIX

1. José Maria da Silva Paranhos - Cartas ao Amigo Ausente, Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro, Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, 1953, p. 42-52.
2. Machado de Assis - Epistolário - em Obra Completa, organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., Vol. III, 1962, p. 1028-1058.
3. Eça de Queiroz - Correspondência, 6ª ed. Porto, Livraria Lello & Irmão, 1946, p. 4-54.
4. Camilo Castelo Branco - Epistolário, em Obra Seleta. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., Vol. I, 1960, p. 118-130.

Textos do Século XX

1. Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. Prefácio e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Organização Simões Editora, 1958, p.30-353.

2. Manuel Bandeira - Epistolário - em Poesia e Prosa. Introdução geral por Sérgio Buarque de Holanda e Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro, Editora José Aguillar Ltda., Vol. II, 1958, p. 1385-1407.
3. Nelson Rodrigues - Teatro Quase Completo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1966, Vol. III, p.13-97.

As primeiras análises desse material revelaram a necessidade de ampliá-lo e, por isso, montei outro *corpus*, que foi acrescido ao anterior. Tentei recolher textos tipologicamente semelhantes aos primeiros e também não me preocupei com a quantidade de material selecionado para cada século. Toda a coletânea foi realizada na biblioteca do IEL/UNICAMP. O conteúdo é o seguinte:

Textos do Século XIII

1. Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses. Edição crítica de José Joaquim Nunes. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, Vol. II, 1973, p. 2-21.
2. Cantigas d'Escárnio e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses. 2ª Edição, organizada pelo profº M. Rodrigues Lapa. Editorial Galaxia. 1970, p.220-258.
3. Cancioneiro da Ajuda. Edição de Carolina Michaelis de Vasconcelos. Vol I. 1904, p.65-465.
4. A Demanda do Santo Graal. Editado por Augusto Magne. Vol II. Rio de Janeiro. 1970, p. 2-151.

Textos dos Séculos XIV e XV

1. LOPES, Fernão. Crônica de D. João I. Vol I. Livraria Civilização. p. 04-71.
2. LOPES, Fernão. Crônica de D. Fernando. Edição organizada por Torquato de Sousa Soares. Lisboa: Livraria Clássica Editora. Vol.II, 1945, p.23-97.
3. LOPES, Fernão. Crônica de D. Pedro I. Edição organizada por Torquato de Sousa Soares. Lisboa: Livraria Clássica Editora. Vol.I, 1945, p.63-108.
4. Dom Duarte. Leal Conselheiro e Livro da Ensinança e Bem Cavalgar. Edição organizada por F. Costa Marques. Lisboa: A.M. Teixeira & C.ª. 1942, p.30-97.

5. Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. Preparada por A.J. Gonçálvez Guimarães. Tomo V. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 1-47.
6. Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. Preparada por A.J. Gonçálvez Guimarães. Tomo III. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 1-101.

Textos do Século XVI

1. O livro das cortesãs. Editado por Albino Forjaz de Sampaio e Bento Mantua. Lisboa: Guimarães & C Editores, p. 50-61.
2. GÓIS, Damião de. Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel. Parte I. Coimbra: 1949, p.3-95.
3. SÁ de MIRANDA, F. Obras Completas. Organizado por M. Rodrigues Lapa. 2ª Edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa. Vol. II. p.28-97.
4. CAMÕES, Luis de. Os Lusíadas. Comentado por Francisco da Silveira Bueno. São Paulo: Edição Saraiva. 1960, p. 241-325.
5. CAMÕES, Luis de. Lírica Completa III. Organizada por Maria de Lurdes Saraiva. p. 90-141.
6. Teatro de Gil Vicente. Apresentação de Antonio José Saraiva. 5ª Edição. Lisboa: Portugália Editora. p. 87-205.
7. Obras de Gil Vicente. Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa XI. Coimbra: Ed. França Amado, 1907, p. 01-67.

Textos do Século XVII

1. Serman da Sexagesima. Anchietana. Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos: 1. Sermões de Padre Vieira. p.2-86
2. Serman da Terceyra Dominga da Qvaresma. Anchietana. Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos: 1. Sermões de Padre Vieira. p.450-558.
3. Serman de Santa Theresa. Anchietana. Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos: 4. Sermões de Padre Vieira. p.248-290.
4. Serman da Quinta Dominga da Qvaresma. Anchietana. Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos: 4. Sermões de Padre Vieira. p. 291-317.

5. Cartas Familiares de D. Francisco Manuel de Melo. Prefácio e Notas de M.C. Morais Sarmiento. Biblioteca de autores portugueses. p. 46-101.

Textos do Século XVIII

1. SILVA, José Antonio. Os encantos de Medéia. in Obra Completa. Prefácio de José Pereira Tavares. Lisboa: Livraria Sá da Costa. Vol II, p. 01-91.
2. SILVA, José Antonio. O Labirinto de Creta. in Obra Completa. Prefácio de José Pereira Tavares. Lisboa: Livraria Sá da Costa. Vol III, p. 01-158.

Textos do Século XIX

1. Antero de Quental: poesia e prosa. Editado por Adolfo Casais Monteiro. 4ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1972, p. 57-75.
2. GARRET, A. Viagens na Minha Terra. Porto: Livraria Simões Lopes. 1949, p. 7-64.
3. Cartas inéditas de Alexandre Herculano a Filipe de Soure. Publicadas e comentadas por Luís Silveira. p. 15-47.
4. Cartas notáveis de Camillo Castello Branco. Apreciações de José Carlos D'Araujo Motta Junior. p. 10-37.
5. Correspondência - Antonio Nobre. Organizado por Guilherme de Castilho. 2ª Edição. p. 56-99.
6. Cartas de Anthero de Quental. Organizado por Teixeira de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1921, p. 1-97.
7. Correspondência: Eça de Queiroz e Oliveira Martins. Organizado por Paulo Franchetti e Beatriz Berrini. Editora da UNICAMP. p. 53-155.
8. Joaquim Nabuco - Cartas a Amigos. Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. Vol. I, São Paulo, Instituto Progresso Editorial, p. 3-39.
9. Joaquim Nabuco - Cartas a Amigos. Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. Vol. II, São Paulo, Instituto Progresso Editorial, p. 3-23.
10. Castro Alves - Obras Completas. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, Vol. II, 1921, p. 429-451.

Textos do Século XX

1. Correspondência: Jorge de Sena-Virgílio Ferreira. Organizado por Mécia de Sena e Vergílio Ferreira. p. 25-57.
2. Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins. Rio de Janeiro: José Olympio. 1983, p. 47-71.
3. Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. Organizado por J. Gaspar Simões. Lisboa: Publicações Europa-América. p.33-89.
4. Cartas Escolhidas (Monteiro Lobato). São Paulo: Editora Brasiliense. 1959, p. 11-40.
5. QUEIROZ, Raquel. A Beata Maria do Egito. Rio de Janeiro: José Olympio. 1958, p. 7-59.
6. QUEIROZ, Raquel. Lampião. 3ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio. 1979, p. 3-53.
7. RAMOS, Graciliano. Cartas de Amor a Heloísa. Organizado por Heloísa Ramos. Rio de Janeiro: Record. 1994, p. 27-85.
8. Cartas de Mario de Andrade a Murilo Miranda. Nova Fronteira. p.11-89.
9. Oswald de Andrade. Obras Completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 1-27.
10. Lima Barreto. Correspondência. Tomo I, prefácio de Antonio Noronha Santos. São Paulo: Ed. Brasiliensis, 1961, p. 25-113.
11. Nelson Rodrigues. O melhor do romance, contos e crônicas. Seleção de Rui de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

3.1.3 A amostra xinguana

A amostra escolhida de aquisição do português como L2 é o português de contato ou xinguano, falado pelos indígenas do Alto Xingu. As entrevistas foram gravadas na década de setenta por uma equipe de pesquisadores coordenada por Charlotte Emmerich. O material integra o PEUL e está disponível na sede do PEUL, na Ilha do Fundão-RJ, quer na forma de fitas ou de transcrições. Para minha pesquisa fiz uso do material já transcrito e selecionei trinta e cinco entrevistas com falantes de diferentes etnias, idades e graus de proficiência, conforme pode ser visto no quadro abaixo. A duração total das entrevistas equivale a cerca de 32 horas e 25 minutos de gravação.

Quadro 02: Dados de Informantes do Português de Contato

<i>falante</i>	<i>etnia</i>	<i>idade</i>	<i>proficiência</i>
Kot	Kamayura	J	06
Sap	Yawalapiti	V	07
Kan	Yawalapiti	V	05
Pir	Yawalapiti	J	06
Ari	Yawalapiti	J	07
Suk	Kamayura	V	05
Kok	Aweti	J	07
Meg	Txukarram	J	07
Taku	Kamayura	V	06
Ara	Trumai	J	07
Aru	Trumai	J	07
Kuy	Yawalapiti	J	06
Taka	Kamayura	J	06
Tap	Kamayura	V	06

Classificação cf. Charlotte Emmerich (1984)

O Alto Xingu é uma vasta região localizada no estado de Mato Grosso, a qual, em razão de sua topografia, fauna e flora, oferece condições ideais para a sobrevivência de povos indígenas. Nesta região são faladas nove línguas indígenas de filiação diversa: as línguas Kamayurá e Aweti, do tronco Tupi; as línguas Waurá, Mehinaku e Yawalapiti, do tronco Aruak; e as línguas Kalapalo, Kuikuru e Matipu, da família Karib. Embora mantenham sua individualidade lingüística, os vários grupos étnicos compartilham uma uniformidade cultural. As diferenças entre as línguas de uma mesma família são pequenas o que as torna mutuamente inteligíveis (Emmerich 1984).

Segundo Emmerich, é possível distinguir duas fases na história do contato interétnico na região do Xingu. A primeira fase, que compreende a segunda metade do século XIX, tem início com a expedição de reconhecimento do Rio Xingu, pelo etnólogo alemão Karl von den Steinen (maio de 1884). Depois desta, outras expedições foram enviadas à região com o objetivo de realizar observações etnológicas e medições geográficas. Nesta fase, os contatos eram esporádicos e a comunicação entre os índios e os caraíbas era realizada por meio de

um intérprete indígena (geralmente índios Bakairi, que mantinham relações de amizade e parentesco com os xinguanos).

O contato interétnico sistemático deu-se somente depois da década de 40 (segunda fase), com a chegada da Expedição Roncador-Xingu, chefiada pelos irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Boas, cuja missão específica era penetrar e colonizar regiões ainda desconhecidas do Brasil Central. O contato e a interação verbal entre as pessoas que participavam desta expedição e os habitantes das várias aldeias xinguanas propiciou o nascimento de um sistema de comunicação, denominado *português de contato* ou *português xinguanos*, um tipo de português gramatical e lexicalmente reduzido, que se figura como um *continuum*, com seus falantes caracterizados por diversos estágios de fluência.

A alta concentração de línguas nativas em contato com o português sugere que o português de contato seja um tipo de língua *pidgin*. Mas, segundo Emmerich, ainda que a língua de contato do Xingu compartilhe alguns traços de línguas *pidgins*, este parece não ser o caso. Ela lembra que *É bem verdade que a situação xinguanas diverge decisivamente daquela em que surgiram os pidgins de um modo geral: as relações amistosas que caracterizaram, em todos os momentos, a interação entre índios e caraíbas divergem basicamente do que se conhece da maioria dos pidgins: a inacessibilidade do modelo ou superstrato, dadas as relações de subordinação existentes.* (Emmerich, 1984:73)

Além do mais, a exposição da população xinguanas ao português foi seletiva e controlada. Ou melhor, os falantes foram expostos basicamente a um registro, o padrão falado pelos irmãos Villas Boas, pelos médicos e sanitaristas que trabalhavam no Posto, e pelos pesquisadores do Museu Nacional-UFRJ e da USP, que passaram a frequentar a área. Os Villas Boas se preocuparam em preservar os índios de influências que poderiam ser prejudiciais. São palavras de Orlando: *A preocupação nossa no contato com essa gente foi que naquela época tínhamos trabalhadores recrutados no Araguaia, todos sertanejos. A política que adotamos era manter o índio afastado do trabalhador, o máximo possível, por todas as razões: eram homens sem regras, sem lei, homens que durante toda a caminhada do Roncador havíamos conquistado. (...) Tudo separado. De modo que o contato que os índios tiveram, em massa, foi sempre com Cláudio, Leonardo e comigo. Ai é claro que os*

índios foram aprendendo um português um pouco melhor do que falavam os sertanejos. (Comunicação Pessoal de Orlando Villas Boas, *apud* Emmerich).

Emmerich assegura que não só a forma do português de contato se moldou na fala dos Villas Boas, mas também sua difusão.

Conforme Braga & Longhin (1997) ressaltam, “o português de contato se desenvolveu em situações extra-lingüísticas, então, bem mais amenas do que aquelas experimentadas pelos falantes dos demais *pidgins*. Todavia é inegável que a variante de contato compartilha numerosos traços com as línguas *pidgins*: de um ponto de vista estritamente lingüístico, redução das estruturas e funções da linguagem, para nos valermos da formulação de Hymes (1971); do ponto de vista extra-lingüístico, coexistência de falantes de línguas diversas em um universo geográfico e social bem delimitado. Exibe a variação típica das situações de *pidginização* com seus falantes implicacionalmente distribuídos segundo o maior ou menor domínio da variedade em tela. Por fim, vale lembrar que o processo que levou à formação do português xinguanos é bastante recente e seus falantes e criadores primeiros ainda estão vivos”.

3.1.4 A amostra do português como L1

Para a análise de aquisição do português como L1, recorri ao Projeto de Aquisição da Linguagem Oral, coordenado pela prof^a Cláudia de Lemos. O projeto integra gravações de áudio e vídeo com doze crianças de classe média, filhas de pais universitários, e visa a descrever e a analisar o processo de aquisição do português como primeira língua por crianças de um a cinco anos. Por uma feliz coincidência, as entrevistas começaram a ser feitas na década de setenta, na mesma época em que foram coletadas as entrevistas com os xinguanos. Selecionei quarenta e cinco gravações com duas crianças distintas, RA (Raquel) e VE (Verônica). A quantidade de fala não está especificada no Projeto. As fitas estão disponíveis no CEDAE/IEL/UNICAMP, e também as transcrições (parte manuscrita, parte informatizada). Fiz uso somente das transcrições.

3.2 Metodologia

A teoria variacionista admite que a variação nas línguas naturais está sempre correlacionada a fatores de ordem lingüística (fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais) e não-lingüística (sexo, idade, etnia, escolarização, nível de renda, profissão, classe social, grau de formalidade etc). Labov e colaboradores, na década de setenta, desenvolveram técnicas quantitativas que possibilitam controlar os diversos fatores que se correlacionam positiva ou negativamente com uso de formas variantes.

A clivagem é tratada aqui como um fenômeno variável, pois os falantes do português dispõem de diferentes estruturas lingüísticas para obter um mesmo efeito, que é o de realçar constituintes. Sendo assim, faço uso de alguns dos princípios da teoria da variação, tais como as noções de variável dependente, variáveis independentes ou grupos de fatores, que se correlacionam mais ou se correlacionam menos ao uso de uma certa alternante clivada em detrimento da outra, a análise quantitativa de freqüências e de percentuais, a verificação de hipóteses etc.

Reconheço que é questionável se as construções clivadas podem ser consideradas legítimas variantes (ou alternantes) de uma variável dependente, já que cada um dos diferentes tipos de clivadas do português parece ser adequado a contextos particulares, ou seja, os cinco tipos de clivadas do português não são intercambiáveis em qualquer contexto. Ainda assim, por questões metodológicas e estilísticas, emprego as expressões *variantes* ou *alternantes clivadas*, como já mencionado no capítulo 01.

De início, a teoria da variação foi proposta para a análise de segmentos fonológicos, cuja alternância não envolvia diferença no significado referencial. Com o tempo, foram sendo incorporados fenômenos sintáticos e discursivos, o que gerou opiniões controversas. Há autores radicais que negam a possibilidade de se trabalhar com o método quantitativo em nível discursivo, enquanto outros, mais flexíveis, aceitam-na sem restrições. Quanto a mim, no tratamento de fatores discursivos como *status* informacional farei uso da metodologia variacionista, mas com extrema cautela e ciente de que analisar aspectos discursivos enquanto correlações de regras lingüísticas é sem dúvida um desafio para tal metodologia, já que as estruturas em nível discursivo são mais livres, flexíveis e amplas (Braga, 1992).

Para obtenção das freqüências e percentuais, que serão exibidos em tabelas, utilizo alguns programas do pacote VARBRUL (Sankoff, 1975). Lamentavelmente, os pesos

relativos não serão analisados neste trabalho. Uma das razões é que o Varbrul não dispõe de um programa que acuse os grupos relevantes e os não-relevantes, quando se trata de variável enérgica, como é meu caso. Uma outra razão se refere ao fato de que a execução do programa que fornece os pesos relativos depende da eliminação dos *knockouts*, ou seja, das células que não têm nenhuma ocorrência. Os procedimentos para eliminação dos *knockouts* envolvem processos de amalgamação e lançamentos fictícios. Em meus dados, quando calculei o peso relativo, os lançamentos fictícios passaram a interferir nos resultados, comprometendo sua validade.

3.2.1 Envelope de variação

O envelope de variação compreende a variável dependente e cinco grupos de fatores, que são listados e especificados a seguir. Reservo para o capítulo 05 a discussão e exemplificação de cada um dos fatores.

O tipo de construção clivada - CLIV, É QUE, PC, SER e QUE - é tomado como variável dependente. As variáveis independentes de ordem lingüística, ou grupos de fatores, são: i) *status* informacional do constituinte com a função de foco: evocado, inferível e novo; ii) classe gramatical do constituinte com função de foco: sintagma nominal, sintagma verbal, sintagma preposicional, advérbio, oração etc; iii) função sintática do constituinte com função de foco: sujeito, objeto, circunstancial etc; iv) dimensão (em número de sílabas) do constituinte focal: curto, médio, longo; e, v) contraste: explícito, implícito.

Capítulo 04

Em Busca da Origem

O presente capítulo contém a análise das sentenças clivadas da amostra diacrônica. A preocupação aqui é tentar focalizar os caminhos que levaram ao surgimento dessas construções na história do português. Outros aspectos, como escopo, contraste, *status* informacional etc, relacionados às clivadas do português diacrônico, serão discutidos no próximo capítulo, nas seções a eles reservadas.

Foi visto nos capítulos anteriores que as construções clivadas estão presentes em diversas línguas, no português, inglês, espanhol, italiano etc. Tanto quanto sei, esse tipo de construção não foi herdado do Latim. A marcação de elementos focais no Latim era feita por meio da posição e proeminência prosódica. Ainda que a ordem dos constituintes na oração fosse consideravelmente livre e que as funções sintáticas e semânticas fossem recuperadas por uma morfologia de casos, o movimento de qualquer elemento para a posição inicial representava uma forma de chamar a atenção, focalizar. Conforme Cart *et al.* (1986:154) a forma *É...que serve em português para realçar uma palavra ou grupo de palavras. O latim não traduz é...que, mas geralmente coloca no início da frase o termo que se quer sublinhar.* Veja em (01a-b) os exemplos dos autores.

- (01) a. É **nosso pai** que trabalha para nós.
 Pater nobis laborat.
 b. É **para nós** que nosso pai trabalha.
 Nobis pater laborat.

Minha opção pelo estudo diacrônico das construções clivadas foi motivada pelo desejo de saber em que momento na história do português elas começaram a ser usadas, com que frequência e em quais situações. Além disso, surge a questão de saber se todas as alternantes clivadas surgiram mais ou menos simultaneamente e se tiveram a mesma fonte.

As construções encontradas no português diacrônico são muito particulares, algumas são claramente clivadas, outras são ‘quase’ clivadas, e ainda há aquelas que não são, mas que parecem clivadas. Para tentar solucionar minhas dúvidas e separar as clivadas das ‘falsas’ clivadas, faço uso das propostas de Dik (1997) e de Halliday (1967) e, ao mesmo tempo, procuro verificar até que ponto os critérios propostos por esses autores (para sentenças do inglês) ajudam a explicar as sentenças clivadas do português. Levarei em conta os seguintes critérios:

- 1º) Tipo de verbo: 2ª classe
- 2º) Reversibilidade
- 3º) Tipo de complemento: geralmente pronome ou nome próprio, mas não adjetivo
- 4º) Contrapartida não-clivada
- 5º) Contraste: noção de exclusividade
- 6º) Presença da nominalização (particularmente nas PCs)
- 7º) Funções de Identificando/identificador
- 8º) Mapeamento da nominalização no identificando
- 9º) Funções valor e variável
- 10º) Mapeamento da nominalização no valor

Antes de passar para a discussão dos dados, quero esclarecer algumas questões. A primeira é que a pesquisa de material diacrônico é um trabalho dificultado pela estranheza das expressões e construções linguísticas antigas. Para interpretação dos dados muitas vezes recorri a conhecimentos intuitivos e enciclopédicos, e também à pesquisa em dicionários e manuais especializados. A ‘tradução’ (interpretação ou paráfrase) que ofereço para os exemplos mais antigos não necessariamente é a única ou a correta²⁹. A segunda questão a ser esclarecida é com relação à uniformidade dos dados. Observei que em um mesmo século é freqüente encontrarmos estilos, convenções e grafias diferentes. Por fim, gostaria de lembrar que os dados diacrônicos são dados escritos, diferente dos dados das outras

²⁹ A interpretação dos exemplos ora aparecerá no próprio texto, ora no seguinte padrão:

(X) = para o exemplo extraído da amostra; e,

(X') = para a interpretação do exemplo.

amostras analisadas nessa pesquisa, e por isso, não se tem certeza se correspondem exatamente à língua falada da época, ainda que tenham sido selecionados tipos textuais que se aproximam mais do discurso falado, como a parte de correspondências, teatro popular, diários, crônicas, e outros.

Discuto separadamente os dados de cada século.

4.1 Século XIII

Nos textos desse século, constatei a presença de orações relativas do tipo exemplificado em (02) abaixo. A observação de orações relativas é relevante para essa pesquisa, já que a parte não-focal da sentença clivada é similar a uma relativa restritiva. Acrescente-se ainda que é possível encontrar na língua portuguesa sentenças ambíguas entre a leitura de clivagem e a de relativa comum, ficando a solução por conta do contexto. Há ainda outras orações relativas, por exemplo (03) e (04), que também apresentam a estrutura em ‘cópula + constituinte + relativa’, que em si é bastante sugestiva, dada a semelhança com as CLIVs atuais. Essas sentenças não satisfazem os critérios propostos acima, mas são muito importantes do ponto de vista de que a partir delas poderia ter havido um processo de mudança linguística que teria permitido que a construção fosse empregada para outras funções, dentre elas, aquela de realçar um constituinte.

(02) Ca certas esta aventura nom e senam por vos. ‘Non sei’, disse el, ‘mas esto bem querria que meu Deos outorgasse, que é cousa que de mui grado querria saber’. (*A Demanda do Santo Graal*, Vol I, p. 78)

(02’) (...) esta aventura não é senão por vós. ‘Não sei’, disse ele, ‘mas queria muito que Deus outorgasse isso, que é coisa que queria muito saber’.

(03) Um jogar, de que seu nome | era Pedro de Sigrar,
que mui ben cantar sabia | e mui mellor violar,
e en toda-las eigrejas | da Virgem que non à par
un seu lais senpre dizia, | per quant’en nos aprendemos.
A Virgem Santa Maria... (*Cantigas de Santa Maria*, p. 08)

(03’) Um jogar, cujo nome era Pedro de Sigrar, que sabia cantar muito bem, e muito melhor violar (...)

A sentença (03) não é um caso de clivada. Mas parece que descontextualizada e desconsiderando-se a pontuação, uma vez que não faz sentido comparar a pontuação atual com aquela vigente há séculos atrás, a sentença seria ambígua e em uma de suas leituras poderíamos pensar em clivagem. Nesse caso hipotético, claramente haveria a indicação de um valor para uma variável, e por isso a sentença seria pronunciada com proeminência contrastiva em *Pedro de Sigrar: Era Pedro de Sigrar que sabia cantar muito bem* (e não outra pessoa). A sentença seria então uma identificadora, com verbo da 2ª classe; a contrapartida não-identificadora seria boa (*Pedro de Sigrar sabia cantar muito bem*) e o tipo de complemento, adequado à construção. Em outras palavras, o acréscimo de alguns traços poderia facilmente transformar essa construção em uma clivada.

Veja agora o exemplo (04):

- (04) Ora é já Martin Vaásquez certo
das planetas que tragia erradas,
Mars e Saturno, mal aventuradas,
cujo poder traz em si encoberto; (*Cantigas de Escárnio e Mal Dizer*, p. 124)
- (04') Martin Vaásquez já estava certo dos planetas que traziam erradas (*erradas* é um termo atribuído à mulher que prevaricou contra a castidade) mal aventuras, Mars e Saturno, cujo poder traz em si encoberto.

Segundo a interpretação dada acima, a sentença não possui traços de clivagem. O fato de a relativa ter por antecedente *planetas* e não *Martin Vaásquez* elimina qualquer possibilidade.

A sentença destacada em (05), embora não seja realmente uma clivada, parece incorporar alguns vestígios de clivagem.

- (05) E esto a confortava que era elle cavalleiro mancebo, e por aquesto o cuidaria acabar mais toste seu desejo. Mas era em seu cora[c]om tam triste que se fizesse alguma infinta, que queria amar, que lhe seria a mal teudo, se lho soubessem. (*A Demanda do Santo Graal*, Vol I, p. 71)

É preciso eliminar a consecutiva *tam triste que se fizesse alguma infinta* para que a sugestão de clivagem fique mais clara. Assim, sem a consecutiva teríamos *era em seu coração que queria amar, que lhe seria a mal teudo*, semelhante a uma CLIV, cuja contrapartida não-clivada é bem formada (*em seu coração queria amar*). No entanto, dada a

peculiaridade da sentença não me sinto segura em classificá-la como clivada, ainda que nela se possa reconhecer traços de clivagem.

A sentença em (06) é excluída de imediato pelo critério tipo verbal, pois se trata, penso eu, de uma sentença atributiva, com verbo da classe zero, seguida por uma relativa.

- (06) - Pensade dêste cavaleiro, ca bem sabede que êste é o melhor cavaleiro que nunca trouxe armas na Grã-Bretanha. (A Demanda do Santo Graal, Vol II, p. 147)

Creio que ela poderia ser parafraseada assim: este cavaleiro pode ser caracterizado como/tem o atributo de ser o melhor cavaleiro que nunca trouxe armas na Grã-Bretanha.

A ocorrência dada em (07) é semelhante a uma PC.

- (07) O que Santa Maria mais despraz,
é de quem ao seu Fillo pesar faz. (Cantigas de Santa Maria, p. 12)
- (07') Quem mais desagrada à Santa Maria é quem provoca desgosto a seu filho.

Essa sentença apresenta claramente uma nominalização (*O que Santa Maria mais despraz*) que corresponderia ao identificando, caso a sentença fosse identificadora, ao passo que o elemento pós cópula, que aparece negritado, seria o identificador. Contudo, tal como a sentença é apresentada, não consigo distinguir a relação de identificação entre o elemento que precede e o que segue a cópula. Mesmo após traduzi-la da maneira como fiz em (07'), ainda fica difícil admitir a relação de identificação.

Desta forma, parece que em (07') há duas nominalizações, e que a segunda não funciona bem como identificador da primeira. Lembre que teoricamente, segundo Halliday (1967), as nominalizações não podem ser associadas à função de identificador. Seja como for, com um pouco de ousadia, sugiro que esta sentença seja uma forma embrionária de PC.

No exemplo (08), a construção *non foi omen que* é muito interessante e, à primeira vista, lembra uma CLIV. O contexto mostra não ser este o caso.

- (08) E tal besta como m'el á mandada,
non foi omen que lhe visse as semelhas;
 nen ten rostro, nen olhos, nem orelhas,
 nen é gorda, nem magra, nen delgada,
 nen é ferrada, nen é por ferrar,

nen foi omen que a visse enfrear;

nen come erva, nen palha, nen cevada (*Cantigas de Escárnio e de Maldizer*, p. 237)

Segundo uma nota de Rodrigues Lapa, organizador da coletânea das cantigas de onde foi retirado esse trecho, o poeta descreve um animal, mais propriamente uma besta, que não é concreto, mas ideal, pois foi prometido e não foi dado. O fragmento em (08) corresponde à segunda estrofe, que menciona o rapaz que possivelmente faria a cavalgadura. Trata-se de um moço também ideal. Nesse contexto, a expressão *non foi omen que* parece estar empregada no sentido de que não houve homem que tivesse visto coisa semelhante, ou seja, *uma besta sem rosto, sem olhos, sem orelhas, nem gorda, nem magra* etc, que é a caracterização de um animal que não existe. A partir desse exemplo, importa salientar o fato de que a estrutura *non foi omen que* era empregada, no português de séculos atrás, para se alcançar um certo efeito de sentido, que não é o de clivagem, e também não é aquele que hoje se alcançaria. Em outras palavras, exemplos como esse reforçam a hipótese de que o aparecimento da clivagem tenha se dado a partir de construções já existentes, que sofrendo pressões discursivas, começaram a ser empregadas de forma diferente.

Na ocorrência que menciono a seguir aparece um *é que*, mas não há qualquer indício de clivagem. Na leitura de Rodrigues Lapa (em nota de rodapé) os dois últimos versos devem ser entendidos como *é verdade que já não pode ter mais nada, - de tal maneira sucederam as coisas*. Certamente os exemplos desse século que apresentam a forma *é* como o presente do verbo *ser* passaram por alguma tradução ('atualização'), pois a forma *eh* é mais antiga.

- (09) Mais como ou quen é o que poderá
cobrá-las minguas que lh'achan que á?
Preguntad', e quen quer vo-lo dirá.
Como perdeu, na guerra que passou,
corpo'e amigos, na verdad' é que já

non pod'a ver al, - assi se parou (*Cantigas de Escárnio e de Maldizer*, p. 244)

A sentença exemplificada em (10) contém a expressão *foi que* posposta ao pronome indefinido *alguém*.

- (10) Mentre non soube por min mia senhor;
amigos, ca lhe queria gran ben,

de a veer non lhe pesava én;
 nen lhe pesava dizer-lhe "senhor";
 mais alguen foi que lhe disse por mi
 ca lhe queria gran ben, | e des i
 me quis gran mal, e non mi-ar quis veer.
 | confonda Dou'-lo que lh'o foi dizer! (*Cancioneiro da Ajuda*, 110)

Essa sentença parece ter algum vestígio de clivagem, pois além de ser estruturalmente semelhante à contrução É QUE, sua contrapartida não-clivada é boa: *alguen lhe disse por mim*. Esclareci no Capítulo 02 que aceito expressões indefinidas na posição de identificador, mas tenho que admitir que é problemático aceitar pronomes indefinidos como *alguém*, pois *alguém* não identifica nada. É possível ainda que o *foi que* tenha uma leitura semelhante àquela de (08), ou seja, no sentido de *haver*. Se essa possibilidade é aceita, a paráfrase dos versos em questão seria (10').

(10') mas houve alguém que lhe disse por mim que lhe queria muito bem.

Além desses casos, verifiquei outros em que o advérbio *assi* (=assim) aparece ora com *foy/foi assi que*, ora com *assi he/é que*. No português atual é comum a clivagem do advérbio *assim*, por meio de CLIVs e É QUEs. Nas três ocorrências que cito de (11) a (13), a primeira parece melhor que as demais, pois nela fica claro o sentido coesivo da expressão *foi assi que*, que retoma a porção textual anterior, tal como acontece nas clivadas. Já as duas últimas parecem admitir mais leituras. Por exemplo, (13) permite a paráfrase com *então* em lugar do *é assi que*.

(11) Galvam, o dia dante aquel, veera aaquel pôsto, e tanto que viu a donzela que deveria haver em galardom, aquel dia, aquel a que Deus desse a honra daquele pôsto, pagou-se dela muito. ca sobejo era de grã beldade; e atendeu tanto, que uu cavaleiro da terra soube o pôsto que poseram; e quando el viu que o cavaleiro filhou sas armas por ganhar o prêço daquel dia. Galvam foi i tam escondidamente como se fôsse uu pobre cavaleiro e pidiu-lhe justa; e o cavaleiro, que o nom preguntara rem, justou com el, e foi assi que o derribou Galvam e que o chagou a morte. (*A Demanda do Santo Graal*, Vol II, p. 41)

(11') Galvam foi escondido como se fosse um pobre cavaleiro (...) e foi assim que Galvam o venceu e o levou à morte.

(12) Disse el:
 - Mui grande; derribou-me tam bravamente que ainda ora me dol.

- E por u se vai? disse Galvam.

- Senhor, disse êle, el se vai polo grã caminho da floresta; mais pois assi é que o vós buscades, bem sei que nom é sem razom,e rogo-vos que [mo] digades, se vos perguntar. (*A Demanda do Santo Graal*, Vol II, p. 45)

(12') Senhor, disse ele, ele se foi pelo caminho da floresta; mas assim que vós o trouxer, sei que não é sem razão, peço que me diga.

(13) Assi houve a filha alhea em logar da sua, prometendo-nos todavia que nos-la daria quando quiséssemos. Ora é assi que lhe pedi e nom ma quis dar e negou-me todo o preito, e demais trouxe-me mal; e a donzela, que sabe verdadeiramente que soõ seu padre, nom xe me quer i con[h]ocer, ante me disse que lhe i nunca falasse, senom que me faria matar. (*A Demanda do Santo Graal*, Vol II, p. 51)

(13') Assim, havia a filha alheia em lugar da sua, prometendo-nos que a daria a nós quando quiséssemos. Ora, então lhe pedi e não quis me dar e negou-me todo o preito.

Finalmente, a construção *por êsto é que* (por isto é que), no exemplo (14), é muito similar a sentenças clivadas do português atual.

(14) - Senhor, como haverá nome o filho de minha filha?

E el rei lhe disse:

- Se fôr filha, haja nome Genevra; e se fôr filho, haja nome Artur o Pequeno em renembrancha de mim, que som Artur de tam grã poder; e por êsto é que depois de mim nom veerrá ne huu Artur que contra mim nom deva ser chamado Artur o Pequeno. (*A Demanda do Santo Graal*, Vol. II, p. 91)

(14') Se for filha, ponha o nome Genevra e se for filho ponha o nome Artur o Pequeno, em minha lembrança, que sou Artur de grande poder, e por isso é que depois de mim não haverá nenhum Artur (...)

Em suma, nos dados do século XIII, encontrei construções formalmente similares às clivadas, mas que eram empregadas para outros fins, diferente daquele de focalização, como é o caso do exemplo (08). Além dessas, encontrei também construções estruturalmente ambíguas, em que se pode identificar pelo menos alguns traços de clivagem, como, por exemplo, as ocorrências em (05) e (07). Verifiquei ainda um tipo de construção que apresenta grande similaridade com as clivadas, mas não disponho de condições suficientes para afirmar, de forma categórica, que são clivadas verdadeiras. Trata-se de exemplos como (11) e (14). Essas citadas construções são semelhantes a três das alternantes clivadas do

português atual, a saber, CLIVs, É QUEs e PCs. Assim, a análise desses dados sugere que o processo de formação desses três tipos de clivagem tenha se dado quase simultaneamente e a partir de mudanças sofridas por construções já existentes.

4.2 Século XIV

Nos textos do século XIV, encontrei várias ocorrências do advérbio *assi* com as construções *he/foy que* e *he/foy...que*. O que me pergunto é se essa estrutura tinha naquela época uma leitura de clivagem ou se era entendida como um todo, veiculando outro sentido. A pesquisa em dicionários não solucionou minha dúvida. O que parece certo é que essas expressões estão estreitamente ligadas a estratégias coesivas, da mesma forma que as clivadas de hoje, principalmente as CLIVs e É QUEs, que, como será mostrado, são as preferenciais para a focalização de elementos anafóricos. Veja um exemplo em (15) abaixo. Mostrarei também que é característica das CLIVs e É QUEs muitas vezes funcionarem como ‘sumários discursivos’, retomando o conteúdo anterior a elas.

- (15) E desy saironsse pellas portas e firirõ nos da hoste e fezerom em elles gram dāpno. Mas en cabo todos foram mortos que nenhuu nõ ficou aa vyda. E, esto feyto, emtrou Anybal na cidade e derribouha pello fundamento e estragouha de todo.
E, ante desto huu pouco, acontecó em Segomça hua maravylha grande per que elles entendero que avyã a viir a grã destroymento. E foy assy que hua molher pario hua creatura e, depois que foy fora do ventre da madre, tornou-se dentro; e logo os da vylla o ouverom por maaos synal. (*Crónica Geral de Espanha de 1344*, p. 83).

- (15') E, um pouco antes disso, aconteceu em Segomça uma grande maravilha porque eles entenderam que estava por vir uma grande destruição. E foi assim que uma mulher pariu uma criatura e depois que estava fora do ventre da mãe, voltou para dentro, e os da vila viram como mau sinal

O exemplo (16) traz uma ocorrência muito semelhante a uma CLIV, entretanto, não há condições para se afirmar categoricamente que se trata de um verdadeiro caso de clivagem, pois um dos obstáculos para tal é o significado da palavra *rray*, que não consta nos dicionários pesquisados.

- (16) Ca pero o pecado venial he en cuydar e nõ obrar, per cõ todo esso he tã grande que he rray dos outros que sse tornã en feytos, ca eno pessameto se aiutam premeyramte e ss'acordam todas as

rrazões do be e do mal que deploys se mostrã saindo pelas bocas dos homes en dito ou en fazendo en feyto per obras. (*Alphonse X Primeira Partida*, p.126).

Pelos critérios de clivagem discutidos antes, a sentença em (17) parece uma PC.

- (17) E elle hya em hua carreta que tiravam duas mulas muy nobres; e a carreta era tam nobremente feita que era muito de maravilhar, ca em ella nom avya fuste ne ferro e a mais refece cousa que ella era assy eram ossos de marffym, e todo o al/ era ouro e prata e pedras preciosas; (*Crónica Geral de Espanha de 1344*, p.331).
- (17') (...) e a carreta era tão nobremente feita que era de se maravilhar, nela não havia fuste nem ferro e a coisa mais miserável que havia nela eram ossos de marfim, tudo era ouro, prata e pedras preciosas.

Como se pode verificar em (17), a nominalização contém um núcleo nominal geral, *a coisa*, acompanhado por um modificador, *mais refece (mais miserável)*. A sentença é uma equacional identificadora, é reversível (*eram ossos de marfim a coisa mais miserável que havia nela*), a contrapartida não-identificadora é boa (*havia nela ossos de marfim*), o elemento focal pós-copula (*ossos de marfim*) é o identificador contrastivo e a nominalização é o identificando.

Em suma, a investigação dos dados do século XIV serviu para mostrar a recorrência das construções com o advérbio *assy* que, pelo menos em uma das leituras possíveis, apresentam características de clivadas. No entanto, o dado mais importante desse material foi a primeira ocorrência de PC, apresentada em (17).

4.3 Século XV

Nos dados do século XV encontrei uma PC, como está em (18).

- (18) Paffo secreta tormenta,
q foo comyguo fe fente,
mas o que mays matormeta
he mofrarme descontente
de quem muyto me cõtenta. (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, p. 37)
- (18') Passo secreta tormenta/ que só comigo se sente/ mas o que mais me atormenta é mostrar-me descontente com quem muito me contenta.

Neste exemplo, o identificador, em negrito, é realizado por todo o predicado. O identificando é uma relativa sem núcleo. A contrapartida não-identificadora é boa (*me atormenta mostrar-me descontente...*), a reversibilidade é possível e a leitura de contraste pode ser inferida. Enfim, a sentença parece atender aos critérios postulados anteriormente.

Há duas ocorrências deste século que têm alguma possibilidade de serem CLIVs, dada a semelhança estrutural. Elas são exemplificadas em (19) e (20) abaixo.

- (19) E geera primeiramente huu principal amor em aquelles que dele nascerom; desi móveo a ter desejo que sejam honrrados dos homeens e que lhe obedeam, e pera esto que se trabalhe de ajuntar aquelas cousas que pertecem pera guarnimento e mantiimento da vida, e isto nom soamente pera si, mas pera sua molher e seus filhos e todollos outros que ama e deve defender, o qual cuidado alevanta os corações e os faz maiores pera acabarem alguus feitos. (*Livro dos Officios*, p.13)
- (19') E gera primeiramente um amor naqueles que nasceram dele (...), é por isso que se trabalha em ajuntar aquelas coisas que pertencem ao guarhecimento e mantimento da vida.
- (20) E tragendo a rrazom esta semelhança dos olhos ao coração, entende que muito mais deve de seer guardada esta fremosura e firmeza e boa ordenança nos conselhos e nos feitos. E guárdasse muito que nom faça algua cousa torpe ou molherrigamente, e isso meesmo que em todas suas opiniões e feitos nom faça nem cuide cousa escontra razom. E daquestes fundamentos se forja e faz aquela onestidade que nos buscamos pera avermos dela de falar, a qual, ainda que de muitos nom seja preçada, se certamente for onestidade. (*Livro dos Officios*, p. 14)
- (20') (...) é isso mesmo que em todas suas opiniões e feitos não faça, nem encontre razão.

Já a sentença em (21), também semelhante a uma CLIV, admite mais de uma interpretação.

- (21) Mas todo nosso cuidado e movimento do nosso coração deve de sser ocupado em tomar conselho das cousas onestas e que a nos pertencem per bem vivermos e bem-aventuradamente, ou em studos de ciencias e conhecimento da verdade. E isto que teemos dicto seja assaz da primeira fonte donde procede ho officio. (*Livro dos Officios*, p. 17)
- (21') Mas todo nosso cuidado e movimento do nosso coração deve ser ocupado em tomar conselhos das coisas honestas e que nos pertencem para bem vivermos e bem aventuradamente, ou no estudo das ciências e conhecimento da verdade. É isto que temos dito da primeira fonte de onde procede o officio /ou E isto que temos dito é da primeira fonte de onde procede o officio.

Ignoro o fato de, nos três exemplos anteriores, o *e* não ter acento, pois assim como na pontuação, os critérios de acentuação de épocas tão distantes não podem ser assimilados aos atuais.

Uma leitura rápida pode sugerir que exemplos como (22) sejam interpretados como clivadas *É QUE*. Na realidade, trata-se de sentenças classificadas tradicionalmente como subordinadas substantivas predicativas.

- (22) Mas naquesta vertude natural e onesta, de dous erros se devem os homeens de guardar (...) O houtro erro he que alguus pooem mui grande studo e grande trabalho por acalçar cousas scuras e graves, as quaaes lhe som pouco necessarias. (*Livro dos Officios*, p. 16)
- (22') Mas na virtude natural e honesta, os homens devem se guardar de dois erros (...) O outro erro é que alguns dedicam grande estudo e grande trabalho para alcançar coisas escuras e graves, que são poucos necessárias.

Nos textos do século XV, continuam aparecendo exemplos com o advérbio *assi*, veja alguns dos casos:

- (23) Dona Lionor, a que deste feito muito pesava, reçeando-se que, per aazo de taaes ajuntamentos e fallas, podia seer que a leixaria el Rei, dizem que mandava saber per emculcas quaaes eram os que em isto mais fallavom contra ella, razoando mal de tal casamento; e avia com el Rei que os mandasse premder, e fazer em elles justiça. E foi assi de feito³⁰, que em Lixboa foi preso depois Fernam Vaasquez, aquel alfayate que ouviste, e outros; e forom deçepados e tomados os beens, e delles fugirom, e assim em alguuns logares do reino. E a muito que amdavom fogidos por esta razom, perdohou el Rei depois, e nom ouverom pena. (*Crônica de D. Fernando*, p. 47)
- (23') Dona Leonor, que disso muito pensava, receando-se de que tais ajuntamentos e falas (...) dizem que mandava saber quais eram os que mais falavam contra ela (...) e mandava-os prender e fazia justiça. E foi assim com efeito que em Lisboa foi preso Fernam Vaasquez e outros (...)
- (24) (...) e o conde bem emtemdia que de taaes pessoas nom era mui seguro, nom damdo porem a entemder nada; mas seu gramde estado e aguardamento de muitos, que per aazo dell aviam grandes desembargos delRei e da Rainha, o fazia segurar de todos. Pero foi assi que o Comde dom Joham Afonso, irmão da Rainha, quando veo de Castella que foi ella preso na de Saltes, e chegou a Lixboa, achando a fama de sua irmã, muito peor do que a leixara com este Comde que dissemos, ouve dello grã queixume, e determinou de o matar. (*Crônica D. João I*, p. 5)

³⁰ *De feito* é uma locução adverbial que quer dizer *efetivamente, com efeito*.

- (24') (...) e o conde entendia bem que de tais pessoas não estava muito seguro, mas não dava nada a entender; (...) Foi assim que o Conde D. Joham Afonso, irmão da rainha, quando veio de Castella e chegou a Lisboa, achou a fama de sua irmã muito pior do que a deixara.

A sentença assinalada em (25) abaixo, embora pareça uma identificadora, tem características de intensivas atributivas.

- (25) Nem de todo se contradigam, por as mui maravilhosas que se fazem, e devem-se de trazer em duvida, mais inclinados a as nom creer que as afirmar, temendo aquella sentença: "Quem de ligeiro cree, he de leve coração." (*Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgar*, p. 63)

Sugiro que (25) seja um exemplo de sentença com leitura ambígua entre identificação e atribuição. Ou seja, parece que ela pode ser parafraseada como: *quem de ligeiro crê é identificado como (pessoa) de leve coração*; e também como: *quem de ligeiro crê tem o atributo de ser de leve coração*. Essa ambiguidade será discutida em mais detalhes em 5.2.3.

Em (26), a sentença parece ambígua entre a leitura de clivagem e a de relativa comum. Exemplos como esse fortalecem a hipótese de que as clivadas tenham emergido diacronicamente por um processo de gramaticalização da estrutura de relativa comum em estratégia de focalização.

- (26) E a suidade nom descende de cada hua destas partes, mas he huu sentido do coração que vem da sensualidade e nom da razom, e faz sentir aas vezes os sentidos da tristeza e do nojo. (*Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgar*, p. 56)

- (26') Clivada: É um sentido do coração que vem da sensualidade e não da razão.
Relativa: É um sentido do coração, que vem da sensualidade e não da razão.

É neste século que começa aparecer um tipo de construção clivada pouco explorado na literatura lingüística e que é referido por Geluykens (1988) e Collins (1991) como um sub-tipo das *wh-clefts*, mais propriamente uma pseudo-clivada com a ordem invertida. Esse tipo de sentença também tem correspondente no espanhol, a *seudohendida inversa*, que foi estudada por Sedano (1990), conforme mostrei no Capítulo 02. Veja um exemplo em (27):

- (27) Mas o erro que fazeys
he o que me da payxam:

oulhay quanto me deueis

nefta foo fatiffaçam. (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, p. 32)

(27') Mas o erro que fazeis é o que me dá paixão: olhe quanto me debes nesta só satisfação.

De fato, a sentença destacada parece formalmente idêntica à PC, mas com a ordem trocada:

PC: o que me da payxam he o erro que fazeys.

PC-INV: o erro que fazeys he o que me da payxam.

Os trabalhos já realizados sobre essas construções mostram que, ainda que haja semelhança formal com as PCs, as funções discursivas das duas são diferentes. Lembre que Sedano (1990) observou a categoria gramatical e o *status* informacional do elemento focalizado e concluiu que as *seudohendidas inversas* se aproximam mais das *hendidas*, que das *seudohendidas*. Collins (1991) constatou que as PC-INV's divergem bastante das PCs básicas, com relação a seus valores comunicativos, e que a principal diferença repousa no tipo de informação veiculado pelo elemento realçado. Segundo ele, o elemento realçado das PCs básicas veicula geralmente informação nova, enquanto o das PC-INV's, informação dada.

Creio que sentenças desse tipo admitam, no mínimo, duas leituras. Uma é esta de clivagem que certamente depende da proeminência contrastiva do identificador e a outra é de relativa comum, em que a sentença (27), num contexto particular, seria interpretada como *o erro que fazeis é aquele (aquilo, o motivo) que me dá paixão*. Nos meus exemplos, considero a primeira leitura, a de clivagem, embora esteja consciente de que não há como saber com certeza se esta foi a intenção do autor ao construir a sentença. No português, as PC-INV's estão muito próximas das construções CLIV e É QUE, o que evidencia a imprecisão do rótulo e possibilita relacioná-las à origem das variantes CLIV e É QUE, como (28) e (29) sugerem:

(28)	o erro que fazeys [he o que] me da payxam	↓	PC-INV
	o erro que fazeys [he Ø que] me da payxam		perda de morfologia
	o erro que fazeys <u>he que</u> me da payxam		Construção É QUE

- (29) o erro que fazeys [he o que] me da payxam PC-INV
 ↓
 o erro que fazeys [he Ø que] me da payxam perda de morfol. e movimento sintático
 he erro que fazeys que me da payxam CLIV

A hipótese de que as CLIV e É QUE possam ter emergido a partir de um tipo de construção como aquele exemplificado em (27), além de ser reforçada pelo fato de que elas parecem ter as mesmas propriedades sintáticas e discursivas, encontra respaldo em Givón (1979), que sustenta que as construções clivadas do inglês teriam origem via processo de sintaticização de estruturas discursivo/paratáticas/pragmáticas, que seriam condensadas sob o mesmo contorno de entoação, com eliminação progressiva da morfologia da oração relativa e também de características da cópula. Em outras palavras, a linguagem tomaria estruturas discursivas e as condensaria, via sintaticização, em estruturas sintáticas. As últimas, com o tempo, sofreriam desgaste por meio de processos de morfologização e lexicalização. Por exemplo, Givón sugere que a construção paratática em (30) serviria como ponto de partida para a mudança diacrônica e resultaria na clivada em (31):

- (30) It was John, (the one, the person) who did it.
 (31) It was John who did it.

As sentenças denominadas PC-INV foram discutidas por Lopes-Rossi (1996) e Modesto (1995), no quadro da gramática gerativa. Segundo Lopes-Rossi, há dois tipos de focalização que muitas vezes são confundidos: a clivagem, que compreende construções do tipo (32), e a focalização com *small clause* (SC), que pode ser de dois tipos, conforme (33) e (34):

- (32) É o salário que me desanima.
 O salário é que me desanima.

Focalização de SC (FOC-SC)

- (33) É o salário o que me desanima.
 É o seu pai quem tem razão.

Focalização de SC invertida (FOC-IN-SC)

- (34) O salário é o que me desanima.
 O seu pai é quem tem razão.

A autora sugere que a focalização com SC se restringe a sintagmas nominais e que a concordância verbal é obrigatória. Em sua pesquisa diacrônica, ela observou que no século XVI a focalização por meio clivagem era pouco recorrente, em contraste com a focalização por meio de SC, que era mais comum. Com o tempo, segundo ela, as primeiras foram ganhando espaço e se superpondo às segundas. Já para Modesto (1995), como vimos, as construções em (33) são classificadas como PCs extrapostas e as em (34) como copulares comuns.

Não concordo que as sentenças de (32)-(34) constituam formas distintas de focalização, mas creio que todas apresentam leitura de clivada. O argumento que disponho e que me permite defender que essas sentenças são realmente clivadas, pelo menos em uma de suas leituras, é o fato de que elas satisfazem os critérios estabelecidos antes, a saber: i) trata-se de sentenças do tipo equacional, portanto o verbo é da 2ª classe; ii) são reversíveis; iii) os complementos desses exemplos são sintagmas nominais, portanto, são adequados nesse tipo de construção; iv) a contrapartida não-clivada é boa: *o salário me desanima; o seu pai tem razão*; v) exclusividade: é o salário e não outra coisa, é o seu pai e não outra pessoa; vi) as nominalizações são *o que me desanima* e *quem tem razão*; vii) *o salário* e *o seu pai* (identificadores) identificam respectivamente *o que me desanima* e *quem tem razão*; (identificandos); viii) conseqüentemente, as nominalizações são sempre os identificandos; ix) *o salário* e *o seu pai* são as variáveis e *o que me desanima* e *quem tem razão* são os valores; x) as nominalizações correspondem aos valores.

Semelhante a (27), encontrei (35)

- (35) Trago jaa do' mil vilaãos,
que qua faço cada ora
darem mootes oos de fora,
que parecem corteфаãos.
Andam jaa tam enssynados,
que mao grado oos do paço
tem me fora mil cuidados,
que trouxe deseфperados:
yfto he o que qua faço. (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, p. 02)

- (35') Isto é o que faço aqui

que também obedece aos dez critérios propostos. Contudo, (36) e (37) me parecem mais problemáticas em razão do tempo do verbo da nominalização, que tem consequências para a reversibilidade:

- (36) Nã dygays q me leyxaftes,
queu fuy o que v'leyxey,
 & bem fey
 que no joguo que jugaftes
 mays perdeftes que gãhaftes,
 & eu fuy o que ganhey.
 Ganhey que nã me perdy,
 por que v'vya perder,
 & poys nam marrependy,
 tenho jaa çerto de my
 que nam mey darrepende. (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, p. 04)
- (36') Não digas que me deixastes, porque eu fui o que vos deixei, e bem sei que no jogo que jogastes mais perdestes que ganhastes, e eu fui o que ganhei.
- (37) Ifto nam he nouydade,
 jenhora, mas he rrezam,
 que honde nam ha vontade
 o abyto nam faz frade,
 fe o nam faz a tençam.
 E hynda mays v'feguro,
 fenhora, por falar craro,
 que no voffo abyto efcuro
eu fuy o que comprey caro. (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, p. 11)
- (37') E ainda mais lhe asseguro, senhora, por falar claro, que no vosso hábito escuro, eu fui o que comprei caro.

Na primeira sentença clivada de (36), a reversibilidade produz a sentença: *?o que vos deixei fui eu*. Na segunda, *?o que ganhei fui eu* e em (37), *?o que comprei caro fui eu*. Embora pareça haver alguma restrição na classificação dessas sentenças como clivadas, pois o critério da reversibilidade parece não funcionar muito bem, elas têm inúmeros traços de clivagem. Elas são equacionais, o tipo de complemento é adequado, a contrapartida não-clivada é boa, a leitura de exclusividade está presente (de forma explícita em (36)), têm nominalização e podem ser analisadas em termos de identificando/identificador e

valor/variável. Dito isto e acrescentando-se o fato de que, fora de contexto, as sentenças em (36) e (37) são intercambiáveis com *É QUE* e *CLIV*³¹, sugiro novamente que elas possam estar correlacionadas ao processo que deu origem às *CLIVs* e *É QUEs*.

Em suma, a pesquisa nos textos do século XV foi bastante frutífera. Nos dados desse século, à semelhança dos demais, encontrei construções formalmente similares às clivadas. Expliquei que algumas delas não funcionam como meio de focalização, enquanto outras admitem mais de uma interpretação, sendo uma delas a de clivada. Com base nas ambiguidades observadas, sugeri que um dos possíveis caminhos que teriam levado ao aparecimento da clivagem é a apropriação de relativas comuns para o desempenho de diferentes funções como, por exemplo, a de realçar ou focalizar constituintes. Penso que o processo seria gradativo, com perdas de traços da construção relativa e ganho de traços do que viria a constituir a construção clivada que, com o tempo, seria incorporada pela língua.

As alternantes clivadas encontradas nesses dados são as *PCs* e *PC-INV*s. Discuti com alguma particularidade as *PC-INV*s e dei evidências de que elas podem estar correlacionadas ao processo de origem das *CLIVs* e *É QUEs*.

4.4 Século XVI

Nos dados desse período, encontrei algumas *PCs* em que a relativa é livre. Um exemplo está em (38) e os demais aparecerão no próximo capítulo. Já a sentença exemplificada em (39), embora muito semelhante a *PC*, parece estruturalmente ambígua.

- (38) *O que* daqui, da mesma cidade, há que escrever *hê*, **louvores ao Senhor**, andar a gente muy deferente do que era, porque nas condissões e comungar se lhe acrecenta cada vez mais o fervor. (*Carta dos primeiros jesuítas do Brasil*, p. 450)

- (39) E tu, Senhora, has de crer,
Que tudo a Deos he possivel,
E *o que* he mais impossivel,
Lhe *he o menos de fazer*. (*Auto da Mofina Mendes*, p. 09)

³¹ (36) Fui eu que ganhei / Eu é que ganhei

(37) Fui eu que comprei caro / Eu é que comprei caro.

Há também PCs com nominalizações especiais que comportam nomes gerais. Veja, por exemplo, (40).

- (40) A causa que principalmente ffazia a estes gentios ffazer guerra aos christãos era o salto que os navios, que por esta costa andavão ffazião nelles. (*Carta dos primeiros jesuítas do Brasil*, p. 175)

Além das PCs, há exemplos que possibilitam a leitura de CLIV, como (41), (42) e (43).

- (41) Diabo: Que sabroso arrecadar!
Brísida Vaz: No é essa barca que eu cato.
Diabo: E trazês vós muito fato?
Brísida: O que me convém levar. (*Auto da Barca do Inferno*, p. 106)

- (42) Jer: Est'outro manjar segundo
é iguaria
que haveis de mastigar,
em contemplar
a dõr que o Senhor do mundo
padecia
pera vos remediar.
Foi um tromento improviso,
que aos miolos lhe chegou:
e consentio,
por remediar o siso,
que a vosso siso faltou;
e pera ganhades paraíso,
a soffrio. (*Auto da Alma*, p. 155)

- (43) Aff: Raiva moida!
Cat: Por Joanne he ella perdida.
Joan: Está ella logo enganada.
Inez: Catalina! hai Catalina!
Cat: Aquella he ella que retina.
Inez, vem ca, mana, vem. (*Auto Pastoril Portugues*, p. 33)

Ao lado desses exemplos, há aqueles que se caracterizam como relativas comuns, por exemplo, (44).

- (44) Diabo: Entra cá, governarás
até as portas do Inferno.

Enf. Nom é' ssa a nao que eu governo³².

Diabo: Mando-t'eu que aqui irás.

Enf. Oh! nom praza a Barrabás!

Se Garcia Moniz diz

que os que morrem como eu fiz

São livres de Satanás.... (*Auto da Barca do Inferno*, p. 117)

A ocorrência exemplificada em (45) está muito próxima de PC, mas parece não conter todos os traços que a classificariam como clivada.

- (45) e, depois, pello grandes proveytos que avera
das mercadaryas que de nossos reynos
e senhorios a sua terra lhe mandaremos,
e nossos naturaes lhe levaram; porque
o que agora vai he ssomente pera amostra;
porque nam sabeemos se estas, ou outras,
ssam as que se la mais querem. (*Documento III*, p.25)

- (45') o que agora vai é somente para amostra, porque não sabemos se estas, ou outras, são as que mais querem lá.

Esse exemplo apresenta problemas, ao menos, no que diz respeito às funções identificador/identificando e valor/variável. Veja que *somente para amostra* não identifica *algo que vai*.

Os exemplos em (46) e (47) são orações relativas comuns que, com algum esforço e algumas 'manobras', poderiam ser interpretadas como clivadas:

- (46) e susueste que he a razão por onde as ambarçaõis se afastão deste parcel e grandes correntes dagoa que por aqui ha nesta costa he tres Ryos para poderem emtrar embarçaõis que demandem duas braças de agoa até duas e mea como ha em Sofalla, que esta em altura de vinte graos e meio em Quilimane que he o Rio de Cuama que esta em altura de 18 graos Quzeungo que he o Rio que então os pangayos que vão fazer o Resgato do feitor de Moçambique e em todos estes Rios he necessario piloto da terra para poderem emtrar nelles. (*Um manuscrito seiscentista reencontrado*, p. 345).
- (47) Relação que fez João da Costa por mandado do Conde de Castro governador sobre a Barra dos Rios de Cuama e nauevação para ella deste Reyno de Portugal e da India e trato delles. Foi homem

³² nao = embarcação: *não é essa a embarcação que eu governo*

do mar e depois mercador nestes Rios e capitão das carauelas que no anno de 1633 foi aos Rios a fundar as fortalezas de Quilimane e Luabo. (*Um manuscrito seiscentista reencontrado*, p. 348).

Em suma, o levantamento e a análise dos dados do século XVI mostrou mais ocorrências de PCs (com e sem nominalizações especiais), a alternante clivada que parece estar se implementando no português, desde o século XIV. Além disso, revelou construções que, pelo menos em um sentido, parecem interpretáveis como clivadas.

4.5 Século XVII

Na análise do material deste século, encontrei oito PCs e quatro construções É QUE, além de várias outras sentenças que embora não sendo clivadas verdadeiras, comportam alguns traços. Veja algumas das PCs:

- (48) Se os prégadores femeão vento, fe o que fe préga he **vaidade**, fe não fe préga a palaura de Deos; como não ha a Igreja de Deos de correr tormenta em vez de colher fructo? (*Serman da Sexagesima*, p. 65)
- (48') Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é **vaidade**, se não se prega a palavra de Deus; como não há a igreja de Deus de correr tormenta em vez de colher fructo?
- (49) São boas venialidades eftas, para fe callarem na Confiffão? Poes ifto he o que callou Arão. E que he o q confeffou, ou como o cõeffou? O que confeffou foy **o feo peccado**; mas o modo com que o confeffou, foy tão diuerfo, que fendo o mayor peccado parecia a mayor virtude. (*Serman da Dominga*, p. 473)
- (49') O que confessou foi **seu peccado**; mas o modo com que o confessou, foi tão diverso, que tendo o maior peccado parecia a maior virtude.
- (50) O que Arão diffe a Moyfes forão **eftas palauras formaes**. (*Serman da Dominga*, p. 473)
- (50') O que Arão disse a Moisés foram **estas palavras formais**.

Veja agora duas construções É QUE em uma mesma sentença:

- (51) Se ifto fora hiftoria, pudera ter fuccedido affi; mas fe não era hiftoria, fenaõ parabola; porqu não introduz Chrifto ao Rey, & aos creados dos talentos na mefma terra; fenaõ ao Rey em hua região muyto longe, & aos creados dos talentos em outra? *Porque os creados dos talentos ao longe do*

rey he que melhor fe experimentaõ: & ao longe do rey he que faõ mays neceffarios. (Serman da Dominga, p. 498)

- (51') Porque os criados de talentos ao longe do rei é que melhor se exprimem, ao longe do rei é que são mais necessários.

Há nove sentenças do tipo PC-INV e todas elas apresentam um pronome (pessoal ou demonstrativo) na posição de foco. Como mencionei antes, essas sentenças admitem pelo menos duas leituras, uma neutra e outra de clivagem. Aqui assumo que o referente focal recebe proeminência contrastiva e que a sentença apresenta a leitura de clivagem. Veja alguns exemplos:

- (52) A primeyra perdeofe, porque a affogãrão os efpinhos: a fegunda, porq a feccãrão as pedras: a terceyra, porq a pizãrão os homens, & a comêrão as aues. ifto he o que diz Chrifto; mas notae o que não diz. (*Serman da Sexagesima*, p. 19)
- (52') A primeira perdeu-se, porque a afogaram os espinhos: a segunda, porque a secaram as pedras: a terceira, porque a pizaram os homens, e a comeram as aves. Isto é o que diz Cristo; mas note o que não diz.
- (53) Cuydais que o Sermão vos picou a vós, & não he affi; vós foy o que picais o Sermão. Por ifto fão maos ouuintes os de entendimetos agudos. (*Serman da Sexagesima*, p. 23)
- (53') Cuidais que o sermão picou a vós, e não é assim; vós foi o que picais o sermão.
- (54) Em fumma, que temos aqui os peccados, mas não temos os peccadores: temos os falfos teftimunhos, mas não temos as falfas teftimunhas, ifto he o que fó poffo cuidar. (*Serman da Quinta Dominga da Quarefma*, p. 314)
- (54') Em suma, que temos aqui os pecados, mas não temos os pecadores: temos os falsos testemunhos, mas não temos as falsas testemunhas, isto é o que só posso cuidar.

Nas sentenças do tipo PC-INV, se em lugar de *o que* aparecer *a que*, elas deixam de ter interpretação de clivagem e só admitem leitura de relativa. Observe esses exemplos encontrados no *corpus*.

- (55) Mas ainda a do femeador do noffo Euangeelho não foy a mayor. A mayor he a que fe tem experimentado na feara aonde eu fuy, & para onde venho. (*Serman da Sexagesima*, p. 8)
- (55') Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara onde eu fui, e para onde venho.

- (56) Demonio fe receya, & fe acautela: **effa eh a que** procura comer, & tirar do mudo. E por iffo mefmo effa he a que deuião prégár os prégadores, & que deuião buscar os ouuintes. (*Serman da Sexagesima*, p. 80)
- (56') Demônio se receia e se acautela: essa **é a que** procura comer e tirar do mundo. E por isso mesmo essa **é a que** deviam pregar os pregadores e deviam buscar os ouvintes.
- (57) Bem vejo que a força dos ventos, & **a violencia das tempeftades foy a que** me trouxe a eftas Ilhas, ou me lançou, & arremeçou nellas. (*Serman de Santa Theresa*, p. 249)
- (57') Bem vejo que a força dos ventos e a violência das tempestades **foi a que** me trouxe a estas ilhas, ou me lançou e arremeçou nelas.

Em suma, meus dados evidenciam que no século XVII as PCs e as construções **É QUE** já fazem parte da língua portuguesa.

4.6 Século XVIII

Nos dados do século XVIII, a quantidade de sentenças clivadas é bem maior. Encontrei dezenove construções **É QUE**, nove CLIVs e cinco PCs. Veja alguns exemplos:

Exemplos de É QUE

- (58) Quando esta carta chegar às mãos de V. Ex^a será já a tempo de eu ter quase ano-e-meio do meu Govêrno, tempo bem próprio para principiarem as rogativas do meu regresso, êste lugar desejam-no muitos, e todos são mais capazes do que eu, **as esperanças e promessas de que êste meu destino não duraria mais que três anos é que** moderam o meu sofrimento, porque se elas não foram confesso a V.Ex^a. que me faltaria tôda a paciência. (*Cartas*, p.92).
- (59) Sacatrapo: E eu que tenho com isso? **A meu amo é que** Vossa Infanteza há-de passar essa carta de seguro. (*Os encantos de Medéia*, Vol II, p. 37)
- (60) Ariadna: Eu vos prometo defender a vossa visa, já que tanto me encareceis o seu perigo; e assim dissei-me: qual é o delito que vos obriga a viver foragido entre essas brenhas? Que gentil presença! Teseu: Senhora, sendo vós a culpada, **eu é que** sou o delinquente. (*O Labirinto de Creta*, p. 16)
- (61) Sacatrapo: Pois, se o dito carneiro é como os outros, não bastava um barco para o levar, e é necessário uma armada? E, visto isso, apanhando-se o carneiro, está acabada a empresa?

Teseu: ***Aí é que** está a dificuldade toda, porque um feroz dragão é quem o guarda e defende, para que não o furem. (Os encantos de Medéia, Vol II, p. 11)*

Exemplos de PC

- (62) ...e nele expressamente foram nomeados com este título pelos seus nomes próprios dois indivíduos, um dos quais ainda vive, ocupa um distinto lugar, e ***o que mais deve admirar é que depois de ter sido proclamado ladrão pelas ruas públicas das vilas destes Rios, foi governador deles.*** (Diários de Viagem, p. 150)
- (63) Jason: Pois que te parece o que sucede?
 Sacatrapo: Eu não sei de razões de estado; *mas **o que** digo é **que a Senhora Medeia é uma fina feiticeira**, e a tal Arpia uma refinada bruxa.* (Os encantos de Medéia, Vol II, p. 24)
- (64) Vamos ao que tanto nos importa que são os nossos filhos os quais cada vez fazem aumentar mais a minha saudade, e de nenhuma forma se me pode diminuir a sensaboria, e desgosto de lhe[s] não assistir no dia que para mim será tão estimável: ***a única coisa que me consola é a consideração de todos os dias se ir diminuindo o tempo desta minha peregrinação***, e que se ela não excede do tempo de três anos, já levo vencid[a] a quarta parte dêle. (Cartas, p.36)

Exemplos de CLIV

- (65) Medeia: Diga quem é; se não, vou-me.
 Sacatrapo: ***É Sacatrapo em pessoa, que** te vem trazer um recado de Jason.* (Os encantos de Medéia, Vol II, p. 59)
- (66) Taramela: Vindo levantar a mesa, estava um cão roendo um osso. ***Foi ele que** me queria levar a carne da perna por amor do osso*, que para ambos foi de correr; eu para fugir, e o cão para morder-me; e com o medo tropecei na mesa e veio tudo ao chão. (O Labirinto de Creta, p. 103)

Em suma, as quatro alternantes clivadas - PC, PC-INV, É QUE e CLIV - que aparecem de forma embrionária desde o século XIII, já fazem parte do português do século XVIII. Como mostraram os exemplos, elas se prestam à focalização dos mais diversos tipos de constituintes.

4.7 Séculos XIX e XX

Há uma grande quantidade de sentenças clivadas nos textos dos séculos XIX e XX. Juntei as ocorrências desses dois séculos, dada a similaridade das sentenças e para facilitar a análise. Nesses dados, observei que além das quatro variantes clivadas que existiam já no século XVIII, ou seja, CLIV, É QUE, PC e PC-INV, surgem duas outras: as variantes QUE e SER. No quadro 03 abaixo, distribui as sentenças clivadas desses dois séculos em períodos de 25 anos, de forma a tornar visível o momento em que elas começam a ser mais usadas.

Quadro 03: Distribuição das Clivadas dos séculos XIX e XX em períodos de 25 anos.

	CLIV	É QUE	PC	SER	QUE	TOTAL
1826-1850	03 (02%)	09 (06%)	01 (01%)	0	01 (07%)	14 (03%)
1851-1875	24 (15%)	22 (15%)	19 (17%)	0	04 (29%)	69 (16%)
1876-1900	45 (29%)	46 (33%)	37 (33%)	0	02 (14%)	130 (30%)
1901-1925	32 (21%)	14 (10%)	12 (10%)	0	02 (14%)	60 (14%)
1926-1950	28 (18%)	24 (18%)	21 (18%)	04 (36%)	02 (14%)	79 (18%)
1951-1975	21 (14%)	24 (18%)	23 (20%)	07 (64%)	03 (21%)	78 (18%)
TOTAL	153 (100%)	139 (100%)	113 (100%)	11 (100%)	14 (100%)	430 (100%)

O quadro mostra que as sentenças clivadas têm uso mais difundido a partir da segunda metade do século XIX. Segundo os dados investigados, as construções QUE aparecem desde o início do século XIX, já as SER são bem mais recentes, e datam do século XX. Veja exemplos das primeiras ocorrências de QUE e de SER:

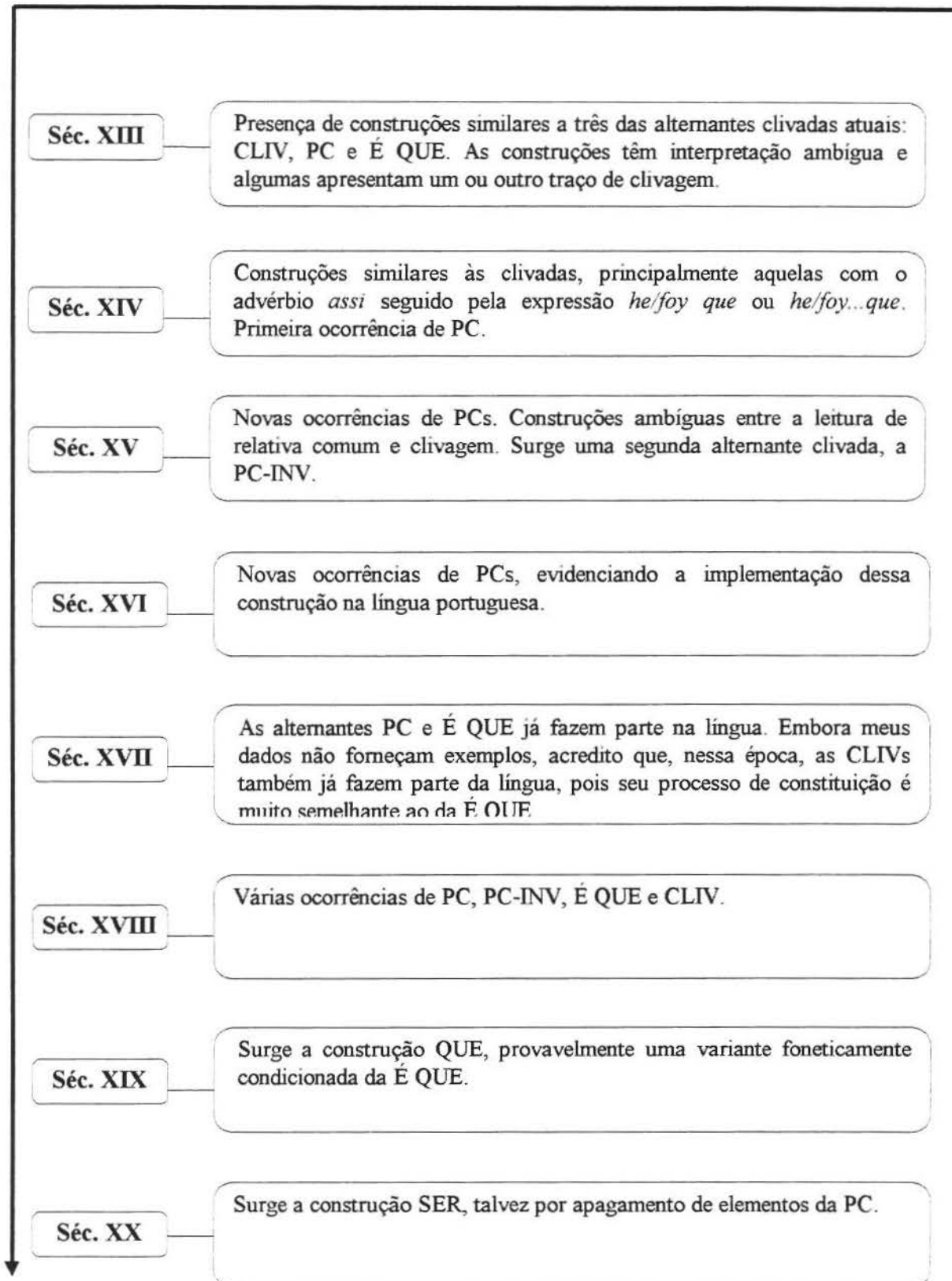
- (67) Estava, ha coisa de oito dias para te escrever, quando sobreveio o incidente, de que talvez tenhas noticia pelos jornaes de ter de ser padrinho do Camillo Castello Branco núm duello que se não realisou, mas cujas negociações me tomaram completamente o tempo, e o que é mais a atenção, **por isso que** o Camillo ha de ser sempre uma crença. (Cartas de Ant. de Quental)
- (68) ha universo um pouco mais extenso e mais agradável sobre tudo do que os vossos livros e os vossos discursos. **Isto, sim; que é intoleravel! Isto, sim, que é infame e revoltante e impio e subversivo!** (Cartas de Antero de Quental - p. 44)
- (69) Mas o principal assunto desta carta não é nada disso. **Eu queria era apresentar aos antropófagos o Dr. Artur Imbassahy**, autor deste pedaço de prosa estampado no *Jornal do Brasil* de 28 de junho (Manuel Bandeira/Epistolário, p.1395).

- (70) Imagine só que faz dois domingos fui num vilejo aqui perto Sta. Izabel ver um Congado afinal. Não vi o Congado porquê estavam dançando era um **Moçambique**, espécie de Maracatu cá do Sul. (*Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*, p. 318)

Conforme sugeriu Braga (1989), é possível que a construção QUE seja uma variante foneticamente condicionada da construção É QUE, em razão de suas semelhanças estruturais e funcionais. Quanto às SER, foi sugerido por Wheeler (1982, *apud* Kato *et al*, 1997) e também pelo gramático Rocha Lima (1995), que elas são PCs reduzidas, resultado do apagamento de certos elementos.

4.8 Sumário

Quadro 04: O percurso diacrônico das sentenças clivadas nos dados do português



Capítulo 05

Correlações Sintático-Discursivas

Neste capítulo analiso os dados dos quatro *corpora* estabelecidos, à luz de alguns aspectos que ajudam a explicar as propriedades sintáticas e discursivas das sentenças clivadas. Estipulei cinco grupos de fatores - *status informacional*, *função sintática*, *categoria gramatical*, *dimensão* e *contraste* - que já tiveram sua importância atestada na grande maioria dos trabalhos sobre clivadas, seja no português, seja em outras línguas. A diferença é que apresento meu estudo em outra perspectiva. Começo pela discussão do *status* informacional, que parece ser a “chave” para desvendar as opções por uma ou outra alternante clivada, e a partir dele procuro explicar os demais fatores, correlacionando-os.

A cada grupo de fatores é dedicada uma seção. A sequência de apresentação de cada seção é uniforme. Inicialmente, discuto questões teóricas e analiso os dados que compõem o material sincrônico - o *Certas Palavras* - que é meu ponto de referência. A seguir, examino as correlações entre os resultados obtidos na amostra sincrônica e aqueles obtidos no material diacrônico e na aquisição de linguagem. Faço um breve sumário no final.

5.1 ‘Status’ Informacional

A análise do fluxo de informação (em sentido amplo) foi uma preocupação que surgiu primeiramente entre um grupo de lingüistas que atuou na década de trinta deste século, os autores da chamada Escola Lingüística da Praga, que teve em Mathesius sua maior expressão. Muitas das idéias daquela época foram retomadas por um grupo mais recente, do qual fazem parte Danes, Vachek, Firbas e Sgall, entre outros. A partir dos trabalhos desses grupos, emergiu a Perspectiva Funcional da Sentença (PFS), uma teoria que enfatiza essencialmente as propriedades comunicativas das expressões lingüísticas. Segundo Danes (1974:106), entre os vários aspectos investigados pela PFS, aparece a

distinção entre informação dada e nova, a articulação em tema e rema e os diferentes graus de Dinamismo Comunicativo. A oposição entre informação dada/conhecida e nova/não conhecida e suas correlações com o tema e o rema da *utterance* já vinha sendo estudada desde os trabalhos de Mathesius.

A hipótese geral que subjaz a questão do estatuto informacional dos constituintes e a distribuição destes na sentença é a de que a estrutura informativa do discurso (oral ou escrito) deve apresentar elementos dados e novos. O dado em geral corresponde àquele conhecimento partilhado por falante e ouvinte. É ele que cria condições para que o falante introduza o novo que, por seu turno, vai ampliar e/ou reformular os conhecimentos do ouvinte. Conseqüentemente, temos como opção não-marcada a ordem dado/novo. Mas a oposição dado/novo, como se verá adiante, é muito mais complexa.

Antes de entrar na discussão propriamente dita, é importante salientar que a quantidade de informação dada e nova deve ser balanceada para que o discurso tenha sua coerência garantida e atinja seu objetivo (Koch & Travaglia: 1997). Se o discurso for constituído apenas por informação dada, ele tende a ser redundante; por outro lado, se houver muita informação nova, o ouvinte pode sentir dificuldades para entender o que está sendo transmitido. Desta forma, fica claro que o *status* informacional de constituintes está relacionado à interação falante/ouvinte, uma vez que envolve seus conhecimentos, intenções e avaliações. Nos termos de Clark & Haviland (1977), há um ‘pacto’ estabelecido entre falante e ouvinte que pode ser visto como um princípio cooperativo, no sentido proposto por Grice (1975).

Inúmeros trabalhos comprovam o peso da variável *status* informacional para o entendimento de diversos fenômenos lingüísticos, como, por exemplo, o emprego de artigos, a pronominalização, a atribuição de acento, a ordem dos constituintes em orações e a ordem de orações em períodos. No caso específico das clivadas, como visto antes, Prince (1978), em seu trabalho pioneiro, se vale desse critério para distinguir *wh-clefts* e *it-clefts*, em inglês. Ela constata que as primeiras só ocorrem coerentemente quando o elemento focal constitui informação compartilhada pelos interlocutores e que as *it-clefts* com foco acentuado focalizam preferencialmente informação nova, muitas vezes contrastiva, enquanto as *it-clefts* com pressuposição informativa são usadas quando o foco representa a informação como um

fato conhecido por algumas pessoas, embora não pelo ouvinte. Anos mais tarde, Geluykens (1988), Sedano (1990) e Braga (1989) se enveredam pelo mesmo caminho e mostram, respectivamente, para o inglês, o espanhol e o português, que as variantes clivadas diferem quanto ao tipo de informação veiculado pelo constituinte focal.

As propostas de Halliday (1967, 1985), Chafe (1976, 1994) e Prince (1981), que certamente coincidem em alguns pontos, tentam definir e explicar a oposição dado/novo, a fim de torná-la mais operacional e adaptá-la às necessidades dos investigadores. Contudo, o que se observa por trás da aparente sobreposição parcial dessas propostas é que elas se fundamentam em critérios diferentes. A proposta de Halliday (1967) parte das unidades informativas, unidades delimitadas fonologicamente, cuja sequência dá origem ao discurso falado. Nessas unidades informativas interagem o conhecido ou recuperável e o novo ou não-recuperável. Chafe (1994) reconhece a existência de unidades entoacionais, que similares às unidades informativas de Halliday, contêm elementos dados e novos. Mas em Chafe a consideração do dado/novo é feita em termos cognitivos e não em termos de recuperabilidade. A proposta de Prince (1981) é textual, baseada nas menções de um referente no texto e em traços salientes do contexto extralingüístico. Dito isto, passo a resenhar os pontos centrais dessas propostas, para em seguida expressar meu posicionamento.

A proposta de Halliday (1967). Como mencionei antes, o sistema de tema, segundo Halliday, é aquele que lida com opções ligadas à estrutura informativa da sentença, ou seja, com o *status* dos elementos enquanto componentes de uma mensagem. Nesse sistema há seis conjuntos de opções: informação, tematização, identificação, predicação, substituição e referência. Identificação e predicação já foram discutidos no Capítulo 02. Aqui me interessa discutir a noção de informação.

Para Halliday, as opções de informação são entendidas a partir da segmentação da sentença em **unidades informativas**, ou blocos de mensagem, que em sequência compõem um texto (= discurso). A unidade informativa é realizada fonologicamente e sua delimitação, que depende do falante, é variável, ou seja, a opção não-marcada é aquela em que a unidade

corresponde a uma oração, mas podemos ter uma unidade informativa projetada em porções maiores ou menores que orações. Veja o exemplo fornecido por Halliday (1967, p. 201):

- (01) // John saw the play yesterday //
- // John // saw the play yesterday //
- // John // saw the play // yesterday //
- // John saw the play yesterday but said nothing about it //
- // John // saw the play yesterday and is seeing it again today //

A segmentação em unidade informativa especifica os limites em que os **focos informativos** podem ser colocados, mas não especifica sua colocação exata, que é uma opção distinta. Veja:

- (02) // John // saw the play **yesterday** //
- // John // saw the **play** yesterday //

O foco informativo é a seleção, dentro de cada unidade informativa, do(s) elemento(s) mais proeminentes. Novamente a escolha é fonológica e a indicação é feita pela tônica. Halliday admite uma estrutura em que se reconhece um segmento tônico obrigatório e um segmento pretônico opcional. De forma que em

- (03) // John // saw the / **play** / yesterday //

(Halliday: 1967, p.204)

temos duas unidades informativas, sendo que a primeira - *John* - compreende um segmento tônico simples, cujo foco é *John*, e sem segmentos pretônicos. A segunda unidade informativa tem um segmento tônico complexo, focaliza primeiramente *play*, e em segundo lugar *yesterday*. O segmento pretônico é *saw the*.

O foco informativo é uma forma de ‘ênfase’, por meio da qual o falante destaca uma parte (ou o todo) da mensagem para ser interpretada como a mais informativa. Segundo Halliday, o constituinte focal é **novo**, não só no sentido de não ter sido mencionado antes (o que muitas vezes é o caso), mas no sentido de que o falante o apresenta como não sendo recuperável a partir do discurso precedente. Além do efeito da não-recuperabilidade, o efeito de contraste, segundo o autor, também explica a *newness*. O dado é, então, o elemento não-focal recuperável no contexto, podendo estar relacionado à própria situação

de fala (a presença óbvia dos falantes ou alguma coisa e/ou pessoa que esteja saliente no ambiente).

Assim, o sistema de foco informativo indica, para a unidade informativa, uma estrutura em termos das funções dado/novo. O elemento novo é sempre obrigatório, realizado como tônico, e, opcionalmente, é precedido por um elemento dado, realizado como pretônico.

A proposta de Chafe (1994). Chafe sugere que a noção de **consciência** é fundamental para a definição de informação dada e nova. Assim, num sentido a ser esclarecido adiante, a informação dada é o conhecimento que o locutor supõe estar na consciência do interlocutor, no momento da fala, enquanto a informação nova é aquela que o locutor supõe estar introduzindo na consciência do interlocutor, no momento da fala. Em vários trabalhos Chafe discute a *givenness* e a *newness*. Para evitar redundâncias, comento somente o trabalho mais recente a que tive acesso.

Chafe (1994) discute a natureza da consciência, enfatizando sua relação com a linguagem em geral e com o fluxo de informação. Para ele, é o movimento das idéias dentro dos **estados de ativação**, o **custo cognitivo** envolvido nesse movimento, e o **tempo** que determinam o estatuto informacional dos referentes.

A consciência é entendida como uma pequena parte da mente, cujo foco é a porção de informação (conteúdo cognitivo) que está ativa, em um determinado momento, e que se encontra envolvida por uma quantidade de informação semiativa ou periférica que dá contexto a ela. O tempo de permanência de uma informação no foco de consciência é muito reduzido. A todo instante novos conteúdos são ativados, enquanto aqueles anteriormente ativos são transferidos para regiões menos dinâmicas da memória. Desta forma, o foco de consciência é dinâmico, ou seja, as idéias estão em mudanças contínuas dentro dos estados de ativação que são, segundo Chafe, pelo menos três: estado ativo, semiativo ou inativo, conforme as idéias estejam na consciência focal, periférica ou memória de longo termo. Esse fluxo de idéias é sempre orientado pelas avaliações do falante do que possivelmente esteja ativo em determinado momento na mente de seus interlocutores. É claro que essa avaliação está suscetível a erros, o que pode, às vezes, acarretar incompreensão.

A pequena porção de informação ativa é verbalizada nas chamadas **unidades entoacionais**, que podem ser de diferentes tipos e tamanhos. Quanto aos tipos, Chafe salienta i) as unidades entoacionais truncadas ou fragmentadas, aquelas que não chegam a um contorno terminal, e ii) as unidades entoacionais bem sucedidas, que se subcategorizam em a) substanciais, que conduzem idéias de eventos, estados e referentes, e as b) regulatórias, que regulam ora o desenvolvimento do discurso, ora a interação entre os participantes, e ainda podem expressar processos mentais do falante e julgamentos acerca da informação conduzida. As unidades entoacionais regulatórias são muitas vezes referidas na literatura lingüística como marcadores discursivos. O tamanho destas unidades é variável, mas a tendência é que as regulatórias, e não as substanciais, sejam expressas com menor número de palavras.

Dentre os traços que podem delimitar tais unidades, Chafe menciona: i) mudanças no *pitch*; ii) mudanças na duração: percebidas pelo alongamento ou não de sílabas ou palavras; iii) mudanças de *loudness*; iv) alterações de vocalização, percebidas pelas pausas; v) qualidade de voz: o *creaky* de voz, que pode iniciar ou terminar uma unidade entoacional; e vi) as mudanças de turno.

Segundo Chafe, a distinção dado/novo pode ser atribuída a uma unidade entoacional como um todo, que geralmente conduz informação nova para o discurso, ou somente às suas partes constituintes. Ele destaca que uma maneira de ver a oposição dado/novo, mas que muitas vezes leva a equívocos, é conceber o novo como aquilo que o falante pensa que seja desconhecido para o ouvinte, em oposição ao dado, que seria aquilo que o falante imagina já ser conhecido pelo ouvinte. O problema desta hipótese repousa nos casos em que um referente compartilhado por falante e ouvinte é re-introduzido na mente do ouvinte, conduzindo informação nova.

Assim, Chafe propõe que a distinção entre informação dada e nova pode ser entendida na estrutura de informação ativa e inativa, de modo que se pode caracterizar o novo como o referente que é ativado em um ponto na conversação, ao passo que o dado é aquele referente que já se encontra ativo em um determinado ponto na conversação, independentemente de o referente ser ou não familiar aos interlocutores. O autor acrescenta ainda uma terceira possibilidade que diz respeito à informação acessível, ativada a partir de

um estado semiativo. Essa última possibilidade não é examinada por Halliday (1967). Em síntese, Chafe reconhece a separação entre informação dada, acessível e nova, conforme a Figura 03,

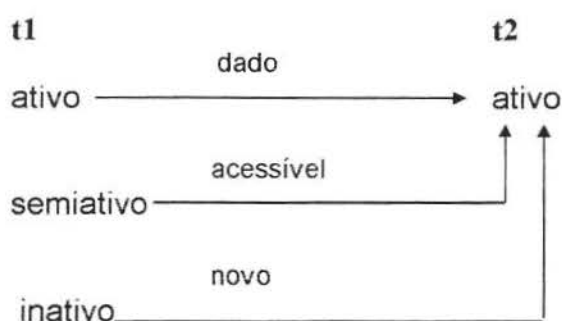


Figura 03: Estados de Ativação, Custo de Ativação e Tempo
Chafe (1994, p.73)

que pode ser explicada assim: imaginemos que em um certo tempo, t1, um referente particular esteja ativo, semiativo ou inativo e em um tempo posterior, t2, esse referente esteja ativo. Se o referente está ativo em t1, dizemos que em t2 ele é informação dada. Se o referente está semiativo em t1, dizemos que em t2 ele é informação acessível e se o referente está inativo em t1, dizemos que em t2 ele é informação nova. Na concepção de Chafe, a ativação de referentes envolve um certo custo cognitivo que aumenta à medida que se passa do estado ativo para o inativo, ou seja, a informação dada é menos custosa na transição de t1 para t2, porque já estava ativa em t1. A informação acessível é algo mais custoso e a informação nova é a mais custosa de todas, presumivelmente em razão de exigir mais esforço mental na conversão de uma idéia do estado inativo para o ativo. O custo de ativação, termo usado muitas vezes para referir à distinção dada, acessível e novo, é determinado principalmente pela avaliação do falante dos estados de ativação do ouvinte.

Uma vez entendidas as bases funcionais do custo de ativação, passo agora a abordar as maneiras pelas quais as informações dada/acessível e nova podem ser expressas linguisticamente em decorrência do *status* informacional.

Segundo Chafe, a informação dada é menos proeminente prosodicamente do que a informação nova, exceto se for contrastiva (ver Contraste em 5.4). Além disso, em geral o elemento dado está sujeito à pronominalização, o que não é típico da informação nova que,

por sua vez, tende a ser expressa por meio de nomes plenos e comumente, mas não obrigatoriamente, é provida de acento primário. A pronominalização, aplicada a itens que veiculam informação dada, tende a ser evitada quando houver risco de ambigüidade, ou seja, quando há dois referentes ou mais concorrendo por um mesmo pronome. Isso evidencia a preocupação do falante não só com aquilo que está na mente do ouvinte, mas também com a habilidade deste em interpretar corretamente os referentes.

Há razões não-lingüísticas para que um referente esteja ativo em um dado momento e codifique, assim, informação dada. Uma delas é o estatuto usualmente ativo dos interlocutores enquanto referentes, consequência de suas presenças óbvias na situação de fala. As referências às 1^{as} e 2^{as} pessoas serão tipicamente dadas e verbalizadas com pronomes fracamente acentuados. A outra razão decorre da presença saliente de pessoas, animais, objetos etc, no ambiente da conversação. Porém, nem tudo que está ao nosso redor está necessariamente em nossa consciência ativa.

A informação acessível é geralmente expressa, segundo Chafe, da mesma maneira que a nova, isto é, por meio de nomes plenos fortemente acentuados. Às vezes, os referentes acessíveis são portadores de acento secundário, mas isto não pode ser tomado como fator de distinção entre novo e acessível.

Chafe adverte que há três motivos pelos quais um referente pode estar no estado semiativo: i) um referente que estava ativo em um tempo imediatamente anterior, ao deixar o estado ativo, não passa para o inativo, mas recua para o estado semiativo; ii) os referentes podem ser acessíveis porque estão cognitivamente associados à informação que está(va) ativa. O papel e o limite de tais associações necessitam de mais investigação, assegura Chafe; iii) um referente pode ser acessível porque é a idéia de algo que está saliente no ambiente, ou seja, está na consciência semiativa por razões extralingüísticas. De maneira geral, para a identificação do acessível (semiativo), as sugestões de Chafe parecem pouco práticas, dada a dificuldade de se avaliar o real estado de ativação em que um referente se encontra.

A proposta de Prince (1981). Prince salienta que as categorias funcionais dado e novo (e suas variantes terminológicas), invocadas para explicar muitos fenômenos no nível

da sentença e do discurso, e que tiveram relevância em trabalhos de lingüistas famosos, recebem definições diferentes. Ela lembra que Kuno define informação velha/nova em termos de predizibilidade/recuperabilidade: o falante pressupõe que o ouvinte pode predizer ou poderia ter predito que um item lingüístico particular ocorrerá ou poderia ocorrer numa posição particular dentro da sentença. Na concepção de Chafe (1976), a informação dada/nova se relaciona com a noção de consciência. Já Clark e Haviland (1977) falam de conhecimento compartilhado: o falante admite que o ouvinte conhece ou pode inferir uma coisa particular (mas não está necessariamente pensando sobre ela). Segundo eles, a informação dada é aquela que o falante acredita que o ouvinte já conheça e aceita como verdadeira, e nova é a informação que o falante acredita que o ouvinte não conheça.

Depois de afirmar que lamentavelmente nenhuma das definições é operacionalizável, porque não habilita o lingüista a trabalhar, Prince propõe sua taxonomia. Segundo a autora, é evidente que uma das razões pelas quais usamos a linguagem é para conduzir informação. Acontece que nem toda a informação conduzida tem o mesmo grau de informatividade, de importância, pois algumas são mais novas que outras. Assim, na análise da oposição informação dada/nova, é fundamental levar em conta que o ‘empacotamento’ de informação, ou seja, a maneira como o falante prepara aquilo que vai dizer, é reflexo das hipóteses desse falante sobre as hipóteses, crenças e estratégias do ouvinte. Pensando nisso, em sua exposição, Prince compara um texto a receitas culinárias, que certamente podem ser verbalizadas de diferentes maneiras, conforme as hipóteses do escritor sobre o que os possíveis leitores sabem sobre os ingredientes, processos, equipamentos etc.

Na perspectiva do discurso, Prince reconhece as ‘entidades’, os ‘atributos’ e as ‘ligações’ entre as entidades. A entidade do discurso, que é similar ao ‘referente’ de Chafe, pode remeter a um indivíduo (existente ou não no mundo real), a uma classe de indivíduos, a um exemplar, a uma substância, a um conceito etc. Além disso, as entidades podem ser pensadas como ‘ganchos’ onde penduramos os atributos. A autora assegura que todas as entidades discursivas são representadas por sintagmas nominais, embora nem todos os sintagmas nominais representem entidades discursivas. Assim, conforme um critério basicamente textual em que considera as menções no discurso, Prince classifica as entidades

em *evocadas*, *inferíveis* e *novas*, com suas respectivas ramificações, conforme a Figura 04 abaixo:

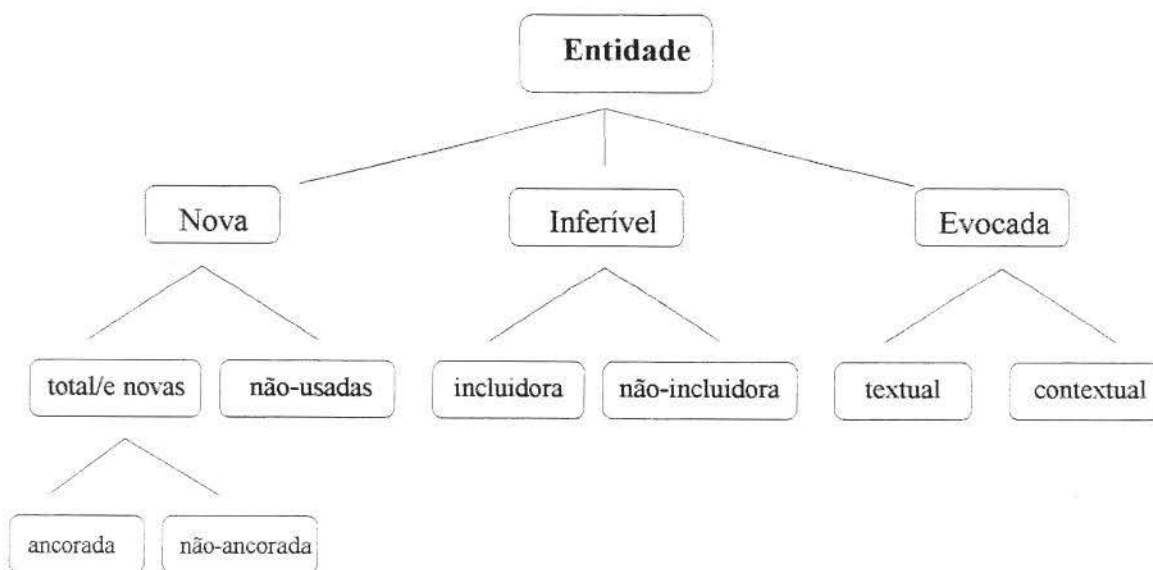


Figura 04
Taxonomia de Prince, adaptada de Prince (1981)

As entidades *Novas* são aquelas introduzidas pela primeira vez no discurso. Suas subcategorias *totalmente novas* e *não usadas* dizem respeito, respectivamente, a entidades criadas a partir do texto e entidades familiares ao ouvinte. As totalmente novas permitem uma outra subdivisão em *ancoradas* ou *não-ancoradas*, conforme estejam ou não relacionadas, por meio de um elemento lingüístico contido nelas, a alguma outra entidade. Veja abaixo os exemplos oferecidos por Prince, em que *a bus* e *a guy I work with* em (04) são entidades totalmente novas para o ouvinte, a primeira é não-ancorada e a segunda é ancorada pelo *I*, enquanto *Noam Chomsky* em (05) é não-usada, pois o falante admite que esteja no modelo do ouvinte.

- (04) I got on **a bus** yesterday and the driver was drunk.
A guy I work with says he knows your sister.
- (05) **Noam Chomsky** went to Penn.

As entidades *inferíveis* constituem o tipo mais complexo, são detectadas por meio de inferências. Elas podem ser de dois tipos. As inferíveis *não-incluidoras* são aquelas em que o falante supõe que o ouvinte seja capaz de deduzir de outras entidades já evocadas ou

inferíveis, via raciocínio lógico, conforme o exemplo (06), em que *the driver* é inferível a partir de *bus*. As inferíveis *includoras*, por sua vez, dizem respeito àqueles casos em que o que é inferido está contido dentro do próprio sintagma nominal inferível, por exemplo, a entidade *one of these eggs* em (07).

(06) I got on a bus yesterday and **the driver** was drunk.

(07) Hey, **one of these eggs** is broken!

As entidades *evocadas textual* e *situacionalmente* são respectivamente aquelas já mencionadas no texto e aqueles traços salientes do contexto extralingüístico. Em (08), a entidade *he* é textualmente evocada, enquanto *you* em (09) é situacionalmente evocada.

(08) A guy I work with says **he** knows your sister

(09) Pardon, would **you** have change of a quarter?

Braga & Silva (1984) discutem os modelos de Chafe (1976) e Prince (1981). A proposta cognitiva de Chafe é questionada em dois pontos principais. Um se relaciona à dificuldade de se analisar textos produzidos por outras pessoas com base nas inferências que estas pessoas possam ter feito do conhecimento de seus interlocutores; o outro decorre do fato de que as duas categorias propostas - dado/novo - não dão conta de todas as ocorrências. Sabe-se, contudo, que pouco tempo depois, Chafe introduziu a categoria *acessível*.

As citadas autoras privilegiam o modelo de Prince, mas com algumas ressalvas. Por um lado, salientam a vantagem de se trabalhar com entidades mencionadas no texto ou claramente presentes na situação extralingüística; por outro, debatem dificuldades ora ligadas ao próprio modelo, ora à falta de explicitude de alguns aspectos. Uma das dificuldades levantadas se relaciona aos problemas enfrentados na prática quando da aplicação da bifurcação da categoria *novo*. Para resolvê-la, as autoras propõem que a categoria não-usada seja abandonada e que a *totalmente nova* e suas ramificações *ancorada* e *não-ancorada* sejam mantidas. O conceito de entidade, tal como Prince o coloca, também é uma outra fonte de problemas, principalmente ao se levar em conta os pronomes indefinidos, advérbios e predicativos.

A proposta de Prince me parece mais confortável no sentido de que nela lidamos com categorias presentes textualmente, ao passo que nos modelos de Halliday e Chafe o ponto de partida para a classificação são unidades entoacionais, nem sempre fáceis de se delimitar. A aplicabilidade dos modelos dos dois últimos autores dependeria de uma análise fonológica preliminar e mereceria um trabalho à parte. Particularmente, o modelo de Estados de Ativação, de Chafe, é sem dúvida estimulante, mas do meu ponto de vista há questões espinhosas, como a de se avaliar o real estado em que os referentes se encontram no momento da ativação. Nesse caso, o investigador necessariamente teria que recorrer à inferenciação e daí a possibilidade de erros. A aplicação desse modelo nos dados diacrônicos parece ainda mais complicada. Voltando à proposta de Prince, vejo com certa restrição o processo de recuperar as menções de uma entidade no texto. Segundo a autora, as entidades já mencionadas textualmente, quando recuperadas, são necessariamente evocadas. Acho essa posição questionável, pois é perfeitamente possível que o falante recupere entidades mencionadas a qualquer momento e que as envolva em relações não-conhecidas e, dessa forma, essas entidades podem reaparecer codificando informação nova. Assim, creio que o que conta não é só a recuperação em si, mas também a observação do momento em que se dá essa recuperação, levando em conta que cada situação comunicativa é única, e que os referentes (ou entidades) podem estar envolvidos em transações conversacionais (assuntos/relações, no caso de discurso escrito) totalmente diferentes³³.

Sendo assim, após ter estudado essas três propostas, decidi propor a minha taxonomia, que não corresponde exatamente a nenhuma das anteriores. Classifico o elemento focal das sentenças clivadas em *evocado*, *inferível* ou *novo*, mantendo os rótulos de Prince, mas entendendo-os da seguinte maneira: os referentes evocados são claramente recuperáveis no contexto (lingüístico ou extralingüístico) prévio, os referentes novos são os não-recuperáveis e também aqueles que embora recuperáveis, encontram-se em situações

³³ Nesse ponto, a proposta de Chafe é mais clara. Para ele, o tempo de permanência de um referente no foco de consciência é muito curto. Ou seja, segundos depois de um referente ser ativado e entrar para o foco de consciência ele é enviado para outros estados da consciência (semiativo, inativo). A partir daí se ele for reativado pode constituir informação nova. Acrescente-se ainda que os referentes com traço [+hum], segundo Chafe, possivelmente permanecem mais tempo no foco de consciência.

textuais/contextuais não-óbvias³⁴, e os inferíveis são aqueles referentes dedutíveis de outros por meio de diversos tipos de associação. A classificação foi atribuída a referentes de nomes e pronomes. Os advérbios não receberam a classificação e foram transferidos para um grupo separado, denominado ‘não se aplica’. Veja alguns exemplos.

Em (10) e (11) exemplifico elementos focais evocados.

- (10) As grandes enxurradas no cristalino, na região da caatinga, provocam uma corrida de água muito rápida, há pouca retenção no solo, a agricultura de ciclo anual não vive, e é essa agricultura que alimenta o homem, é o milho, o feijão, etc. (*Certas Palavras*: C. Furtado, p. 47)
- (11) Dalmo: Aliás, este é um ponto extremamente delicado, porque algumas correntes mais radicais, as correntes mais jovens do PT, por exemplo, têm muito medo de que a Constituição signifique uma anestesia, um engodo. Elas argumentam que, na hora em que se disciplina, na hora em que, através da lei, os problemas se resolvem, as classes dominantes é que vão ganhar, por que elas é que fazem a lei. (*Certas Palavras*: Dalmo Dallari e Goffredo da Silva Telles Jr., p. 81)

Em (10), *agricultura* já havia sido mencionado antes e na sentença clivada é retomado e antecedido pelo demonstrativo. Em (11), *elas*, referente evocado, recupera *classes dominantes*, mencionado antes.

Em (12), classifiquei o referente de *um país faminto* como inferível, pois acredito que ele seja dedutível a partir da associação com idéias que apareceram antes: que o povo brasileiro come pouco, que falta comida, que o pessoal padece de fome.

- (12) A primeira vez que fui à Europa, a coisa que me impressionou mais foi o tamanho do pão: meio metro de pão, cheio de salsicha, que o europeu come ainda com meio queijo e tomando meia garrafa de vinho. Para um operário nosso, isso é um dia de festa. Quando é que ele pode comer isso? O sanduichão lá dá três do sanduiche daqui. A barriga deles não é maior do que a nossa, não. É do tamanho da nossa. É que aqui falta comida, o pessoal padece fome. Um país tão grande e organizado tão mal. O que nós somos é um país faminto, e com essa coisa horrível: menos de 10% dos brasileiros vão ao dentista. (*Certas Palavras*: Darcy Ribeiro, p. 87)

³⁴ O termo ‘não-óbvio’ é emprestado de Ilari (1992:138). O autor sugere que os conteúdos do foco de atenção dos falantes integram uma estrutura actancial e que uma expressão nominal é remática quando seu referente está envolvido em uma relação actancial não-óbvia. Isso fica mais claro quando o autor oferece o seguinte exemplo, que diz respeito à história de dois bandidos rivais A e B, que se enfrentam num duelo de morte. ‘Se a história se desenvolvesse sem digressões ou entrechos, os bandidos, a idéia de matar, morte, a vitória no duelo, etc. mantêm-se na atenção dos ouvintes. Entretanto, frases como *Morreu A, B ganhou o duelo, ganhou B, B matou A*, são conclusões legítimas da história, e o fato de que são informativas faz-nos refletir que algo é subministrado à atenção dos ouvintes, além da simples identidade das personagens. Esse algo é a coincidência particular que se observa entre A e o papel de paciente/beneficiário.’

Em (13), o referente do constituinte focal foi mencionado pela primeira vez e codifica informação nova para o discurso.

- (13) *Certas Palavras*: João Cabral, como é que você vê a relação do brasileiro com o livro?
 João Cabral: Acho que é uma relação muito triste, porque o brasileiro não tem hábito de ler. Isto é uma das coisas mais tristes que eu vejo. Em segundo lugar, acho que seria de um grande bem para o brasileiro conhecer a boa literatura estrangeira. Em geral, o que traduzem são best-sellers.
 (*Certas Palavras*: João Cabral M. Neto, p. 180)

5.1.0 Sincronia

Esclarecida minha opção e após ter apresentado exemplos, analiso agora os resultados do estudo quantitativo da variável *status* informacional para o material sincrônico, que revelou a seguinte situação para as sentenças clivadas:

Tabela 01: **Status Informacional vs Sentenças Clivadas no corpus sincrônico**

	CLIV		É QUE		PC		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
novo	12/68	18	07/43	16	67/80	84	86/191	45
evocado	56/68	82	36/43	84	13/80	16	105/191	55

No *Certas Palavras* encontrei 201 sentenças clivadas, sendo as mais frequentes PCs, CLIVs e É QUEs. As clivadas SER e QUE tiveram ocorrências mínimas. A tabela 01 exhibe os resultados somente para referentes focais evocados e novos. Isso se deve ao fato de que houve apenas três casos de inferíveis e mais três casos (advérbios) em que a variável não foi aplicada, e por isso preferi ocultá-los da tabela para melhor exhibir os resultados significativos. Além disso, as alternantes SER e QUE foram deixadas de fora em razão da baixa frequência, o que compromete a confiabilidade dos resultados. De qualquer maneira, as duas ocorrências de SER têm na posição de foco um elemento novo, enquanto as duas ocorrências de QUE têm um elemento evocado.

A coluna do total mostra que em 55% das ocorrências consideradas, houve focalização de constituintes focais evocados, o que não implica que todas as variantes clivadas apresentem essa característica. Os dados mostram que CLIV e É QUE, por um

lado, e PC, por outro, estão em distribuição complementar. Conforme os números e percentuais há uma forte correlação entre CLIVs e É QUEs e a codificação de informação evocada, e entre PCs e a codificação de informação nova. Em outras palavras, as CLIVs e É QUEs são mais usuais quando se quer focalizar referentes evocados, ao passo que as PCs são mais usuais na focalização de elementos novos. Esse resultado é semelhante àquele obtido por Braga (1989) na fala coloquial do Rio de Janeiro e também é similar aos resultados obtidos por Prince (1978), Geluykens (1988) e Sedano (1990), para o inglês e espanhol.

É possível que a baixa frequência das variantes SER e QUE nessa amostra seja explicada pelo grau de formalidade das entrevistas. A influência do grau de formalidade em fenômenos lingüísticos vem sendo investigada há tempos e a maior ou menor formalidade é identificada muitas vezes através do controle de atenção que o falante dedica à sua fala, ou seja, quanto mais controle, maior a formalidade. Braga (1991) mostrou, em estudo comparativo entre fala e escrita, que as construções clivadas tendem a ser mais usadas na fala e que SER e QUE são típicas das situações mais informais. Assim, diante do alto grau de instrução dos falantes do *Certas Palavras* e do fato de que as entrevistas gravadas seriam ouvidas por uma grande quantidade de pessoas, é normal que tenha havido maior controle de atenção e, portanto, maior formalidade, o que pode ter resultado a baixa frequência de SER e QUE.

5.1.1 *Diacronia*

As ocorrências dos séculos XIII ao XVIII são mais interessantes quando vistas qualitativamente, mesmo porque não há um número suficiente que justifique uma análise quantitativa. Já as ocorrências dos séculos XIX e XX receberão tratamento qualitativo e quantitativo. Discuto inicialmente exemplos dos seis primeiros séculos.

Meus dados revelam que mesmo nas ocorrências mais antigas, as PCs já favoreciam a focalização de referentes novos, como pode ser visto no exemplo abaixo, que já foi mencionado antes e que aqui é retomado em nova numeração. Sempre que necessário retomarei exemplos já mencionados.

- (14) *Ventum feminabunt, & turbinem colligent*, diz o Espírito Santo, quem femêa ventos, colhe tempestades. Se os prégadores femeão vento, fe o que fe préga he vaidade, fe não fe préga a palavra de Deos; como não ha a Igreja de Deos de correr tormenta em vez de colher fructo? (Séc. XVII - *Serman da Sexagesima*, p. 65)
- (14') (...) quem semeia ventos, colhe tempestades. Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é a vaidade, se não se prega a palavra de Deus; como não há a Igreja de Deus de correr tormenta em vez de colher fruto?

Embora a maior parte das ocorrências de PCs se enquadre nessa tendência, há um exemplo de PC com elemento focal evocado, conforme (15):

- (15) ...deuemos feguir em tudo o exemplo prefente de Chrifto, na expulsaõ defte Diabo mudo. (...) Todos os outros milagres fazia os Chrifto em hum infante: efte de lançar fóra o Demonio não o fez em infante, nem com effa preffa, fenaõ deuagar, & em tempo. (...) Tomado o tempo (& tomado a qualquer força, & qualquer preço) fegue fe a eleyção do Confeffor. Quem aqui obrou o milagre foy Chrifto. (Séc. XVII - *Serman da Dominga*, p. 555)
- (15') (...) devemos seguir em tudo o exemplo presente de Cristo, na expulsão deste Diabo mudo....Todos os outros milagres fazia-os Cristo em um instante: este de lançar fora o Demônio não o fez em instante, nem com essa pressa, senão devagar, e em tempo... Tomado o tempo (e tomado a qualquer força, e qualquer preço) segue-se a eleição do Confessor. Quem aqui obrou o milagre foi Cristo.

As construções *É QUE* e *CLIV* encontradas nos textos mais antigos se correlacionam tanto com a focalização de referentes novos como de evocados, contudo, os evocados parecem mais usuais, conforme os exemplos (16) e (17).

- (16) ...eu não faço que procurar recordar-me das utilíssimas lições que a todos nós está oferecendo o Governo de V. Ex.; é por V.Exª. que se nos publicam as sábias, pias, e santas intenções de Sua Majestade; é V. Exª. que com a sua alta compreesão no-las distribui, com tal suavidade que todos nós gozamos contentes das felicidades a que elas nos conduzem; (Séc. XVIII - *Cartas*; p. 62)
- (17) Teseu: Homem, sabe que nesta ilha de Colcos há um célebre jardim, no qual habita um carneiro cuja pele é de ouro, e esta todos os anos se tosquia e sempre lhe nasce outra pele de outro; a isto é que chamam Velocino. (Séc. XVIII - *Os encantos de Medéia*, Vol II, p. 10)

No material dos séculos XIX e XX identifiquei 430 sentenças clivadas que, semelhante ao encontrado na amostra sincrônica, estão distribuídas entre as *CLIVs*, *É QUEs* e *PCs*. As construções *SER* e *QUE*, em quantidade menor, compreendem 06% do *corpus*.

Levando-se em conta o fato de que o material é escrito, conseqüentemente mais formal, juntamente com a observação de que as QUE e SER são mais recentes, explica-se a baixa frequência dessas variantes clivadas.

Tabela 02: **Status Informacional vs Sentenças Clivadas no corpus diacrônico**

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
novo	46/137	33	25/110	23	103/113	91	09/11	82	03/14	22	186/385	48
evocado	91/137	66	85/110	77	10/113	09	02/11	18	11/14	78	199/385	52

Quanto à variável *status* informacional, os resultados obtidos para as sentenças clivadas desses dois séculos estão em conformidade com aqueles obtidos na amostra sincrônica, ou seja, PC e SER focalizam mais freqüentemente referentes novos, enquanto as CLIVs, É QUEs e QUEs, referentes evocados. Nesse material também houve poucas ocorrências de referentes inferíveis, que não constam da tabela 02, juntamente com advérbios, que não receberam a classificação.

Os exemplos (18), (19) e (20) dizem respeito, respectivamente, a referentes focais evocados, inferíveis e novos. No primeiro *Frei Bartolomeu* já havia sido mencionado em uma relação conhecida, no segundo, *por serem estruturados numa lógica poética* pode ser inferido a partir de *unidade estilística*, e no terceiro, *Visconde de Sabugosa* é uma entidade mencionada pela primeira vez no discurso.

(18) 1º que o processo contra o doutor Francisco Caldas Pereira já estava instaurado quando Fr. Bartolomeu dos Martyres voltou à sua diocese, socegados os tumultos imperando Filippe 1º. Por tanto (bem tirada inferência) *não foi Fr. Bartolomeu quem processou o doutor Francisco Caldas Pereira*. (*Cartas Notáveis de Camillo C. Branco* - p. 11)³⁵

(19) No que me diz respeito, eu acho - e V. achará mais tarde - que há até uma excessiva unidade estilística entre os meus contos, os meus poemas e os meus ensaios. *Precisamente por serem*

³⁵ As CLIVs, SER e PCs admitem três padrões de negação: i) negação da cópula (e conseqüentemente do constituinte focal), ii) negação do verbo de sentido pleno e iii) negação de ambos os verbos. No entanto, alguns são mais usuais. por exemplo, nas CLIVs e SER o padrão básico é a negação da cópula, já nas PCs os dois primeiros são igualmente muito usuais. É QUE e QUE parecem só admitir a negação do verbo de sentido pleno. Meus dados sugerem que a negação tende a incidir sobre a cópula se o referente focal for evocado ou inferível.

estruturados numa lógica poética é que os meus ensaios são por vezes difíceis para quem espera o didactismo das ficções dedutivas. E veja V. - o que eu penso que cultivo é o ensaio-emoção-da-inteligência. O ensaio-emoção-apanas seria aquilo a que os ingleses chamam "essay" e nós chamaríamos "crónica". (Jorge de Sena e Vergílio Ferreira - *Correspondência* - p. 50)

- (20) Na Geografia há outros errinhos da boa velha, como, por exemplo, a capital do Canadá, que ela deu errada. Quem primeiro descobriu essas pequenas falhas foi o Visconde de Sabugosa, razão pela qual Emília lhe colocou na cartola uma fitinha. (Monteiro Lobato - *Cartas Escolhidas* - p. 38)

5.1.2 Aquisição de Linguagem

No português de contato há uma certa divergência quanto ao uso de construções clivadas se comparado ao material sincrónico. Das 283 sentenças encontradas, as QUEs, PCs e CLIVs são, nessa ordem, as mais frequentes, e, em número menor, estão as É QUE e SER. Os números obtidos aqui contrastam com aqueles do material sincrónico, principalmente com relação às construções QUE e SER, praticamente ausentes naquele material. Volto a insistir na questão do grau de formalidade, e a sugerir que quanto menor o formalismo, maior a possibilidade de aparecerem as QUE e SER.

A tabela 03 revela que os resultados obtidos para o *status* informacional são muito semelhantes àqueles obtidos no *Certas Palavras*, sendo possível distribuir as variantes clivadas em dois pólos. De um lado, as PCs e SER que se especializam mais na focalização de referentes novos; de outro, as CLIVs, É QUEs e QUEs que invertem essa tendência e focalizam prioritariamente referentes evocados.

Tabela 03: **Status Informacional vs Sentença Clivada no corpus de L2**

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
novo	07/57	12	04/16	25	39/63	62	13/20	65	07/88	08	70/244	29
evocado	50/57	88	12/16	75	24/63	38	07/20	35	81/88	92	174/244	71

Veja alguns exemplos, respectivamente, de referentes focais evocados, inferíveis e novos nessa modalidade de língua.

- (21) E: E Txikao é muito diferente daqui do resto do pessoal?

I: Txikao é. Diferente. Txikao é diferente, né, ajuda o posto, é só eles que ajuda o posto. Do meu pessoal de serviço é só eles. Txikao. Daqui do Xingu não tem nenhum. (L2, Kok)

(22) E: E aí como é que foi? Ele chegou....

I: O pessoal mora lá primero. O pessoal foi lá no no Tiatari. Quando é índio Suya que matou meu pai, chefe de Kamayura, né? Acha que muito medo. Kamayura, Kamayura num tem nada, num tem. Ele pensa Juruna; ele pensa também é txucarramae, masi fica brabo. Por isso é que kamayura num vão fica aqui. Kamayura vão muda lá Tiatari. Tem medo. Mulhe tem medo. Faze roça lá, faze roça lá. Planta batata, planta miyu, planta mandioca...e tem muito é comida né. Depois, faze roça de novo, aqui mato, depois abriu mato mais, pronto. Tá limpo, tá limpo o Tiatari. Faze festa, faze festa no Tiatari, Jacui, Taurawana.... (L2, Suk03)

(23) K: é. Cola. Três mil e quinhentos. Outro.... eu quero compra tamem é bicicleta, viu. Porque só pra assim né, que alguém fica doente, então vai lá (a)visa ele. Era purisso que eu queria compra né. Só que não dura tamem né, se fura cama(ra) air, tem que compra outra tamem né, se esto(u)ra pneu. (L2, Kot124)

Em (21) o referente de *eles* é evocado e se refere aos índios da tribo Txikão, enquanto em (22) *comida* foi classificado como inferível, porque pode ser dedutível, por meio de associações, a partir de informações anteriores, por exemplo, *roça, batata, milho, mandioca*. Já em (23) o elemento focal *bicicleta* é novo, foi introduzido pela primeira vez.

O exemplo em (24) é um dos vários casos em que um referente já mencionado textualmente é recuperado de forma a conduzir informação nova. Observe que *meu pai* aparece em alguns trechos da entrevista onde se discute assuntos de ordem familiar:

(24) E: E lá na aldeia Kalapalu ainda tem Alapiti?

I: Não, lá no tem não, agora Cuicuru tem bastante parente de **meu pai** né, tem primo agora Alapiti mesmo não tem não, só ficou prima, mas pouco mais longe...

E: E no Camaiura tem Alapiti morando lá, não?

I: Tem, tem, Mapi tá lá morando, ela é Alapiti e ele é parente de **meu pai** também, tio de **meu pai**, tem o filho dele lá, tamem é casado Kamayura, né.

E: O Aritana, por que que Ticao não casa com pessoal daqui?

I: Agora ticao é, a outo, como que eu vou dizer isso..., ja outro vo fala outro índio né que veio de longe daqui, então eles vem aqui que tá morando aqui e agora nunca casou daqui (...)

mais adiante, na parte final da entrevista:

E: Você tava lá quando ele se queimou?

I: Não, não eu ja tinha voltado do posto, e de lá, ai quando eu cheguei ao posto ele vem atrás, vem de jipe,

E: Diz que ele tava brincando né?

I: E, quem assistiu foi meu pai, que tava brincando com o fogo lá, não brincando não, quer dizer, eles tão dançando com o fogo, porque tudo a festa grande e assim deles né e pegam fogo, vai dançando, em volta, assim né,

E: Mas ele não acendeu com fosforo? (L2, Ari03)

o referente de *meu pai* é mencionado novamente e codifica informação nova no sentido de ser re-introduzido em uma situação diferente, não conhecida. Assim, insisto novamente que não é só uma questão de recuperar as menções de um referente, mas é preciso observar as relações em que esse referente está envolvido.

No material de aquisição de L1 encontrei poucas sentenças clivadas (48 ocorrências), por isso não farei estudo quantitativo e também não apresentarei tabelas. A grande maioria é de construções QUE. Os dados sugerem que as crianças começam a fazer uso das sentenças clivadas por volta dos dois anos de idade e que a primeira alternante clivada adquirida é a construção QUE. Nesse sentido, essa amostra em análise é semelhante ao português de contato, em que os falantes em fase inicial de aquisição utilizam mais a construção QUE que as demais variantes clivadas. Quanto à emergência das demais alternantes, os resultados mostram que CLIV, É QUE, PC e SER surgem quase simultaneamente na fala da criança e que até aos quatro anos, a criança já é capaz de produzir todas as alternantes. Veja nos exemplos (25) e (26) abaixo as duas ocorrências mais precoces de clivagem. Os exemplos são da mesma criança e apareceram aos dois anos de idade.

(25) RA: eu vou eu vou lá dentro.

M.: vai lá dentro da onde?

RA: aqui.

M.: da caixa?

RA: da caixa.

M.: é o brinquedinho agora é aquela maletinha com quatro repartições.

M.: quatro compartimentos de fechadura, não?

RA: não cabe si.

RA: só o só o só o o gatinho que cabe.

M.: só o gatinho que cabe?

RA: é. (L1, RA, 2; 0.12)

- (26) M: você não tem pena dele?
 RA: eu tenho pena dele.
 RA: com o cachorrinho?
 M: que que é
 RA: o cachorrinho!
 M: tira ele de lá de dentro minha filha!
 M: coitadinho!
 RA: **você que tira.**
 M: ah é!
 M: eu que tiro. (L1, RA: 2;0,12)

Quanto à variável *status* informacional, em geral, na aquisição de L1, a criança focaliza referentes que codificam informação evocada, mais relacionados com CLIV e QUE, conforme os exemplos a seguir.

- (27) M: quem passou batom na boca das duas susi?
 R: e e essa foi a Verrô que passou e essa foi a a Dani
 R: **ela que passou** (L1, RA: 3;04,15)
- (28) M: Você fez cocô hoje?
 VE: fiz, fiz cocôgenta. **Cocôgenta que eu fiz.** (L1, VE: 4;00.13)
- (29) M: depois você dá um beijo nelas e depois vai embora que elas dormem aí sozinha
 M: vai conta
 R: era uma vez...
 R: ah i você **você qui conta.** Eu num sei (L1, Ra: 3;00.25)

Exemplos como esses em (27) e (28), em que a sentença clivada **reitera** o conteúdo apresentado antes, são comuns entre as ocorrências de clivadas dos vários *corpora* em análise, o que evidencia uma das possibilidades contextuais em que essas sentenças de foco podem aparecer.

5.1.3 Sumário

Nesta seção comentei três abordagens propostas para a análise do *status* informacional de referentes, questioneiei-as e esclareci minha opção. Mostrei que as cinco variantes clivadas do português se comportam de maneira diferente conforme a codificação

de informação do referente focal. Algumas se especializam mais na focalização de referentes evocados, enquanto outras, na focalização de referentes novos. Isso significa que aspectos discursivos como ‘distribuição de informação’ explicam a opção por uma alternante clivada em detrimento da outra. Os resultados foram semelhantes em todas as amostras estudadas, o que sugere que as clivadas têm características próprias que são conservadas através do tempo e que independem da modalidade de língua em investigação. Isso pode ser generalizado também para outras línguas, visto que meus resultados são semelhantes aos de Sedano (1990), Geluykens (1988) e Prince (1978).

5.2 Classe Gramatical e Função Sintática do constituinte focal

Conforme mencionei antes, Dik (1989) sugere que os mecanismos de focalização sejam analisados à luz do escopo, entendido como a parte da estrutura subjacente da oração que recebe a função de foco. Segundo o autor, em sentenças do inglês, a função de foco pode incidir sobre operadores (tempo, modo, aspecto e polaridade), predicados e termos (sujeito, outros).

Seguindo a sugestão de Dik, nesta seção analiso o escopo das sentenças clivadas do português. Para isso, estabeleci dois grupos de fatores: a *categoria gramatical* e a *função sintática* do constituinte focal (C^1). A análise dos dados dos vários *corpora* mostra que o C^1 se enquadra nas diversas categorias e funções, mas que há diferenças qualitativas e quantitativas significantes entre as cinco alternantes clivadas.

5.2.0 Sincronia

Os resultados da análise do material sincrônico para a categoria gramatical do constituinte focal estão na tabela 04. De modo geral, os elementos focais dessas construções são mais frequentemente sintagmas nominais, sintagmas preposicionais e orações.

Tabela 04: **Categoria Gramatical vs Sentença Clivada no *corpus* sincrônico**

		CLIV		É QUE		PC		TOTAL		
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
SN	Substantivo	18/69	26	16/46	35	55/82	67	89/197	45	
	Pronome	pess.	09/69	13	05/46	11	01/82	01	15/197	08
		dem.	08/69	12	07/46	15			15/197	08
S.Preposicional		31/69	45	14/46	30	01/82	01	46/197	23	
Oração		02/69	03	02/46	04	25/82	30	29/197	15	
Advérbio		01/69	01	02/46	04	0	0	03/197	01	

Diferentes tipos de sintagmas nominais podem ocupar a posição de foco nas sentenças clivadas. Nos dados em análise, os substantivos (próprios e comuns) são os mais frequentes e estão correlacionados com todas as variantes clivadas, representando 45% do total de sintagmas nominais, contra 16% dos pronomes. Nos exemplos de (30) a (32), há substantivos focalizados, respectivamente, por PC, CLIV e É QUE:

- (30) Amyr: Naquela época, em 1888, havia essa preocupação. Já estavam desaparecendo alguns tipos de barcos, como os salseiros, baturitês, vigilengas... Porém ninguém continuou o trabalho. *Hoje quem se interessa muito por isso é o professor Paulo Pardal*, que escreveu um livro fantástico, *As carrancas do rio São Francisco*. (*Certas Palavras*: Amyr Klink, p. 20).
- (31) Oliveiros: Agora, veja bem, quando houver um ataque ao Estado, se houver, digamos assim, uma insurreição revolucionária, *aí é o Exército que deve entrar*. Isso já estava previsto por D. Pedro, quando fez a Constituição de 24. (*Certas Palavras*: Oliveiros Ferreira, p. 263)
- (32) Dalmo: Aliás, este é um ponto extremamente delicado, porque algumas correntes mais radicais, as correntes mais jovens do PT, por exemplo, têm muito medo de que a Constituição signifique uma anestesia, um engodo. Elas argumentam que, na hora em que se disciplina, na hora em que, através da lei, os problemas se resolvem, *as classes dominantes é que vão ganhar*, por que elas é que fazem a lei. (*Certas Palavras*: Dalmo Dallari e Goffredo da Silva Telles Jr., p. 81)

Os pronomes pessoais e demonstrativos têm comportamento semelhante e aparecem principalmente no escopo de CLIVs e É QUEs. No grupo dos pessoais também estão os pronomes de tratamento. Juntei-os por razões metodológicas, mas consciente de que são classes distintas. Os exemplos de (33) a (35) se referem aos pronomes pessoais, e os de (36) a (38), aos demonstrativos. Os pronomes codificam sempre informação evocada e, portanto, é natural que eles apareçam antepostos e focalizados por CLIVs e É QUEs.

- (33) Florestan: Sempre estive numa posição de extrema-esquerda, e isso tudo é inalterável. Aquele Florestan não morreu, e *é ele quem dá a vitalidade ao Florestan* que tem diálogo com os jovens, que propõe sempre questões novas e que foi para a Assembléia Nacional Constituinte com aspirações muito arrojadas. (*Certas Palavras*: Florestan Fernandes, p. 130)
- (34) Paulo: Nenhuma universidade me teria feito um doutoramento como o Sesi me possibilitou fazer. É claro que *eu é que fiz esse doutoramento com os trabalhadores*, de quem me fiz educando também. (*Certas Palavras*: Paulo Freire, p. 268)
- (35) Marcos: Acho que nenhum jornal é grande se não tiver dois ou três cronistas de valor e de personalidade bastante definida. Esse retorno da crônica de que você falou não observei. *Você é*

que está afirmando. Só observei o meu retorno....dos outros ainda não. (Certas Palavras: Marcos Rey, p. 230)

- (36) É como se você tivesse uma correspondência entre o lado sensual da palavra, o processo da palavra, como o som, enquanto domínio dos cinco sentidos, e simultaneamente a contrapartida do valor simbólico, do valor enunciativo da palavra. Então, na convergência desses dois aspectos, desses dois hemisférios da dicção, é que se daria a expressão mais acabada. De certo modo, *é isso que a poesia solicita*. E a gente às vezes consegue mais ou menos. (*Certas Palavras: Antônio Fernando de Franceschi, p. 34*)
- (37) João Antonio: Acho que não existe mais malandragem. O que existe por aí é uma camada de gente sacrificada, lesada, esmigalhada, arrebitada. *Isso é que existe*. Nada mais do que isso. (*Certas Palavras: João Antonio, p. 170*)
- (38) Augusto: Nesse debate, a própria Pagu interveio em defesa do Koellreuter. Do ponto de vista musical ele defendia...
Haroldo: Ele defendia os jdanovistas, *essa é que é a verdade....* (*Certas Palavras: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 327*)

Essas sentenças de (36)-(38) com pronomes demonstrativos na função de foco sinalizam uma relação discursiva do tipo **sumário**, na terminologia de Mann & Thompson (1986)³⁶. A relação de sumário é observada toda vez que uma oração ou sequência de orações funciona como um ‘resumo’ do que foi veiculado antes pela oração(ões) precedente(s). No caso específico desses exemplos, melhor em (36) e (37), a sentença clivada funciona como o sumário do que foi dito antes. As CLIVs e É QUE com pronomes anafóricos desempenham bem esse papel.

Os sintagmas preposicionais são bastante focalizados, mas preferencialmente por meio de CLIVs e É QUEs, o que parece decorrer de seu *status* evocado. Exemplos como (39) e (40), com o *por isso* em foco, são muito comuns, mas há também ocorrências como (41)-(43). Parte dos sintagmas preposicionais, incluindo esses do tipo (39) e (40) comportam-se como orações de causa (vale a discussão dos exemplos (45) e (46)).

³⁶ Mann & Thompson (1986) analisam relações proposicionais, ou seja, relações que podem ser inferidas a partir da combinação entre duas porções textuais. Nos textos escritos do inglês, os autores sugerem que as principais relações são *evidência, reiteração, motivação, justificação, razão, elaboração, causa, sequência, solução, circunstância, motivação, capacitação, condição, concessão, fundo, contraste, sumário e propósito*.

- (39) *Certas Palavras*: Professor, uma observação: recentemente uma ouvinte nos solicitou um programa específico sobre social-democracia. Ela disse admirar Mário Covas etc., mas não sabia o que significava exatamente uma proposta social-democrata.
FHC: É por isso que estou escrevendo esse artigo. (*Certas Palavras*: Fernando Henrique Cardoso, p. 117)
- (40) José Paulo: A convivência que tenho com meus irmãos de ofício poético é, no fundo, uma forma de defesa contra tal degradação de valores. Por isso é que minha poesia é satírica, crítica; ela não aceita o *status quo*, procura tomar uma atitude diante disso tudo que está aí. (*Certas Palavras*: José Paulo Paes, p. 192)
- (41) Oliveiros: Nós temos a tentação de dizer que as Forças Armadas são golpistas e isso e aquilo, mas é preciso ver que são a única força organizada, no sentido real da expressão, a única força com poder organizado ao longo do território nacional. De certa forma, elas sempre colocam o Estado em xeque, nisso é que nós não temos prestado atenção. (*Certas Palavras*: Oliveiros Ferreira, p. 261)
- (42) Augusto: Sérgio Milliet era um homem extremamente civilizado. Reconhecia talentos, era muito eclético...Não foi só a nós que ele divulgou. (*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 328)
- (43) Hélio: A terceira variável, a capacidade alocativa do Estado brasileiro, era manifestamente superior na década de 70, na medida em que o Estado teve condições de atender concomitantemente à rotina do serviço público e fazer inversões decisivas que modificaram significativamente nossa estrutura industrial. É desse período que provêm grandes inversões de *infra-estrutura*, a construção de sistemas, como o sistema nacional de telecomunicações, o aperfeiçoamento do nosso sistema hidrelétrico, o ataque à produção de energia nuclear. (*Certas Palavras*: Hélio Jaguaribe, p. 147)

As orações que ocupam a posição de foco são geralmente as subordinadas substantivas ou adverbiais. Os números da tabela 04 mostram que as orações tendem a ser muito mais focalizadas por PCs (conforme (44)) do que pelas demais variantes clivadas (conforme (45) e (46)). O exemplo em (44) exhibe uma particularidade que é a presença de uma PC dentro de outra PC, fato que ilustra uma propriedade da linguagem articulada, a recursividade.

- (44) Darcy: Alguns autores observaram, e é verdade que há uma cordialidade brasileira, remarcada no contato entre pares: rico com rico vivem muito bem, trocam muita cordialidade, almocinho, jantazinho e gostam muito de se curtir. Pobre com pobre sofrem também com certa cordialidade.

Que jeito? Mas o que estou dizendo é que o que caracteriza a sociedade é a distância entre pobres e ricos. (*Certas Palavras*: Darcy Ribeiro, p. 86)

- (45) Paulo: Mesmo a criança que chega à escola aos 5, 6 anos para se alfabetizar já chega lendo o mundo dela. A leitura da palavra, portanto, vem depois da leitura do mundo. **E exatamente porque a leitura da palavra vem depois da leitura do mundo é que** ela tem necessidade de implicar a continuidade da leitura do mundo. (*Certas Palavras*: Paulo Freire, p. 270)
- (46) Celso: No Brasil, inclusive, pois ela chama a atenção para o desemprego, para a grande inflação, para os deslocamentos maciços de população, que estão na raiz dessa fragilidade das instituições, que explicam um pouco o fenômeno totalitário, o qual tem por base o fato de os homens não se sentirem à vontade num mundo que lhes deveria ser comum. **E é justamente porque não estão em casa, no mundo, que** o tema da reconstrução dos direitos humanos me parece importante em geral, e no Brasil em particular. (*Certas Palavras*: Celso Lafer, p. 67)

Entre as adverbiais que aparecem na posição de foco, predominam as causais, cujos exemplos em (45) e (46) são ilustrativos. Aqui, como se observa, a oração de causa precede a oração de efeito. A explicação para esse fato pode estar em Paiva (1991) que estudou as orações de causa e concluiu que a ordem não-marcada é aquela em que a causa vem posposta ao efeito. A autora explica que as realizações marcadas em que a causa vem antes, tal como nesses exemplos, podem ser explicadas pelo *status* informacional da oração e pela iconicidade (a causa precede o efeito, refletindo a ordem em que os fatos ocorrem na realidade). Além disso, Paiva constatou que a anteposição de orações de causa é mais freqüente em contextos caracterizados por maior formalidade e planejamento lingüístico e é totalmente ausente na amostra de fala informal. Isso vem ao encontro das observações feitas antes a respeito do grau de formalidade do *Certas Palavras*.

Finalmente, os advérbios, pouco focalizados nessa amostra de fala, aparecem geralmente no início e são focalizados por CLIVs e É QUES, como mostram (47) e (48).

- (47) Décio: O próprio Murilo Mendes, que tinha muito interesse pela arte, que era um dos mais avançados nesse sentido, no início também tinha valores legitimados. **Só posteriormente é que ele vai apoiar valores de vanguarda**. (*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 326)
- (48) Fui descobrindo aos poucos que tudo era questão de saber conviver com os caprichos do mar, e não de enfrentá-lo. A natureza é muito mais forte do que a gente para ser enfrentada; não se pode desafiar o Atlântico. A gente pode desafiar as próprias falhas, as próprias fraquezas. **Foi mais ou**

menos aí que, sem que eu percebesse, começou a idéia da viagem. (Certas Palavras: Amyr Klink, p.22).

Passo agora ao exame da função sintática. O levantamento da função sintática do elemento focal sugere contornos mais precisos e específicos para cada variante clivada, principalmente quando se atenta para a tabulação cruzada com categoria gramatical. A focalização de sujeitos (53%) é mais freqüente, seguida de circunstanciais (26%) e objetos diretos e indiretos (20%). Conforme a tabela 05, sujeitos e objetos são mais realçados por PCs, enquanto circunstanciais são mais realçados por CLIVs e É QUEs.

Tabela 05: **Função Sintática vs Sentença Clivada no corpus sincrônico**

	CLIV		É QUE		PC		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sujeito	28/69	40	27/46	58	51/82	62	106/197	53
Circunstancial	33/69	48	17/46	37	01/82	01	51/197	26
Objeto	08/69	11	02/46	04	29/82	35	39/197	20
Predicat.Sujeito	0	0	0	0	01/82	01	01/197	0.5

Na leitura vertical da tabela, fica claro que a correlação entre PCs e as funções de sujeito e objeto é bastante forte, em contraste com a função circunstancial, em que a correlação é extremamente fraca. As CLIVs e É QUEs parecem similares entre si e se correlacionam mais com a focalização de sujeitos e de circunstanciais, do que de objeto.

A análise cruzada entre categoria gramatical e função sintática mostra que os sujeitos são realizados geralmente por substantivos e, nesse caso, podem ser realçados por CLIV, É QUE e PC. No entanto, se o sujeito é realizado por pronome (pessoal ou demonstrativo) a tendência é não usar PC, em favor das CLIVs e É QUEs. Contrariamente, se o sujeito é oracional, a PC parece mais adequada. Similarmente, os objetos diretos, quando realizados por substantivos ou orações, são mais focalizados por PCs, mas se esses objetos são pronomes, a CLIV é a opção mais freqüente. Objetos indiretos, por seu lado, são realizados basicamente por sintagmas preposicionais e mais focalizados por CLIVs e É QUEs. Os circunstanciais são realizados por sintagmas preposicionais e advérbios, e portanto, preferencialmente focalizados por CLIV e É QUE. Essa correlação forma-função já havia

sido mencionada por Braga (1989), e meu trabalho vem a ser uma contribuição a mais. Veja os exemplos.

Clivagem de Sujeitos

sujeito nominal e PC

- (49) Bresser: Se fizermos uma moratória não resolvemos nosso problema porque continuamos sem nenhuma proposta - e quem fica bem nessa história são os banqueiros privados, que aos poucos vão reduzindo sua dívida. (*Certas Palavras*: Luiz. C. Bresser Pereira, p. 196)

sujeito pronominal e CLIV/É QUE

- (50) Augusto: Na verdade, toda essa gente foi levada pra lá pelo Mário Faustino. Me lembro muito bem que foi ele quem convidou o Oliveira Bastos, o Ferreira Gullar, e foi ele também quem nos convidou para participar. (*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 331)
- (51) *Certas Palavras*: E como é que vocês trilharam o mesmo caminho, artes gráficas, ilustração, caricatura, essa coisa toda?
Ziraldó: Isso o Zélio é que pode responder, *porque ele é que* veio atrás, nasceu depois de mim. (*Certas Palavras*: Zélio e Ziraldó Alves Pinto, p. 293)

sujeito oracional e PC

- (52) Hélio: Acho muito oportuna a pergunta que me foi dirigida. Não sou autoridade do partido - sou apenas um cidadão, um intelectual -, mas no meu entendimento o que está acontecendo é que o partido está se preparando para formular a sua proposta de programa de governo. (*Certas Palavras*: Hélio Jaguaribe, p. 154)

Clivagem de Objetos

objeto nominal e PC

- (53) Antonio: Por exemplo, Cecília Meirelles, não sei, não saberia dizer se realmente noto sua presença no livro. Paul Celan talvez eu possa notar, nesse modo de tensão, no modo de perguntar... O que eu percebo são presenças de leituras que, embora eu renove, tiveram momentos mais importantes na minha vida há muito tempo. (*Certas Palavras*: Antônio Fernando de Franceschi, p. 37)

objeto pronominal e CLIV

- (54) Antonio: Por exemplo, este último livro aconteceu num momento muito difícil de minha vida, então os poemas suscitam muito um posicionamento situacional dentro dela. É mais por isto do que propriamente pelo processo de criação. Aí eu não vejo tantas rupturas; vejo, sim, um adensamento

de uma necessidade de expressão em certo sentido, em certa direção. *É isso que eu percebo*, mas percebo um contínuo entre os três livros. (*Certas Palavras*: Antônio Fernando de Franceschi, p. 37)

objeto oracional e PC

- (55) Goffredo: E se não for lida por toda a população, ou não for compreendida por toda a população, grande parte do povo brasileiro terá toda a possibilidade de ouvir as explicações minuciosas sobre o que ela contém. *O que eu devo dizer é que nem toda a constituição, nem todo o texto da constituição precisa propriamente ser entendido por todos*. (*Certas Palavras*: Dalmo Dallari e Goffredo da Silva Telles Jr., p. 80)

Clivagem de Circunstanciais

circunstancial Sprep e CLIV/É QUE

- (56) José Paulo: Certa ocasião, defini o turismo como uma espécie de serviço militar obrigatório da idade madura. *É na idade madura que a pessoa - quem vive do trabalho, evidentemente - tem alguns recursos para se dar o luxo de viajar e conhecer as coisas fora do seu país*. (*Certas Palavras*: José Paulo Paes, p. 193)
- (57) Paulo: Tu aprendes exatamente o que a fome exige de ti, para que tu consigas superá-la um pouco. Isso eu aprendi também. *Só com 16 anos de idade é que fiz o que naquela época era chamado exame de admissão ao ginásio*. (*Certas Palavras*: Paulo Freire, p. 267)

circunstancial oracional e É QUE/CLIV

conferir exemplos (45) e (46)

O único exemplo de foco com função de predicativo do sujeito é realizado por um sintagma nominal, com núcleo substantivo e modificado por um adjetivo. O exemplo está em (58):

- (58) É que aqui falta comida, o pessoal padece fome. Um país tão grande e organizado tão mal. *O que nós somos é um país faminto*, e com essa coisa horrível: menos de 10% dos brasileiros vão ao dentista. (*Certas Palavras*: Darcy Ribeiro, p. 87)

Como se pôde observar pelos exemplos, nas clivadas, o processo de focalização está inter-relacionado com a ordem dos elementos, ou seja, algumas sentenças clivadas se caracterizam por colocar o elemento focalizado mais à direita na oração (PC e SER), e outras mais à esquerda (CLIV, É QUE e QUE), e dependendo da função sintática do

elemento focal haverá preservação ou não da ordem neutra SVO. Por exemplo, as PCs focalizam sempre o elemento em posição final, preservando a ordem neutra somente quando este elemento é um objeto. Semelhantes às PCs, as clivadas SER também focalizam o elemento pós-verbal. Contrariamente, as CLIVs, QUE e É QUE colocam o elemento antes do verbo de sentido pleno, conseqüentemente, o realce de objetos por qualquer uma dessas construções determinará a não preservação da ordem neutra.

A variável *status* informacional explica a ordem e a correlação forma-função discutidas antes. É natural que o foco das PCs e SER seja colocado em posição final e o foco de CLIVs, É QUEs e QUEs, em posição inicial, já que as primeiras se relacionam mais com focalização de informação nova, enquanto as segundas, com focalização de informação evocada. Essa situação está de acordo com o princípio funcional de distribuição de informação segundo o qual, na ordem linear, o dado tende a preceder o novo. Assim, os sujeitos evocados são geralmente focalizados por CLIVs, É QUE e QUE, mas os novos, por PCs. Os objetos evocados em posição de foco são mais usuais com CLIVs, ao passo que, se novos, as PCs e SER são as opções mais frequentes.

5.2.1 Diacronia

Na hipótese de que sentenças como *assi he que*, *foy assy que* e *por êsto é que*, encontradas freqüentemente nos séculos XIII e XIV, sejam clivadas verdadeiras, os primeiros elementos focalizados seriam os advérbios e sintagmas preposicionais.

As sentenças como (59) e (60), discutidas antes sob o rótulo de PC-INV, têm na posição de foco geralmente um pronome pessoal ou demonstrativo. Sugerí antes (capítulo 04) que sentenças similares as estas podem ter dado origem às clivadas do tipo CLIV e É QUE. Essa hipótese é fortalecida pelo fato de que o constituinte focal é quase sempre um pronome, que é tipicamente focalizado por CLIV e É QUE. Ao mesmo tempo, torna mais imprecisa ainda a terminologia PC-INV, uma vez que as PCs raramente focalizam pronomes.

- (59) Traguio jaa do' mil vilaãos,
que qua faço cada ora
darem mootes oos de fora,

que parecem cortezaões.

Andam jaa tam enssynados,

que mao grado oos do paço

tem me fora mil cuidados,

que trouxe desesperados:

yfto he o que qua faço. (Séc. XV - *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, p. 02)

(59') Isto é o que faço aqui

(60) As prudentes viftas com os olhos no Ceo, parecemme nefcias: & as nefcias viftas com olhos na terra, parecemme prudentes. *lfto he o que fe me affigura hoje*, & efta ferà a materia do Sermaõ: que as prudentes viftas com os olhos no Ceo, forão nefcias: & que as nefciasviftas com os olhos na terra, forão prudentes. (Séc.XVII - *Serman de Santa Theresa*, p. 252)

(60') (...) e as nescias vistas com olhos na terra, parecem-me prudentes. Isto é o que me afigura hoje.

Em sentenças do século XVI, já era possível encontrar PCs com elementos focais realizados por substantivos e orações. Cito os exemplos (61) e (62)³⁷.

(61) O que daqui, da mesma cidade, há que escrever hé, **louvores ao Senhor**. (Séc. XVI - *Carta dos primeiros jesuítas do Brasil*, p. 450)

(62) A igreja hé muyto bem feita e composta, con sua casas e pomar, com sua orta e laranjaes, sidreiras e limoeiros e parreiras, que já derão aqui huma vez huvas. Assi que o que falta é o que o Padre mandou pedir, que são novos ornamentos que pera a igreja há mister, ao Pe. Mestre Simão. (Séc. XVI - *Carta dos primeiros jesuítas do Brasil*, p. 246)

As É QUEs e CLIVs mais antigas que encontrei têm o foco realizado por substantivos, pronomes, advérbios ou sintagmas preposicionais. Veja alguns exemplos:

(63) (...) mas de ontem para hoje tem a estrada tendido mais para o poente; **esta volta é que** faz muito distante a residência do Cazembe (supondo que assiste no interior de África) e aumenta consideravelmente a viagem para a costa ocidental, ... (Séc. XVIII - *Diários de Viagem*, p. 222)

(64) Foi ele que me queria levar a carne da perna por amor do osso. (Séc. XVIII - *O Labirinto de Creta*, Vol III, p. 103)

³⁷ (61) já foi mencionado num capítulo precedente, por isso omiti o contexto.

- (65) O primeiro a quem mentis, he a vos. Não mentiraõ a cada hum. *Aqui he que fe ha de por o refitto.* Job, que conhecia muito bem a fimpatia das potencias com os fentidos, dizia: fiz concerto com os meus olhos, para eftar feguro dos meus penfamentos. (Séc. XVII - *Serman da Quinta Dominga da Quarefma*, p. 302)
- (66) *Não foi só na minha comitiva que houve combate:* na do Capitão Mor da Mixonga, com quem me encontrei pelas 10 horas, houve pancadaria com os Maraves pelos roubos, que intentaram fazer. (Séc. XVIII - *Diários de Viagem*, p. 210)

No material dos séculos XIX e XX, a análise quantitativa parece reiterar as observações feitas antes acerca do material sincrônico, conforme mostra a tabela 06. Aqui o foco das clivadas é geralmente sintagma nominal, oração, sintagma preposicional ou advérbio. Os sintagmas nominais focais aparecem em qualquer variante clivada, mas com mais frequência em algumas. A ocorrência de sintagmas preposicionais e advérbios em posição de foco é mais restrita às CLIVs e É QUEs, enquanto a de orações é mais restrita à PCs.

Tabela 06: **Categoria Gramatical vs Sentença Clivada no corpus diacrônico**

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
substantivo	51/153	33	40/139	29	39/113	34	04/11	36	0	0	134/430	31
p.pessoal	23/153	15	32/139	23	07/113	06	0	0	06/14	43	68/430	16
p.demonst	05/153	03	18/139	13	0	0	0	0	02/14	14	25/430	06
s prepos.	52/153	34	18/139	13	01/113	01	01/11	09	02/14	14	74/430	17
oração	07/153	04	04/139	03	64/113	57	03/11	27	04/14	28	82/430	19
advérbio	15/153	10	27/139	19	0	0	0	0	0	0	42/430	10
s verbal	0	0	0	0	02/113	02	03/11	27	0	0	05/430	01

Similar aos resultados do *Certas Palavras*, substantivo (31%) é a classe de palavra que mais aparece em foco. Os exemplos podem ser vistos de (67) a (69). Os pronomes pessoais e demonstrativos são mais focalizados por CLIVs, É QUEs e QUEs, conforme mostram os demais exemplos.

- (67) Caro amigo J. Veríssimo. / Uma anedota salva tudo, mas nem a consciência nem o Graça Aranha deixariam mentir, e eu prefiro confessar a minha triste memória de velho. Pois não é que deixei

passar o dia 8 de abril, sem lá mandar duas linhas de saudação, ou dar um pulo à Revista? *Foi o Graça que me lembrou hoje aquêlê dia*, e aqui lhe mando as saudações da amizade. (Machado de Assis - *Epistolário* - a José Veríssimo, p. 1046).

- (68) Madame Cri-Cri: O morto é sempre boa praça!
Ivonete: Portanto, *só a viúva é que deve ser fiel*, só. As outras não. As outras não precisam. (Nelson Rodrigues - *Teatro Quase Completo*, p. 34)
- (69) Quanto ao século, os médicos que estão presentes ao parto reconhecem que êste é difícil, crendo uns que *o que aparece é a cabeça do século XX*, e outros que são os pés do século XIX. Eu sou pela cabeça, como sabe. / (Machado de Assis - *Epistolário* - a José Veríssimo, p. 1050).
- (70) E, neste grande pleito da immortalidade, é a sciência que está fóra da natureza, *é ella que se engana*, porque é feitura nossa, e não o sentimento humano, que esse mal nos pertence, e foi Deos quem o creou, assoprando um sonho de luz sobre a alma adormecida. (*Cartas de Antero de Quental* - p.32)
- (71) Não o aviso, enquanto o Navarrito, agente ministerial em Coimbra, mo não afirmar sobre Comte. Quer se feche, quer não, *eu é que não saio de cá*. (Antonio Nobre: *Correspondência* - p. 82)
- (72) Zampucci: *Dio! Dio!* - Desengane-se V. Ex^a, senhor D. António. *Eu que não sei quem é a amante do Conde*, é porque o Conde a não tem. (Julio Dantas, *Um serão nas Laranjeiras*, p. 14)
- (73) - Nunca tomou injeção que não fosse no braço!
Parecia evidente que esse pudor frenético o deleitava, ainda agora. Numa brusca cólera, desafiou os circunstantes:
- *Isso é que era mulher no duro*, cem por cento! O resto é conversa fiada! (Nelson Rodrigues, *A Coroa Completa*)
- (74) Mas, ex.mo sr., será possível viver sem idéas? *Esta é que é a grande questão*. (*Cartas de Antero de Quental* - p. 55)
- (75) Morgado: Rijo como aço. Esta boa velha é a governanta do meu amigo João Alvares de Freixêdo, do concelho visinho lá do meu. *Aquillo é que é um romântico*, como lá dizem em Lisboa! (Camilo C. Branco - *O Morgado de Fafe Amoroso*, p.97)

Em (76) e (77), há exemplos de sintagmas preposicionais em posição de foco, correlacionados com Ê QUE e CLIV. Em (78), é uma oração que está focalizada e, em (79) e (80), o foco recai sobre os advérbios.

- (76) O pouco que eu valho poderia ser de alguma utilidade para o país, estando eu em Paris: **em Bristol é que lhe não sou de utilidade nenhuma** - porque carimbar manifestos de carvão tanto o pode fazer um *garçon de bureau* como eu. (Eça de Queiroz e Oliveira Martins - *Correspondência* - p. 76)
- (77) **Foi com grande alegria que** a sua oferta de 'Aparição' me trouxe, indirectamente, notícias suas. A estas horas, terá V. já recebido os meus contos [*Andanças do Demónio*]. (Jorge de Sena e Vergílio Ferreira - *Correspondência* - p. 34)
- (78) Poncia: Eu não sou mulhersinha: sou Poncia para a servir. **O que eu quero é pedir-lhe o favor de não dormir com a cabra no mesmo quarto.** (Camilo C. Branco - *O Morgado de Fafe Amoroso*, p.101)
- (79) Taine! Como este nome sôa aqui, no Canadá: o fino, o subtil, o delicado, o perfeito Taine...Há quanto tempo não me lembrava este nome amado. **Era aqui que eu o queria**, com o seu fino senso, classificando, decompondo, reconstruindo, dissecando, provando. (Eça de Queiroz - *Correspondência*, p. 20)
- (80) Morgado: É Bernardo! **Agora é que eu dei n'ella!** A mulher tem-me ingrampado! (Camilo C. Branco - *O Morgado de Fafe Amoroso*, p. 138)

As poucas ocorrências de foco no sintagma verbal aparecem relacionadas com SER e PC. Veja alguns casos.

- (81) Disse ainda: - "Tomara que a gente chegue logo, tomara!". Sentindo a angústia do ser amado, comandou o *chauffeur*: - "Quer andar mais depressa?". Ao lado, Dalva crispava-se toda, gelada de dor. Sérgio baixa a voz:
- Queres que eu compre elixir paregórico?
- Não diz isso. Não diz nada. **Só quero é chegar, meu Deus!**
(Nelson Rodrigues - *O Pastelzinho*)
- (82) Maria Déa: Que é que lhe custa? Ande, corte!
Lauro: Tire você. Não matou? Eu é que não pego nisso. Me repuna só de olhar.
Maria Déa: **Você devia era ter vergonha.** (Raquel de Queiroz - *Lampião* - p. 5)

Os percentuais sugerem que as correlações mais fortes se dão entre CLIVs e as classes substantivo e sintagma preposicional; entre É QUEs e substantivos, demonstrativos e sintagmas preposicionais; e entre PCs e orações.

Quanto aos resultados para a função sintática, estes também estão em conformidade com aqueles do material de base, com sujeitos, os mais focalizados, relacionados com CLIV, É QUE e PC, enquanto circunstanciais são mais restritos à focalização por meio de CLIV e É QUE, e objetos por PCs, como mostra a tabela 07.

Tabela 07: **Função Sintática vs Sentença Clivada no corpus diacrônico**

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
sujeito	75/153	49	83/139	60	52/113	46	0	0	08/14	57	218/430	50
circunstanc.	68/153	44	46/139	33	0	0	02/11	18	06/14	43	122/430	28
objeto	10/153	06	10/139	07	60/113	53	06/11	54	0	0	86/430	20
predicado	0	0	0	0	01/113	01	03/11	27	0	0	04/430	01

Veja em (83)-(85) sujeitos focalizados por CLIV, É QUE e PC, em (86) e (87) circunstanciais focalizados por CLIV e É QUE, respectivamente, e, em (88), objeto focalizado por PC. Para exemplos de foco no predicado, conferir exemplos (81) e (82).

(83) É esta força desconhecida que nos leva muita vez, ainda contra a vontade, ainda contra gosto, ainda contra o interesse, a erguer a voz pelo que julgamos a verdade, a erguer a mão pelo que acreditamos a justiça. É *ella* *que* me manda fallar. (Cartas de Antero de Quental - p.41)

(84) **O António Fogaça**, um bom amigo, é *que* me conta estas coisas. (Antonio Nobre: Correspondência - p. 61)

(85) Glorinha enfrenta:
 - Te quebro a cara!
 - Ou pensa que eu tenho medo de você?
 - Chega.
 - E chega mesmo. Quem teve nojo de você *fui* eu. Graças a Deus, não gosto de mulher. Sou bem feminina! (Nelson Rodrigues - O Casamento)

(86) Vivemos um hora tremenda, como V. imagina, e é *quase com violência* *que* deixamos de pensar nisso. (Jorge de Sena e Vergilio Ferreira - Correspondência - p. 43)

- (87) *Só quando você me mostrou que o verso do preto Cruz e Souza era besteira, é que realizei em mim que todas as vezes em que chegava nesse verso, eu sofria um malestar.* (Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, p. 313)
- (88) *O que lhe poderei enviar, se quiser, é o oitavo poema de O guardador de Rebanhos, do Caeiro, ou seja, o poema sobre a vinda de Cristo à terra, que não publiquei na Athena por o que é de ofensivo para a Igreja Católica.* (Cartas de Fernando Pessoa a João G. Simões, p. 71)

5.2.2 Aquisição de Linguagem

Veja na tabela 08 os resultados para a categoria gramatical do elemento focal nas clivadas do português de contato.

Tabela 08: Categoria Gramatical vs Sentença Clivada no *corpus* de L2

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
substantivo	28/75	37	08/30	27	51/63	81	16/23	70	35/92	38	138/283	49
p.pessoal	16/75	21	03/30	10	08/63	13	0	0	46/92	50	73/283	25
spreposic.	19/75	25	15/30	50	0	0	04/23	17	04/92	04	42/283	15
p.demonst.	12/75	16	02/30	06	01/63	01	01/23	04	02/92	02	18/283	06
outros	0	0	02/30	06	03/63	05	02/23	08	05/92	05	12/283	04

Conforme mostra a coluna do total, os substantivos (49%) e pronomes pessoais (25%) são as categorias gramaticais mais focalizadas. Os sintagmas preposicionais também apresentam números expressivos (15%). Sob o rótulo de ‘outros’ inclui sintagmas verbais, adverbiais e orações. Esses dados mostram que a tendência é que os substantivos sejam preferencialmente realçados por PCs, QUES, CLIVs e SER, conforme (89)-(92), os pronomes pessoais, pela construção QUE, conforme (93), e os sintagmas preposicionais por CLIVs e É QUE, conforme (94) e (95), respectivamente. Os pronomes demonstrativos, ainda que sirvam de escopo para todas as alternantes, parecem mais relacionados com as CLIVs, conforme (96). Essa descrição em diversos aspectos é semelhante àquela vista na

tabela 04. Exceto a construção QUE, focalizadora de pronomes, e a SER, de sintagmas nominais, a tendência exibida pelas demais variantes clivadas segue quase a mesma linha.

- (89) E: Não é bom ficar sozinho? Que que você acha?
 I: Quem?
 E: Uma pessoa que vive sozinha não é bom?
 I: Sei não. Quem falo pra mim é o Rui, né, que casa, né, falo "Takuma faz casamento". Então, por isso vai fazer casamento. (L2, Tak20)
- (90) I: Sabe, eu num sei porque que Cuicuru veice tanto aqui no veio, num sei alguém gosto né... e porque acho que talvez meu pai e Sarirua que moraram muito tempo lá no Cuicuru qui...mãe pai foi o criacom lá né.
 E: Aha.
 I: Lá no Cuicuru, então depois que meu pai saiu ele lá né é quer dizer, **Orlando** que tirou de lá, e trouxe pra cá e fez aqui aldeia né, lá mais pra cima, lá em frente o lago então ficou lá depois... (L2, Ari3)
- (91) I: Orlando que ajudo eu casa.
 E: Ah, é?
 I: Fala pra ele, ele sabe muito bem a estória.
 E: Come que foi...come que foi a estória do seu casamento?
 I: É. É o Orlando que me ajuda casa. (L2, Ara1)
- (92) E: E agora?
 K: Agora pessoal, agora tá, num sei agora tá entrando o Chico aqui no posto, ne, chefiando aí. E Aponema (es)tava aí também.
 E: Você gostou do Aponema?
 I: Bom,..... primeira vez que veio aí, ne, ninguém, aceito ele. Ele ficou muito triste, faz isso. Porque porque pessoal achava mesmo bom é Olimpi. (L2, Kot124)
- (93) E: Faz tempo que ele veio aqui?
 I: Faz tempo; ele ficou mais no Diawarum.
 E: O pessoal gosta muito dele né?
 I: Gosta muito dele; ele já ficou aí no Posto depois ficou(u) no Diawarum; **ele** que tava tratando a gente, esse menino doente, né.
 E: Foi né? (L2, Pir3)
- (94) E: E Txicao atacava muito Yawalapiti?
 I: Não, Txicao não. Quando txicao atacava Alapiti, quando Txicao já atacava Alapiti, muito, muitos anos, agora Txicao, que Orlando queria três homi do Txicao, Txicao já acabou. Aí que tá um

Menaku () Alapiti, kamayura, kuikuno, kalapala e Meinaku. Taí, é por isso que Txicao chegou muito bom aqui. (L2, Kan07)

(95) E: Quer bala?

I: É, quero bala. Eu fala pra ele, eu tem vinte e dois. Quando eu não tem vinte e dois, então eu queria troco camisa. Eu tem vinte e dois, **por isso é que eu queria munição**. (L2, Suk03)

(96) K: Mas ele tá no meio dessas coisa, porque ele qui arranjo todas essas coisa pra Tupi né, agora os pessoal pede ajuda dos pagamento pra melhora essas coisa ele ai se nego. Então os índio tá contra ele, os índio não, tem poucas qui ta contra ele né. **é só isso que aconteceu**. (L2, Kok25)

Vale ressaltar ainda que quando o elemento focal é uma oração, as PCs são preferidas, como mostra o exemplo (97), fato que o material sincrônico já havia esclarecido antes. As cinco ocorrências de advérbios focais estão relacionadas à construção QUE, como (98) sugere.

(97) K: Participando dessa festa ai... Nos travaia no posto, agora, me puseram como funcionário né, mas pra mim nem interessa muito (e)ssas coisa né. **O que é importante é ajuda os povo da gente, né, as tribo**. Trabalha pras tribo mesmo da gente né. (L2, Kok25)

(98) E: Mas como é que foi... Posto Leonardo...foi onde? Foi onde desce avião?

T: Ha?

E: Foi ali na pista?

T: A...é...ali tem pista, né.

E: Mas de avião né?

T: Não, ali tem pista...ali tem pista. A...aqui tem o futibo/ **Ali que a gente marco....jogamo/** A pista isso aqui, aqui é o campo do futibo. Lá que noise jogamo futibo. (L2, Tak21)

Em termos de função sintática do constituinte focal, os dados do português de contato mostram, conforme a coluna do total, que sujeito é a função sintática mais focalizada (65%), seguida por circunstancial (21%) e objeto (12%). Essa ordem de frequência é exatamente aquela obtida no material sincrônico. Segundo os dados da tabela 09, os sujeitos são geralmente focalizados pelas variantes QUE, PC e CLIV (cf. (99)-(101)). Quando o elemento focal é um circunstancial, a tendência é que o falante opte por um CLIV ou É QUE (rever exemplos (94) e (95)). Os objetos são realçados principalmente por CLIV e SER (cf. (102)-(103)).

Tabela 09: Função Sintática vs Sentença Clivada no *corpus* de L2

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
sujeito	38/75	50	08/30	27	60/63	95	01/23	04	78/92	85	185/283	65
circunstanc.	23/75	31	18/30	60	01/63	02	05/23	22	12/92	13	59/283	21
objeto	14/75	19	04/30	13	02/63	03	12/23	52	02/92	02	34/283	12
outros	0	0	0	0	0	0	05/23	22	0	0	05/283	02

- (99) E: Ah, Olímpio que falou?
 T: Olimpe que falo. Um di...um dia que eu vem...vendeu um arco po...esse pessoa que vem ai filmando....
 E: Há. Vendeu um arco?
 T: EU...eu ganhei um finte cinco...vinte e cinco.
 E: Quem fez isso com você?
 T: Uai, eu que feiz.
 E: Tá errado. (L2, Tak21)
- (100) C: E Kaura você sabe escrever Kau sabe escrever? Tapiri.
 T: Não, não sei não.
 C: Não né?
 T: Não....quem sabe é Tatap meu filho.
 C: Ah! Ele sabe? Ela tá onde Tatap?
 T: Ele tá preso. (L2, Tap)
- (101) Ai Orlando mando drumi lá. - Sarirua vai drumi lá. - Num tem rede. - Não, eu arrumo comigo. Ai madrugada, ai Sarirua fasse muita logo (....) Orlando. Entao ele falo: - Kanato, que é que (v)ocês vão faze lá. - Num sei, é Orlando que sabe. (L2, Kan03)
- (102) E: Mas você acha bom que venha o pessoal lá debaixo trabalha no posto?
 I: Ma esse eu gosta né, como, como eles tão trabalhano aqui pra nossí, eu acha bom, eu não cha ruim, puque tem os otros aqui, tudu aldeia, que não, não tá gostano deles né. Uma pessoa disse, tudu índio lá do posto não é bom pra eles, é isso que eles fala, mas eu gosta ...(L2, Ari7)
- (103) Ai pessoal fica e fica alegre, fica até mora lá. Ih, pescaria, kamayura pescaria, ele pesca tam..., ele pesca pro Orlando, ne? Leva pexe. Depois Orlando dá é farinha pra ele também, dá farinha, dá é açúcar também, dá açúcar, otru ali da pexe na, otru ali da pexe pra ele, depois da farinha também. (L2, Suk03)

Na aquisição de primeira língua, a função sintática sujeito é a mais realçada e quase sempre pela construção QUE. O sujeito focal é realizado principalmente por pronomes de primeira pessoa (cf. (104)) e menos frequentemente por nomes (cf. (105)). Em (105), a sentença clivada está envolvida em uma estratégia que consiste em **corrigir** o discurso precedente. Essa estratégia corretiva é, segundo Fant (1984), comumente associada com clivagem, visto que cria sempre uma situação de contraste.

(104) Mãe: vai, acaba de monta o trem - ?

RA: **eu que** vou pertá esses dois. (L1, RA: 3;5.4)

(105) M: e você você falou que esse aqui é o pai

M: pai não tem leite

R: e depois a menininha foi da(r) um dezo (=beijo) no carneiro

R: a mi a a **o carneiro que** foi da(r) um be(i)jo na menina. (L1, RA: 3;00.15)

O fato de, em meus dados de aquisição de L1, os elementos focais serem geralmente pronomes pessoais de primeira pessoa pode ser reflexo da **fala egocêntrica**, que predomina nos primeiros estágios de aquisição, conforme sugerido pelo modelo sócio-interacionista (Vygotsky e colaboradores). O primeiro gênero mostrado pela criança é, segundo inúmeros trabalhos realizados sobre o assunto, o gênero emotivo, que caracteriza a necessidade egocêntrica da criança. Ou seja, a criança tende a se posicionar como se ela fosse o sujeito principal em uma situação discursiva. As referências às segundas e terceiras pessoas tendem a aparecer mais tardiamente, e, segundo Lemos (mimeo), é um processo relativamente longo, que mostra a dificuldade da criança em se desvincular de sua própria atividade lingüística e se assumir no papel locutor. A autora salienta que o uso dos pronomes pessoais começa a se instaurar nas práticas discursivas com grau maior de reversibilidade.

5.2.3 Sumário

A análise conduzida até aqui mostrou que o elemento colocado em foco pode ser de diferentes classes gramaticais e funções sintáticas e que existe uma correlação mais ou menos forte entre certas classes/funções e o uso das cinco alternantes clivadas. Em outras

palavras, cada variante clivada se especializa em focalizar um certo elemento gramatical com mais frequência. Essa correlação pode ser vista nos quadros abaixo, que sintetizam as tendências gerais. Aproximei CLIV, É QUE e QUE de um lado e SER e PC de outro para que sobressaíssem suas semelhanças:

Quadro 05: Correlação entre clivada e classe gramatical

	CLIV	É QUE	QUE	PC	SER
substantivos	✓	✓	✓	✓	✓
pronomes pessoais	✓	✓	✓		
pronomes adjetivos	✓	✓	✓		
sintag. preposic.	✓	✓			
sintag. adverbial	✓	✓			
sintag. verbal				✓	✓
sintag. adjetivo					
oração				✓	

Quadro 06: Correlação entre clivada e função sintática

	CLIV	É QUE	QUE	PC	SER
sujeito	✓	✓	✓	✓	
objeto				✓	✓
circunstancial	✓	✓	✓		
predicado				✓	✓

É surpreendente que em nenhum dos quatro *corpora* tenham aparecido adjetivos na posição de foco. Embora possamos tranquilamente imaginar exemplos desse tipo, sugiro, com base nas construções que discuto abaixo, que a focalização de adjetivos sofre algum tipo de restrição. Lembre que segundo Quirk *et al* (1978), no inglês, há restrições na focalização de predicativos do sujeito realizados por adjetivos como **It's a genius that he is*. Observe:

- (106) FHC: Eu tenho dito, em comícios, que político não é ladrão e que se tem político ladrão, ele foi eleito, quem vota em ladrão é cúmplice. A população que vota nele também é culpada. (*Certas Palavras*: FHC, p. 111)

A sentença destacada em (106) parece uma identificadora, mas, na realidade, trata-se de um tipo particular de sentença que partilha tanto características de sentenças identificadoras, como de intensivas. Por um lado, podemos interpretá-la como intensiva atributiva, tal como sugerido por Halliday (1967), com o verbo *ser* da classe zero, e o complemento atributivo adequado. Dessa forma, ela seria parafraseável assim: *quem vota em ladrão tem o atributo de ser/pode ser interpretado como cúmplice*. Por outro lado, essa sentença tem características que as intensivas normalmente não tem, como, por exemplo, a de ser reversível, o que contraria o postulado de Halliday de que as intensivas jamais são reversíveis. Podemos dizer: *quem vota em ladrão é cúmplice* ou *é cúmplice quem vota em ladrão/cúmplice é quem vota em ladrão*. Além disso, a sentença i) comporta uma nominalização (*quem vota em ladrão*) que é mapeada no identificando; ii) a contrapartida não-identificadora é boa (*cúmplice vota em ladrão*); e iii) pode ser parafraseada por *quem vota em ladrão é identificado como (indivíduo) cúmplice*. O maior obstáculo para essa segunda interpretação é que as identificadoras são todas equacionais e as equacionais, como já visto, são sentenças em que uma entidade é identificada por outra entidade. Nesse caso, ao invés de duas entidades, temos uma entidade e um atributo. Para Halliday, conforme mostrei no Capítulo 02, atributos não funcionam como complemento de equacionais.

Parece, então, que todo o problema é gerado pelo tipo de complemento, ou seja, pelo atributo na posição de identificador. Observe que se o atributo for substituído por pronome ou nome, desfaz-se a ambigüidade dessa sentença e ela passa a ser uma identificadora, sem qualquer restrição:

- (107) Quem vota em ladrão sou eu
Quem vota em ladrão é o João

As sentenças em (108) e (109) também são ambíguas entre a interpretação intensiva e extensiva:

- (108) Ponto Fino: E não dispensam de arrancar da cova cangaceiro defunto, pra ver se traz dinheiro amarrado na barriga!
Sabino: Besta é quem se fia em declaração de governo! (Raquel de Queiroz - *Lampião*, p.51)

Intensiva: tem o atributo de ser besta/pode ser caracterizado como besta quem se fia em declaração do governo.

Extensiva: é identificado como besta quem se fia em declaração do governo.

- (109) Que culpa tenho eu então? Subversivo não era eu, subversivo era quem detinha o poder e mandava, é quem detém o poder e preserva esse estado de coisas. (*Certas Palavras*: Paulo Freire, p. 271)

Intensiva: tem o atributo de ser subversivo/pode ser caracterizado como subversivo quem detinha o poder e mandava.

Extensiva: é identificado como subversivo quem detinha o poder e mandava.

Modesto (1995) já havia observado a ambigüidade em sentenças do tipo *O que José é é bobo*, que, segundo a terminologia dele, oscila entre uma leitura predicacional e outra especificacional (de clivada).

Ao estender a análise para as outras variantes clivadas, experimento clivar o adjetivo de *ele é besta* e constato que a mesma ambigüidade entre atribuição e identificação está presente. Acrescente-se ainda que (110b-c) parecem menos naturais que as demais.

- (110) a. É **besta** que ele é
 b. **Besta** é que ele é
 c. **Besta** que ele é
 d. Ele é é **besta**
 e. O que ele é é **besta**

Duas interpretações:

1º) Ele é identificado como besta

2º) Ele tem o atributo de ser besta

Talvez esse caráter ambíguo das construções com adjetivos justifique seu emprego tão pouco freqüente.

5.3 Dimensão do Constituinte Focal

A compreensão da dimensão das palavras - suas causas, funções e possíveis implicações - é uma preocupação que esteve presente em pesquisas linguísticas, desde o século passado (Gabelentz 1891, *apud* Heine, Claudi & Hünemeyer 1991). No Brasil, linguistas de orientação laboviana têm considerado a dimensão um fator explicativo para certos fenômenos variáveis. Cito, por exemplo, alguns trabalhos desenvolvidos sob o enfoque variacionista-funcionalista, como o de Mollica & Mattos (1990), sobre a queda do *d* em vocábulos que terminam em *ndo*, o de Braga & Mollica (1985), sobre as marcas segmentais e supra-segmentais que possivelmente se intercalam entre o sujeito e o predicado e o de Votre & Naro (1991), sobre a posição do sujeito.

Ainda na vertente funcionalista, foi Givón (1990) quem tratou do sub-princípio da *quantidade*, um dos três que integram o princípio de iconicidade, e sugeriu as causas que provavelmente se relacionam à dimensão das palavras. As máximas desse princípio, resumidas a seguir, deixam claro que a extensão dos constituintes está relacionada à quantidade de informação a ser transmitida, ao grau de previsibilidade e novidade, além da importância discursiva dos referentes desses constituintes.

- a) *quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida ao interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada na codificação morfossintática dessa informação;*
- b) *quanto mais imprevisível (mais nova) for a informação para o interlocutor, tanto maior será a quantidade de forma a ser utilizada;*
- c) *quanto mais previsível (mais pressuposta, mais disponível) for a informação para o interlocutor, menor será a quantidade de forma a ser utilizada;*
- d) *quanto mais importante for a informação em termos da continuidade temática ou discursiva, maior será a quantidade da forma requerida para codificá-la.*

Em se tratando de sentenças clivadas, a investigação desse parâmetro não é novidade. Trabalhos como os de Prince (1978), Geluykens (1988) e Braga (1991) já atestaram sua importância. Braga procurou evidenciar que a dimensão dos constituintes focais pode ser fator explicativo para o uso de formas alternantes de clivagem. A autora decidiu ‘medir’ o número de sílabas do constituinte focal, diferente de Prince e Geluykens,

que trabalharam com a média de palavras desse constituinte. À semelhança do que faz Braga, optei por contar as sílabas e distribuí os dados em três fatores, que exemplifico abaixo:

a) *constituíntes curtos*: menos de cinco sílabas

- (111) *Certas Palavras*: E como é que vocês trilham o mesmo caminho, artes gráficas, ilustração, caricatura, essa coisa toda?

Ziraldó: *Isso o Zélio é que pode responder*, porque ele é que veio atrás, nasceu depois de mim. (*Certas Palavras*: Zélio e Ziraldó Alves Pinto, p. 293)

b) *constituíntes médios*: de seis a dez sílabas

- (112) Ricardo Semler: Com a redução da guerra no Afeganistão, mesmo na Líbia, Angola, Nicarágua etc., essa coisa toda acabando, existe uma tendência de que os anos 90 tenham um desenvolvimento econômico, ou pelo menos comercial, muito grande - e o Brasil está fora dessa rota, não é considerado hoje um país sério para se investir. Por outro lado, *o que o Brasil teria, teoricamente, de interessante, é a mão-de-obra barata*, mas nessa área também não consegue concorrer com a Índia ou o Paquistão, que têm 200, 300, 400 milhões de pessoas em condições de miséria igual ou até maior que a do Nordeste. (*Certas Palavras*: Celso Furtado, p. 50)

c) *constituíntes longos*: onze sílabas ou mais (são os SNs complexos e orações)

- (113) Décio: O caminho percorrido. Já não é de hoje, há 10 ou 12 anos o Augusto, em várias apresentações, tirava um pouco de sarro dessa coisa de poesia concreta, tirava um pouco de sarro da gente mesmo, dando uma, assim, por cima. *E o que se vê hoje é que, de modo um pouco surpreendente, esse trabalho nosso prosseguiu durante décadas*. (*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 359)

5.3.0 Sincronia

Semelhante ao procedimento adotado nas seções anteriores, início examinando o material sincrônico. O resultado obtido aparece na tabela 10.

Tabela 10: Dimensão do constituinte focal das clivadas do *corpus* sincrônico

	CLIV		É QUE		PC		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
curto	49/69	71	36/46	78	18/82	22	103/197	52
longo	05/69	07	05/46	11	47/82	57	57/197	29
médio	15/69	22	05/46	11	17/82	21	37/197	18

À primeira vista os resultados revelam que o constituinte focal pode ser curto, médio ou longo e se correlacionar com quase todas variantes clivadas. No entanto, há maior número de constituintes focais curtos (52%). Em confirmação aos resultados de Braga (1991), a análise quantitativa mostra que há uma tendência em CLIVs e É QUEs serem mais usadas na focalização de constituintes menos extensos, enquanto as PCs invertem essa tendência e se mostram mais compatíveis com focalização de constituintes longos. Não mencionei na tabela as ocorrências de SER e QUE porque as células são pequenas e não confiáveis. De qualquer modo, os poucos exemplos sugerem que SER se correlaciona mais com a focalização de constituintes longos; contrariamente, QUE se correlaciona com constituintes curtos. Em outras palavras, a tendência geral é constituintes menores à esquerda, focalizados por CLIV, É QUE ou QUE, e maiores à direita, focalizados por PCs e SER.

A variável *status* informacional ajuda a explicar esses resultados. A tabulação cruzada entre as variáveis *status* informacional e dimensão do constituinte focal mostrou que os constituintes focais evocados são geralmente curtos, enquanto os novos são geralmente médios ou longos, conforme a tabela 11. O subprincípio da quantidade, referido acima explica perfeitamente essa situação: lembre-se que quando mais nova for a informação para o interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada. Em contraste, quanto mais previsível for a informação para o interlocutor, menor será a quantidade de forma utilizada.

Tabela 11: **Tabulação cruzada - status informacional vs dimensão**

		Curto	Médio	Longo	Total
<i>Evocado</i>	CLIV	45 (53%)	08 (57%)	03 (33%)	56 (52%)
	É QUE	32 (38%)	02 (14%)	02 (22%)	36 (33%)
	PC	05 (06%)	04 (28%)	04 (44%)	13 (12%)
	SER	0	0	0	0
	QUE	02 (02%)	0	0	02 (02%)
	total	84 (100%)	14 (100%)	09 (100%)	107 (100%)
<i>Novo</i>	CLIV	03 (16%)	07 (33%)	02 (04%)	12 (13%)
	É QUE	03 (15%)	02 (09%)	02 (04%)	07 (08%)
	PC	13 (68%)	12 (57%)	42 (88%)	67 (76%)
	SER	0	0	02 (04%)	02 (02%)
	QUE	0	0	0	0
	total	19 (100%)	21 (100%)	48 (100%)	88 (100%)

Levando-se em conta a tabela acima e os resultados para a função sintática, as correlações que podem ser inferidas são as seguintes: os sujeitos, se curtos e evocados, são geralmente focalizados por CLIVs, É QUEs e QUEs, mas se longos e novos, são focalizados por PCs. Os objetos, se curtos e evocados, são focalizados na maioria das vezes por CLIVs, mas se longos e novos, as PCs e SER são a opção mais usual. Essas correlações confirmam não só os resultados de Braga (1989), mas também os de Prince (1978) e Geluykens (1988). Dessa forma, a variável ‘dimensão do elemento focal’ parece um traço muito importante para o entendimento das sentenças clivadas, independentemente da língua estudada e do tipo de material analisado.

As construções em que focos longos estão em CLIV e É QUE não são frequentes no português. Nesses casos, os constituintes focais longos são realizados por meio de SNs complexos ou orações. Observe o exemplo (114) em que há uma CLIV com foco longo, e, particularmente nessa sentença, há material explicativo inserido no interior da ‘área’ focal (o material delimitado pelos travessões).

- (114) Evidentemente não cabe ao Banco Mundial ditar uma política no Brasil, mas cabe a ele, que não é propriamente um banco privado - é um banco multilateral, dirigido inclusive pelo governo brasileiro, que lá está presente, digamos, com certo eufemismo, pois sabemos quem manda lá -, exercer um certo direito de observação, de crítica em assuntos colaterais mas relacionados a seus empréstimos. É a pressão dos grandes movimentos de opinião no exterior - tenho visto o Brasil

ser apresentado como um país irresponsável pela destruição que está fazendo na Amazônia - que está na base de tudo isso. (*Certas Palavras*: Celso Furtado, p. 45)

O exemplo (115) é peculiar, pois uma CLIV que parece ter um foco longo, na verdade, apresenta três focos.

- (115) Por exemplo, seria impossível Picasso não pintar como Picasso, ainda que ele percorresse diversos modos de expressão, diversas formas - e ele foi genial em todas elas -, mas em todas manteve indiscutivelmente um traço picassiano. É essa tensão, a sensibilidade, a emoção desse traço que é ímpar. É isso um pouco que a poesia procura. (*Certas Palavras*: Antônio Fernando de Franceschi, p. 34)

Nesse exemplo, é evidente que os constituintes *essa tensão, a sensibilidade e a emoção desse traço* são três focos que poderiam determinar sentenças distintas. Essa possibilidade é ainda mais aceitável quando se atenta para a parte não-focal - *é ímpar* - que aparece no singular. Em ocorrências desse tipo, na quantificação, fiz a decomposição da sentença em outras três e analisei separadamente cada elemento focal. Esse exemplo serve para mostrar ainda que as sentenças clivadas podem se envolver em um outro tipo de relação proposicional, mencionado por Mann & Thompson (1986), que é denominado **elaboração**. Essa relação textual é inferida quando uma parte do texto elabora ou especifica idéias conduzidas em outra parte. Segundo os citados autores, a elaboração é comum em textos descritivos, e uma das formas de reconhecê-la é pensar em termos de ‘todo-parte’. Este parece ser o caso do exemplo (115) acima, em que o *traço picassiano* (o todo) é constituído por *essa tensão, a sensibilidade, a emoção* (as partes). Além disso, a sentença clivada que aparece no final - *É isso um pouco que a poesia procura* - funciona como sumário do que foi veiculado antes.

5.3.1 Diacronia

Quanto aos dados do século XIII ao XVIII, observo que as variantes clivadas têm, na posição de foco, constituintes de variadas dimensões. Nas PCs, por exemplo, geralmente o constituinte focal é longo, mas há também alguns casos com médios e curtos, como mostram os exemplos (116) e (117). As É QUE e CLIVs aparecem mais com focos curtos e médios, mas os longos também são possíveis, como em (118) e (119).

- (116) *O que mays fe deue fentir neftas defattençoens dos que tem officio de responder, faõ os danos publicos, que dellas fe feguem.* (Séc. XVII - *Serman da Dominga*, p. 545)
- (116') *O que mais se deve sentir nessas desatenções dos que têm officio de responder, são os danos públicos, que delas se seguem.*
- (117) *O que hoje nos poem diâte dos olhos o Evangelho, fão dez Virgens, finco nefcias, & finco prudentes: & ifto he o que dizem as palavras, que produz.* (Séc. XVII - *Serman de Santa Theresa*, p. 252)
- (118) *...e todos são mais capazes do que eu, as esperanças e promessas de que este meu destino não duraria mais que três anos é que moderam o meu sofrimento.* (Séc. XVIII - *Cartas*, p.92).
- (119) Sacatrapo: Ai, minha cabeça, que a tenho por esses ares!
Arpia: *É para ver se hás-de fazer queixa a Medeia, que te furtei o anel.* (Séc. XVIII - *Os encantos de Medéia*, Vol II, p. 34)

Os dados dos séculos XIX e XX são similares àqueles da sub-seção anterior, de forma que CLIV, É QUE e QUE tendem a focalizar mais usualmente constituintes curtos, ao passo que as PCs e SER, constituintes médios e longos. Observe a tabela a seguir, a qual traz os dados dos séculos XIX e XX.

Tabela 12: Dimensão do constituinte focal das clivadas do *corpus* diacrônico

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
curto	106/153	69	114/139	82	25/113	22	06/11	54	12/14	86	263/430	61
longo	14/153	09	09/139	06	66/113	58	03/11	27	0	0	92/430	21
médio	33/153	21	16/139	11	22/113	19	02/11	18	02/14	14	75/430	17

A análise cruzada com *status* informacional e função sintática revela-se semelhante ao que acontece no *Certas Palavras*. Os sujeitos curtos, médios e evocados são realçados por todas as alternantes clivadas, mas se eles são longos e novos, a PC é a mais usada. Em (120) um constituinte sujeito, evocado e curto é focalizado por CLIV, e, em (121), um longo é focalizado por PC. Da mesma forma, os objetos curtos e evocados se correlacionam

mais com CLIVs ou *É QUE*, conforme (122), mas os médios ou longos e novos, se correlacionam somente com PC, conforme (123).

- (120) É de você que tenho recebido, depois das minhas duas tentativas d'arte, as cartas mais animadoras e mais recompensadoras. *É você, como o nosso grande e bello Ramalho, quem mais me tem empurrado p'ra diante.* (Eça de Queiroz - *Correspondência*, p. 41)
- (121) Beata: - Não sou santa. Mas escuto a voz dos santos. Santo, só Deus no céu e meu Padrinho no Juazeiro.
Tenente: - Mas *o que corre por aí é que a senhora faz tantos milagres como o Padre*. Adivinhou que um homem ia morrer de repente; depois devolveu os olhos a um menino cego de nascença... (Raquel de Queiroz - *A Beata Maria do Egito*, p. 23)
- (122) O caso é simples, é pegar o quadro, tomar um automóvel, levá-lo ao Expresso Paulista que se encarregará de encaixotá-lo e mandá-lo até minha casa, com despesas a pagar aqui. *Isto é que peço a você fazer...* (Mário de Andrade - *Cartas a Murilo Miranda*, p. 88)
- (123) Meu caro Nabuco. / Escrevo esta carta prestes a sair da Côrte por uns dois meses, a fim de restaurar as forças perdidas no trabalho extraordinário que tive em 1880 e 1881. / A carta é pequena e tem um objeto especial. talvez V. já saiba que morreu a senhora do Arsênio. *O que não sabe, mas pode imaginar, é o estado a que ficou reduzida aquela môça tão bonita*. Nunca supus que a veria morrer. / (Machado de Assis - *Epistolário* - a J. Nabuco, p. 1036).

5.3.2 Aquisição de Linguagem

No português xinguano, conforme a tabela 13 a seguir, 90% de todas as ocorrências se relacionam com a focalização de constituintes curtos, os mais frequentes em todos os tipos de clivagem. Menos numerosos são os constituintes médios (07%), que também são realçados por todas as variantes, sendo que as SER (17%) e as PCs (11%) se mostram as mais utilizadas. Os constituintes longos são poucos focalizados e as PCs (14%) parecem as preferidas para essa função, o que vem reiterando as observações feitas antes.

Tabela 13: Dimensão do constituinte focal das clivadas do *corpus* de L2

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
curto	72/75	96	26/30	87	47/63	75	19/23	83	90/92	98	254/283	90
médio	03/75	04	03/30	10	07/63	11	04/23	17	02/92	02	19/283	07
longo	0	0	01/30	03	09/63	14	0	0	0	0	10/283	03

Em (124), o elemento focalizado pela QUE é sujeito, curto e evocado. Em (125) e (126), os elementos focais das PCs são sujeitos, respectivamente, médio e longo, sendo que o primeiro é evocado e o segundo é novo. Em (127), o elemento focal da CLIV tem função de objeto, é curto e evocado.

(124) K: é. Ele tem empregada aí. Pra faze pra ele.

E: Quem?

K: Rapaz que vive(?) aí. Você não vê que ele trouxe pente pra ele?

E: Eu pensei que fosse oitara. É empregado seu?

K: é empregado. *Ele qui tá fazendo a cesta.* (L2, Kot124)

(125) E: Ela te ensinou português?

I: é. Ela deu uma aula aí pra gente. Ela e Charlotte, né. Um dia aí na cozinha. A gente sempre procurando alguém pra ensina um pouco, né. A gente nunca teve assim alguém que fosse ensina a gente a lê e escreve. *Quem ensino pouco a gente foi Charlotte e Rute.* As duas que foi bom pessoa pra gente aqui. (L2, Kok25)

(126) E: E o jogo com o Xavante, como é que foi?

I: O jogo do Xavante, bom, num joguei não. *Quem jogo foi Takara i Joy, Kanutari, menino.* (L2, Sap02)

(127) E: Mas quem tinha feito fotografia?

A: Num sei. Isso aí ninguém sabe. Então, ele fico assim: "Puxa, então caraíba faz tudo assim fotografia: Que eles tira fotografia aqui, depois sai pra fora e vende pras caraíba". Aí ele falo: "Puxa, é *isso que eles tão fazendo com a gente*". (L2, Ari2)

Na amostra de L1, assim como em L2, a maioria das ocorrências apresenta o constituinte focal curto. Esse resultado parece consequência da classe gramatical do foco e do *status* evocado do mesmo. Lembre que os dados mostraram que as crianças focalizam mais pronomes pessoais. Parece natural que a criança em fase de aquisição de uma língua focalize preferencialmente elementos curtos, uma vez que constituintes longos poderia demandar um custo elevado de memória para seu processamento.

Houve apenas três casos de focalização de constituintes médios, correlacionados à CLIV e SER. O exemplo em (128) mostra uma sentença do tipo SER com foco de dimensão média. Admito que o exemplo não é dos melhores, já que o *é* pode ter sido hesitação. Nesse material não encontrei clivadas com constituintes focais longos.

(128) *Então um dia eu voo é na casa da Fausta brinca com a...*(L1, RA:4;0.18)

5.3.3 Sumário

Independentemente da amostra em análise, o critério “dimensão” do constituinte focal ajuda a explicar as opções de uso entre as alternantes clivadas. Em linhas gerais, se o foco é curto todas as alternantes são possíveis, no entanto, se ele é longo, privilegia-se o uso da PC. A dimensão, por sua vez, parece consequência do *status* informacional, ou seja, constituintes evocados necessitam de menos material lingüístico para sua codificação e geralmente se correlacionam com a posição inicial na sentença; já os novos, necessitam de mais material e se correlacionam com a posição final na sentença. Nos dados de aquisição de linguagem há pouca incidência de focos longos o que pode estar relacionado ao custo de processamento.

5.4 Contraste

Assim como a relação dado/novo, contraste é um outro assunto bastante discutido na literatura linguística, porém nem sempre com a clareza necessária. As discussões que me parecem mais proveitosas e que colaboraram para minha reflexão são as de Chafe (1976, 1994), Silva-Corvalán (1983), Dik (1989), van Dijk (1977) e Taglicht (1984), as quais exponho de forma simplificada nos próximos parágrafos.

Para Chafe (1976), contrastar é selecionar um elemento correto para um determinado papel, em oposição a outros candidatos possíveis. Assim, o que uma sentença como *Rónald fez os hambúrgueres* transmite é que *Rónald* é a seleção certa para o papel de fazer os hambúrgueres, opondo-se a outros concorrentes que possivelmente estejam na mente do interlocutor. O autor postula que são três os fatores envolvidos no estabelecimento de contraste em uma sentença. O primeiro diz respeito ao conhecimento que deve ser compartilhado por falante e ouvinte de que alguém fez uma ação, para o exemplo acima o conhecimento de que alguém fez hambúrgueres. Parece óbvio que esse primeiro fator deve ser ampliado, já que o **foco de contraste** não se restringe ao agente. O segundo fator se relaciona ao grupo de candidatos possíveis na mente do ouvinte: quanto mais limitado for esse grupo, maior será a possibilidade de se estabelecer contraste. Se o número for muito grande a sentença não consegue ser contrastiva. Finalmente, o terceiro fator se resume à afirmação de que o candidato correto é único e constitui o foco de contraste.

O referente contrastivo geralmente é expresso por meio de acento primário. Por isso, frequentemente se associa informação contrastiva com informação nova, que comumente é mais enfática. Segundo Chafe (1976) a informação contrastiva não precisa ser necessariamente nova. Ele ressalta que o que é comunicado por uma sentença contrastiva é que um certo item focal, mais preferivelmente que um outro possível, é o correto, mas que não pode ser considerado como informação nova no sentido de ser o referente novo introduzido na consciência do destinatário.

Quando da discussão do *status* informacional (5.1), foi dito que um referente evocado tende a ser codificado com um acento fraco e por meio de um pronome ou

sintagma nominal. Contudo, em situação de contraste, os referentes dados recebem acento primário e ganham uma proeminência que excede o normal.

Mais recentemente, Chafe (1994) reitera seu ponto de vista de que o tipo de informação não é relevante para sentenças contrastivas, afirmando que o contraste é independente do custo de ativação, ou seja, o referente contrastado pode ser dado, acessível ou novo. Ele afirma também que palavras de qualquer tipo podem ser contrastivamente acentuadas: sintagmas nominais plenos, advérbios, modificadores, pronomes pessoais, preposições etc, e até partes de palavras como em *I said morpheme, not morphine* (p. 77).

Os recursos de que os falantes dispõem para contrastar são as sentenças clivadas e pseudo-clivadas, a ordenação dos constituintes na sentença e a entoação (Chafe (1976) e Silva-Corvalán (1983)).

A proposta de Dik (1989), mencionada no Capítulo 02, estabelece dois tipos de contraste: o **paralelo** e o **contrapressuposicional**. Os critérios que os explicam parecem de ordem diversa. O contraste paralelo (critério formal) diz respeito ao paralelismo estrutural que pode existir entre pares de elementos opostos que geralmente se encontram em orações distintas. No caso das clivadas, um dos elementos do par de opostos é o C¹. Em (129) há um exemplo de construção paralela, em que os elementos *literatura* e *vida* desempenham a mesma função sintática, em orações diferentes, e estão numa relação de oposição: o primeiro é negado e o segundo (o elemento focal da clivada) é afirmado.

(129) João Antonio: Acho que o escritor deve ser engajado principalmente com a vida. Eu parto de um princípio que é de Balzac - e já era de Dostoiévski, já era da Bíblia. Quando interpelado por uma madame francesa sobre o que era a literatura, Balzac respondeu o seguinte: a LITERATURA não existe, minha senhora; o que existe é a VIDA, de que a literatura e a arte participam, ou melhor, de que a literatura, a arte e a própria política participam. (*Certas Palavras*: João Antonio, p. 168)

O segundo tipo de contraste (critério semântico-pragmático) diz respeito à quebra de expectativa, ao inesperado, ao contraditório. A interpretação desse tipo de contraste depende sempre da elaboração de inferências por parte do interlocutor. O contrapressuposicional é também discutido por van Dijk.

Segundo van Dijk (1977), sob uma visão mais contextual, o contraste pode ser indicado: i) pelo curso excepcional dos eventos, ou seja, quando um imprevisto contrasta com as expectativas normais, como, por exemplo, em *João adora patinar, contudo, ele quis*

permanecer em casa. Essas relações imprevistas ou contrastivas sobre os fatos são expressas em inglês pelos conectivos *but, though, although, yet, nevertheless, whereas* etc; ii) por estados e eventos inesperados ou indesejados: *Eu fui pescar, mas não peguei nada*. Em uma pescaria, pegar um peixe não é uma necessidade, mas uma possibilidade. O fato de não pegar o peixe está em contraste com os propósitos da ação. *Embora João seja inteligente, ele não é gentil*, nesse caso há contraste entre uma propriedade positiva e outra negativa; iii) para expressar a não satisfação de condições possíveis, prováveis ou necessárias: *João quer comprar um carro, mas não tem dinheiro; Eu queria aprender japonês, mas é muito difícil*.

Silva-Corvalán (1983) também fala em quebra de expectativa, mas a autora se restringe à análise de sentenças do tipo OV. Para ela, a quebra de expectativa pode ser codificada em um tipo de construção focal em que o objeto aparece em posição inicial na sentença e é interpretado como algo inesperado na situação em que ele ocorre. Essa construção tem um contorno entoacional associado a ela que, aliado à ordem dos constituintes, possibilita uma leitura de contraste.

A proposta de Taglicht (1984) é **entoacional e contextual**. Para ele, um elemento é contrastivo quando apresentado como um de um par de opostos. A noção de oposição, conceito pragmático-textual, está relacionada ora com termos opostos na estrutura semântica, por exemplo, *quente vs frio, vivo vs morto*, ora com a expressão de itens sintaticamente paralelos. Como exemplo de paralelo veja (129), citado antes, e (130), que apresento a seguir:

- (130) Goffredo: E nós não queremos A DITADURA, evidentemente; o que queremos é UM REGIME DEMOCRÁTICO, e um regime democrático tem certos princípios que não mudam muito. (*Certas Palavras*: Dalmo Dallari e Goffredo da Silva Telles Jr., p. 77)

A oposição, diz Taglicht, pode ser **primária** ou **secundária**. Na primária, os elementos são opostos uns aos outros em virtude de seu próprio significado no contexto de uso; é o caso de *positivo vs negativo, quente vs frio*. Na secundária, os elementos são opostos uns aos outros em razão de sua relação com os opostos primários, como, por exemplo (131),

- (131) Bresser: Agora, por exemplo, estavam me dizendo que os recursos disponíveis do Banco Mundial e do FMI para o Brasil são algo em torno de 1 bilhão de dólares, para executar o Plano Brady. Isso é ridículo. Então realmente é uma solução firme da parte deles. *Mas NÓS é que temos que resolver isso, não ELES.* (*Certas Palavras*: Luiz. C. Bresser Pereira, p. 202)

em que *Nós* e *eles*, opostos secundários, estão em contraste em razão da relação com os opostos primários positivo/negativo, representados por *ter que resolver isso* vs. *não ter que resolver isso*.

Taglicht sustenta também que a relação contrastiva pode ser **explícita** ou **implícita**. Quando explícita, ambos os membros do par de opostos estão presentes (cf. 129, 130 e 132); por outro lado, quando implícita, somente um elemento do par de opostos está presente (cf. 133). Segundo o autor, a forma da expressão transmite a implicação de que alguma coisa não dita estaria contida no outro membro do par. O autor reconhece que muitas vezes é difícil determinar se o contraste implícito está presente ou não.

- (132) *Certas Palavras*:...Por isso é que ela é essencialmente uma pensadora....
 Celso: Com efeito, ela pensou pela própria cabeça, e por isso é tão interessante. Mas voltando ao Brasil, acho que o PT, ao contrário, por exemplo, do PDT, tem **UMA REFLEXÃO RAZOAVELMENTE MODERNA E INTERESSANTE SOBRE A PRÓPRIA SOCIEDADE, SOBRE O TEMA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE. O que o PT não tem até agora, tanto quanto eu posso julgar, é **UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO ESTADO.** (*Certas Palavras*: Celso Lafer, p. 72)**
- (133) Augusto: O representante da posição modernista, de linha mais conservadora do modernismo, era, àquela altura, o Sérgio Milliet, que foi o padrinho da revista *Clima* dos "chato-boys", que de certa forma se opuseram desde o início, estabelecendo uma relação de oposição com o Oswald na medida em que representavam o correspondente crítico, o correspondente na linha crítica da geração de 45.
 Décio: Contraditoriamente, **foi o Sérgio Milliet quem me lançou...**
 Augusto: Sim, ele lançou uma exposição geral e o teu poema entrou aí...(*Certas Palavras*: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, p. 328)

Em (132), os opostos explícitos são *uma reflexão razoavelmente moderna da sociedade* e *uma reflexão sobre o papel do estado*. Em (133), é a clivagem que sugere um contraste entre *Sérgio Milliet* e outros indivíduos possíveis, por exemplo, *Oswald*, *Mário de Andrade*, *Manuel Bandeira* etc, que não são explicitados. Certamente, nesses casos, é difícil saber se há mesmo contraste, já que não conhecemos as intenções do falante, não sabemos

se ele quis contrastar ou não. De qualquer forma, a **possibilidade** de contraste é evidente em razão da estrutura da clivagem.

Como última caracterização, Taglicht comenta, de uma forma não muito clara, que a contrastividade pode ser **bilateral** ou **unilateral**. Quando A é contrastivo com B e vice-versa o contraste é bilateral. Tanto os opostos primários, como os secundários podem ser bilaterais. Se o contraste é unilateral, um dos elementos do par de opostos é ‘dado’, por exemplo, *You know him # / ! I don't #*. Neste caso, os opostos secundários *you* e *I* são bilaterais, enquanto os opostos primários *negativo* vs *positivo* são unilaterais.

5.4.0 Sincronia

Feita essa discussão, passo a análise das sentenças clivadas do *corpus* sincrônico. Optei por verificar se os dois elementos do par de opostos estavam presentes, e, para isso, classifiquei as sentenças conforme o contraste explícito ou implícito³⁸, conforme Taglicht (1984). Na maior parte dos casos (81%), o contraste é implícito e, de todas as variantes clivadas, a PC é a que parece favorecer mais o contraste explícito, como se verifica na tabela 14 abaixo.

Tabela 14: **Contraste vs sentença clivada no corpus sincrônico**

	CLIV		É QUE		PC		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
implícito	60/69	87	37/46	80	63/82	77	160/197	81
explícito	09/69	13	09/46	20	19/82	23	37/197	19

Algumas vezes, independentemente do contraste ser explícito ou não, há algum tipo de marca formal que contribui para o fortalecimento da leitura contrastiva. A marca mais comum é a construção paralela, que é quase sempre acompanhada pela oposição negativo/positivo. Além do paralelismo, há exemplos com o advérbio restritivo *só*, com advérbios focalizadores do tipo *especialmente*, *precisamente*, *exatamente*, etc, e com o

³⁸ A análise é feita em nível discursivo. Considero o contraste veiculado pela sentença clivada em relação às porções textuais anteriores e posteriores a ela.

advérbio *não*, que, quando nega o foco, automaticamente sugere outras alternativas para aquela função, ainda que estas não estejam evidentes. Veja os respectivos exemplos.

Construção Paralela: em (134), além da polaridade entre *existe* e *não-existe*, as expressões *uma solução geral para a crise universitária* e *a necessidade de definirmos as forças reais que a cruzam* se opõem. Nos dados investigados, as PCs e É QUES são as variantes clivadas que mais se relacionam com paralelismo.

- (134) Giannotti: NÃO EXISTE, hoje, eu acredito, UMA SOLUÇÃO GERAL PARA A CRISE UNIVERSITÁRIA. O que EXISTE, isso sim, é a necessidade de definirmos as forças reais que a cruzam. Eu diria que são pelo menos quatro forças. (*Certas Palavras*: José Arthur Giannotti, p. 185)

Há construções clivadas que mostram um paralelismo mais frouxo. Um exemplo é (135), em que um conjunto de elementos (*português, grego pobre e italiano*) se opõe a *brasileiro*, em função do *come muito* vs. *morre de fome*. O paralelismo seria mais forte se a oposição envolvesse *come muito* vs. *come pouco, morre de fome* vs. *não morre de fome*.

- (135) Darcy: Então, cada sociedade humana, mesmo atrasada, como Portugal ou a Grécia, existe para preencher as condições de vida da sua população. PORTUGUÊS come muito, GREGO POBRE come muito, ITALIANO come muito; quem morre de fome é BRASILEIRO. (*Certas Palavras*: Darcy Ribeiro, p. 86)

Marca restritiva só: em (136) o falante acentua que só ‘naquele momento’, ‘naquela situação’ (e não em outra) é que ele fez as observações sobre Julião. O *só* restringe uma opção e exclui as outras possíveis.

- (136) Agora, quanto ao Julião, eu me refiro a ele dessa forma porque ele dava no Nordeste uma versão um pouco ingênua - e foi a propósito de uma conversa que ele teve com Che Guevara que fiz essas observações. É só nesse momento que observo que Julião era um poeta, um homem de sensibilidade, etc., mas não era o que estava pensando Che Guevara, ou seja, um líder para levar adiante um grande movimento de massas, particularmente se envolvesse o uso da violência. (*Certas Palavras*: Celso Furtado, p. 61)

Advérbio focalizador: Há certos advérbios que exercem a função de focalização. Em meus dados sobressaem casos em que um elemento da sentença é focalizado simultaneamente por duas estratégias: a clivagem e o advérbio. Existem advérbios focalizadores de diferentes tipos que se relacionam a diferentes efeitos de sentido (Ilari,

1996). Alguns advérbios, por exemplo, ‘delimitam’ o alcance da afirmação expressa pela oração (ib., p.211) e funcionam no discurso como um meio de contrastar. É o que parece ser o caso das sentenças destacadas em (137) e (138), em que os advérbios *precisamente* e *exatamente* ressaltam um segmento da oração, delimitando-o dentro de um universo do discurso, em exclusão às demais opções desse universo.

- (137) Hélio: Bem, como é normal em todas as disputas eleitorais, há certos conceitos atraentes e que são buscados pelos candidatos visando identificações favorecedoras do voto. Na verdade, *o que me alarma nas condições dos candidatos a presidente do Brasil é **PRECISAMENTE o fato de que há muito pouca modernidade***. Grande parte das propostas feitas a partir de formulações ideológicas da esquerda e da direita são obsoletas, como eu já disse aqui. (*Certas Palavras*: Hélio Jaguaribe, p. 142)
- (138) Paulo: “(...) Agora, se tu pifas eu largo o negócio, dou uma entrevista e digo que larguei porque tu pifastes, quer dizer, não vim aqui para fazer politicagem, vim para fazer *política* correta, séria”. Ele me abraçou e disse: “*Mas é **EXATAMENTE por isso que** eu estou no Ministério*”. (*Certas Palavras*: Paulo Freire, p. 269)

Negação: No exemplo (139), quando FHC afirma que não é a ambição de cargos que o move na política, fica subentendido que a causa é outra, daí a sugestão de contraste que resulta do uso do advérbio *não*.

- (139) FHC: Vou dizer uma coisa que às vezes digo e ninguém acredita que seja verdade: eu não tenho ambição de cargos. Se tivesse, teria ficado no PMDB e era líder do Senado, líder da maioria. *Não é isso que me move na política*, porque realmente o substrato intelectual está muito forte em mim. Há contradições, há dificuldade, e, como já falamos, a linguagem, hoje é outra. (*Certas Palavras*: Fernando Henrique Cardoso, p. 110)

Embora os números mostrem que na maior parte das ocorrências não podemos afirmar seguramente a presença de contraste - pois nas sentenças examinadas o contraste é geralmente implícito (com apenas um elemento do par de opostos) e, como visto, é difícil determinar se o contraste implícito está mesmo presente - acredito que **toda** sentença clivada, em razão de seu padrão entoacional e de seu caráter de identificação, **possibilite** uma leitura de contraste.

A tabulação cruzada entre categoria do elemento focal, *status* informacional e contraste mostrou, como já era esperado em razão dos trabalhos de Chafe (1994), Geluykens (1988) e Braga (1989), que o tipo de informação não interfere na expressão de

contraste, ou seja, as informações evocadas, inferíveis e novas podem ser contrastadas. Quanto à categoria, todas as palavras podem estar envolvidas em relações contrastivas.

Comentei no capítulo 02 que a análise de Braga (1989) mostrou que as alternantes clivadas *É QUE* e *SER* são as que se envolvem mais frequentemente em relações contrastivas. Meus resultados não permitem afirmar o mesmo.

5.4.1 Diacronia

Um dos critérios de que lancei mão para classificar as sentenças do português diacrônico como clivadas ou não-clivadas foi justamente a possível leitura de contraste. Para mim, volto a insistir, a inferência de contraste deriva do próprio tipo de construção que caracteriza a clivagem. A seguir discuto alguns dos exemplos encontrados.

- (140) Paffo fecreta tormenta,
q foo comyguo fe fente,
mas o que mays matormeta
he moftarme defcontente
de quem muyto me cõtenta. (Séc. XV - *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, p. 37)

- (140') Passo secreta tormenta/ que só comigo se sente/ mas o que mais me atormenta é mostrar-me descontente com quem muito me contenta

A sentença PC acima é do século XV. O poeta diz se sentir atormentado e o elemento *mais* funciona como indício de que há alguns motivos para isso, no entanto, ele só fala (seleciona) do 'maior', que é *mostrar-me descontente com quem muito me contenta*. Assim tem-se a relação contrastiva com outras opções que não foram mencionadas, mas que estão implícitas.

Na PC em (141), que é do século XVI, o contraste também é implícito. *Louvores ao Senhor* poderia contrastar com outras coisas (por exemplo, *críticas ao senhor*, *cartas à família*, *diários etc*) que não estão presentes no contexto.

- (141) *O que daqui, da mesma cidade, há que escrever hé, louvores ao Senhor*, andar a gente muy deferente do que era, porque nas condissõis e comungar se lhe acrecenta cada vez mais o fervor. (Séc. XVI- *Carta dos primeiros jesuítas do Brasil*, p. 450)

Ainda no século XVI, há uma outra PC que possibilita leitura contrastiva, mas curiosamente não é um contraste de exclusão, como nos casos anteriores. O exemplo está em (142). De um lado, temos a igreja que é bem composta, tem casas, pomar, parreira, etc; de outro, falta alguma coisa que faz com que essa igreja não seja tão bem feita e composta assim, ou seja, faltam ornamentos (o foco da PC). O que me chama atenção é que os fatores que contribuem para que a igreja seja bem feita e aqueles que não contribuem não se excluem mutuamente.

- (142) A igreja hé muyto bem feita e composta, con sua casas e pomar, com sua orta e laranjaes, sidreiras e limoeiros e parreiras, que já derão aqui huma vez huvas. *Assi que o que falta é o que o Padre mandou pedir, que são novos ornamentos que pera a igreja há mister, ao Pe. Mestre Simão.* (Séc. XVI - *Carta dos primeiros jesuítas do Brasil*, p. 246)

No exemplo em (143), que também é ocorrência do século XVI, há um exemplo de CLIV que permite a inferência de contraste. Essa sentença aparece com uma marca formal, o advérbio *não*, que sugere uma outra alternativa de escolha, mesmo que não explícita. No exemplo em questão, *Brísida* está na entrada da barca e assegura que não é aquela barca que ela deveria tomar. Ora, se não é a barca do inferno, conseqüentemente há de ser outra, a do purgatório, por exemplo.

- (143) Diabo: Que sabroso arrecadar!
 Brísida Vaz: *No é essa barca que eu cato.*
 Diabo: E trazês vós muito fato?
 Brísida: O que me convém levar. (Séc. XVI - *Auto da Barca do Inferno*, p. 106)³⁹

Em (144) apresento mais um exemplo de PC com contraste implícito. Nele o poeta afirma que em dado momento ele aprende a *ler livros de gíolhos* (=joelhos), e não qualquer outra coisa possível.

- (144) *Mas o que por ora aprendo
 é ler livros de gíolhos,
 divinos, que mal entendo;
 mas fossem dignos meus olhos
 de cegar sôbre eles lendo!* (Séc. XVI - *Obras Completas de Sá de Miranda*, p. 54)

³⁹ A sentença parece ambígua, e por isso aceita um leitura diferente da clivagem.

Foi no século XVII que encontrei a primeira É QUE contrastiva. Nesse exemplo, Padre Vieira contrasta *expor/pregar* e *ensinar/persuadir*:

(145) hua coufa he expor, & outra prégar: hua enfinar, & outra perfuadir. *E defta vltima he que eu fallo*, com a qual tanto fructo fizerão no mundo Santo Antonio de Padua, & S. Vicente Ferrer. (Séc. XVII - *Serman da Sexagesima*, p. 51)

(145') uma coisa é expor, e outra é pregar: uma ensinar, e outra persuadir. E desta última é que eu falo, com a qual tanto fruto fizeram no mundo Santo Antonio de Pádua e S. Vicente Ferrer.

Em (146), ocorrência do século XVIII, o contraste é implícito, mas o *só* funciona como um forte indicio de que a intenção do autor era mesmo contrastar *Sua Majestade* com qualquer outra pessoa daquele meio.

(146) ... eles têm feito um serviço tão distinto, trabalhando de manhã, e de tarde, não só a ensinar os soldados, mas até os oficiais, que *só Sua Majestade, é quem lhes pode verdadeiramente recompensar este trabalho*, eles se contentam com aquêles honrados sentimentos que deve ter um Oficial... (Séc. XVIII - *Cartas*, p. 31)

Agora passo a considerar as sentenças dos séculos XIX e XX. Classifiquei-as segundo a explicitude do par de opostos, e os resultados mostram que, à semelhança do material sincrônico, a grande maioria é de contraste implícito, conforme exemplifica (147). Veja a tabela 15.

Tabela 15: **Contraste vs sentença clivada no corpus diacrônico**

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
implícito	141/153	92	118/139	85	101/113	89	09/11	82	13/14	93	382/430	89
explícito	12/153	08	21/139	15	12/113	11	02/11	18	01/14	07	48/430	11

Em (147), Dante e Shakespeare, e não outros grandes escritores possíveis, é que rechearam suas obras de ideal. Observe que nesse caso os constituintes que fazem parte do foco se encontram separados, ambos são seguidos por uma relativa.

(147) DANTE, que era um bárbaro, e SHAKESPEARE, que era um selvagem, *é que* rechearam as suas obras de ideal. Victor Hugo também cáe muito nesse defeito. V. ex^a. é que o tem sempre evitado

cautelosamente, e por isso não é um bárbaro como Dante, nem selvagem como Shakespeare, nem um máo poeta como Victor Hugo. (*Cartas de Antero de Quental* - p. 55)

Nessa amostra, semelhante ao *Certas Palavras*, as construções paralelas se relacionam mais com as variantes É QUE e PC. No exemplo (148) o *tu*, elemento focal da É QUE, está em contraste explícito com o constituinte *D. Lili*, da sentença anterior. A polaridade nesse caso é positivo-negativo.

- (148) Parece-me que D. LILI tem muita confiança em mim. *Tu é que* não tens nenhuma. (Graciliano Ramos - *Cartas de Amor a Heloísa* - p. 48)

Cito ainda mais três exemplos.

- (149) Confesso, porém, que *NÃO foi o ESTUDO DE DIREITO que* me interessou e absorveu durante aqueles annos, tendo sido e ficando um insignificante legista. (*Cartas de Antero de Quental* - p. 02)
- (150) Lampião: Já lhe disse que não fale neles. Pensa que é fácil eu aturar o pensamento de que você já teve filho pelas obras de outro homem? Sinto mais ódio deles do que do pai. O PAI, você usou dele. *MAS OS FILHOS foi que* te usaram. (Raquel de Queiroz - *Lampião* - p. 35)
- (151) Diabo da Fonseca: - Declaro-vos amantes, até segunda ordem. (*Pardal roça os lábios na testa de Ivonete*) Meu filhos, na união de um homem e de uma mulher, *o que* interessa *NÃO é A CAMA*, *NÃO é O QUARTO*, *NÃO é A SALA* e *SIM O BANHEIRO*. 'O banheiro' disse eu e repito. (Nelson Rodrigues - *Teatro Quase Completo*, p. 86)

O exemplo (149) apresenta o foco sob escopo da negação, casos em que fica claro que há uma informação pressuposta que deve ser completada. Na sentença em questão, *há algo que interessou e absorveu o autor durante aqueles anos*, e se não foi *o estudo de direito*, foi alguma coisa que está em relação de contraste com o estudo de direito. No exemplo (150), o conectivo *mas* tem função de contraste e opõe as duas sentenças. O foco da É QUE, *os filhos*, contrasta explicitamente com o sintagma *o pai*. No exemplo (151), a sentença constitui um **enunciado enumerativo**, terminologia de Lars Fant (1984), em que os focos de contraste se apresentam em séries de três ou mais termos. Além disso, a sentença é um bom exemplo da **função corretiva**, também mencionada por Fant (e já citada na seção 5.2), que frequentemente aparece nos enunciados contrastivos.

5.4.2 Aquisição de Linguagem

No português de contato também houve maior incidência de contraste implícito em todas as alternantes clivadas. Veja os números na tabela 16.

Tabela 16: **Contraste vs sentenças clivadas no corpus de L2**

	CLIV		É QUE		PC		SER		QUE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
implícito	62/75	83	25/30	83	47/63	75	21/23	91	78/92	85	233/283	82
explícito	13/75	17	05/30	17	16/63	25	02/23	09	14/92	15	50/283	18

Quanto às marcas formais presentes na sentença contrastiva, a construção paralela foi a mais freqüente, e se correlacionou principalmente com o emprego de PCs. Em (152), há uma estrutura paralela, em que o par de opostos é explícito (*eu* vs. *aquele home*), e a polaridade dos elementos é evidenciada na negação do primeiro e afirmação do segundo. Em (153), há outro exemplo de construção paralela; nela *aqui* e *Jacaré* se opõem.

(152) E: Você tem flauta de Jakui?

I: *EU não tem não. Tem/ quem tem é AQUELE HOME.*

E: É o dono da festa?

I: É dono da festa. (L2, Tak20)

(153) I: Ai (Marica) veio chego aquele kamayura. Ai ele vem fala comigo: - Cunhado - ele fala meu cunhado, ele fala cunhado - *aqui num é bom luga não. Aqui campo longe pra (via....): Onde que tem bom luga é Jacaré.* - Onde que tem Jacaré? - Jacaré, a gente já passo. Lá tem lá num tem quase arvre. (L2, kan03)

O restritivo *só* apareceu em várias sentenças; (154) é um exemplo. É claro que o *só* pode ocorrer na contrapartida não-clivada e da mesma forma sugerir contraste, já que ele seleciona um candidato em exclusão a outros possíveis.

(154) E: Não, mas quem está quase igual a Aritana?

K: Quem tá quase bom? Bom...ninguém.

E: Ninguém?

K: Ninguém.

E: Ele ganha todo mundo?

K: *Só ele qui ganha di todo mundo.* (L2, Kot124)

Nessa amostra de fala, encontrei casos em que há conjunção de marcas formais, ou seja, construção paralela, negação e elemento restritivo, conforme os exemplos (155) e (156). Nos dois exemplos, à estrutura paralela é acrescida a oposição negativo/ positivo, destacada aqui pelo grifo.

- (155) K: Não, ele, eles filmaram quando eles chegaram da pescaria, né, qui passava no centro da aldeia, ai eles filmaram com peixe, carregando peixe.

E: Foi?

K: Foi. *Mas acho que ISSO AI não apareceu não. Só apareceu mesmo é **ARITANA**.* (L2, Kok25)

- (156) E: E que é que você faz o dia todo?

K: Eu, bom, faze as flechinha né, pra minino brinca, faze coca(r), tanta coisa né, qui eu faço.

E: Você não vai pescar?

K: Não, pesca não vai. Quem vai pesca é SÓ MEU PAI. (L2, Kot)

O contraste em (155) pode ser parafraseado assim: o falante disse que na filmagem não apareceram homens chegando da pescaria, carregando peixe e passando pelo centro da aldeia, mas só apareceu mesmo o Aritana; e aquele de (156), assim: o falante diz que ele não vai pescar, mas é só seu pai que vai.

Há ainda casos em que embora não haja marcas formais, o universo semântico em que alguns elementos focais estão inseridos é bastante restrito, e, conforme Chafe, quanto mais restrito o universo semântico, maior a possibilidade de contraste. Em outras palavras, parece haver um tipo de restrição contextual em que certas palavras e não outras são mais adequadas para ocupar determinadas posições. Assim, quando o foco é um mês do ano (cf. 157) ou dia da semana (cf. 158), temos seguramente uma quantidade restrita de elementos em oposição. Já em (159), *homem* só pode ser opor a *mulher* ou *criança*. Em (160), *yalapiti* tem maior possibilidade de contraste, uma vez que sabemos que há um número limitado de grupos étnicos na região do Alto Xingu. Da mesma forma, o número de falantes também é reduzido, o que explica (161).

- (157) E: Sumiu?

K: Até agora.

E: Não apareceu mais?

K: Não. Diz qui ele já morreu já, né.

E: Ih rapaz!

K: Vai pra três mese. Não, foi mese do abril qui ele desapareceu, até agora (L2, Kot124)

(158) E: Megaron veio com você?

K: Megaron vaio cum meu pai. Prime(i)ra viagem.

E: Ah, outra viagem.

K: A gente, outra viagem a gente veio. Migana veio prime(i)ro cum meu pai. Depois qui o avião vorto.

E: No mesmo dia?

K: Não, o avião saiu de lá traze meu pai foi 5ª fe(i)ra. A gente, avião volto foi sábado, pra cá. Então a gente aproveito pra vir. (L2, Kot124)⁴⁰

(159) E: E quando faz festa de Piki essas coisas, são elas que são as donas da festa.

I: Do Piki

E: É.

I: Piki já, não é home.

E: É homem?

I: É. Só mulhe que trabalha né.

E: Sei.

I: *Pra faze festa **home** que faz a festa*

E: Ah, homem que faz a festa. (L2, Pir)

(160) E: Ai então o Cláudio acho isso aqui e ai [o que] ele fez o posto?

I: Ai Cláudio acho isso, Aimakavuku. Ai fizeram o campo. Chamo o pessoal do meu cunhado, Yalapiti. Quem abriu esse campo foi Yalapiti. (L2, Sap77)

(161) "Tá bom, as coisa tá i, só que num tá bom" ele falo, né "as coisa que chego aqui eu coloquei lá no rancho". Lá um rapaiz, né...um índio, né, quem...quem trabalha lá Arirapu é Sucumin. (L2, Kot2)

No português das crianças de um a cinco anos, também há predomínio de contraste implícito e são poucas as ocorrências em que se verifica a presença de marcas formais. (162) e (163) são alguns dos poucos exemplos com contraste explícito. Em (162), o constituinte focal *você* se opõe a *eu* (= falante VE). Já em (163), estão em oposição os elementos *caixa* e *aqui*.

(162) M: tá dando um sono na mamãe...

⁴⁰ A observação de Ilari (comunicação pessoal) a respeito dos exemplos (157) e (158) é muito pertinente. Segundo ele, parece que as indicações sobre o tempo em que algo aconteceu são facilmente expressas com SER no português de contato. É possível que isso se deva à interferência da língua materna dos indígenas, e talvez nem mesmo se trate de clivadas.

VE: em (?) mim, não

M: cê não tá com sono, não?

VE: Olha, u papai já levantô

M: Onde é que ele vai?

VE: ele, ele já levanto agora só falta você levantá eu também....levantei *agora* **você** qui vai levantá

M: Pra fazê o que?

VE: ----

M: hum?

M: fazê o quê, levantá pra que?

VE: tá cum papai fica mais, mãe agora fica mais (L1, VE:3;02.22)

(163) M: é naquela caixa que guarda

M: vamo(s) pôr a filhinha no colo dela no colo da mamãe

M: olha!

M: e põe lá na caixa

R: vou pôr é **aquí**

M: não! (L1, RA:2;03.12)

Veja em (164) e (165) exemplos que apresentam a conjunção de marcas formais (construção paralela + *só*), que fortalece a leitura de contraste.

(164) Ra: o o e o Tavico acordou?

P: acordou

R: e o Tavico e o e o e o Gustavo?

P: você sabe o caminho pra ir até lá?

R: EU não sei

R: *só a Daniela* que sabe

P: quem que sabe?

R: a Daniela (L1, RA: 3;00.07)

(165) M: Você de bruxa, né?

VE: Eu de bruxa.

M: A cris?

VE: De bruxa também, tudo mundo vai ser de bruxa. Ah **só mulher** que vai ser de bruxa, *homem vai ser de, de batman*. Tá bom mãe?

M: Está bom. (L1, VE: 4;00,28)

O diálogo em (166) é um exemplo interessante de contraste e também exemplifica uma estratégia comum nos processos de aquisição que é a imitação da fala do adulto pela criança.

- (166) P: E daí, que que houve?
 VE: -
 P: Você chorou?
 VE: chorô
 P: chorou?
 VE: Não quem chorô é **papai**
 P: Por que?
 VE: puque sim. (L1, VE: 3,05.13)

Lemos (mimeo) chama a atenção para a dependência dialógica exibida pela fala da criança mesmo em períodos mais avançados de seu desenvolvimento linguístico. A autora chama de **especularidade** o processo recíproco que se inicia no adulto, com a repetição e formalização dos primeiros sons produzidos pela criança, e que depois passa a ser realizado pela própria criança, que começa a refletir ou espelhar a forma produzida pelo adulto. Veja que em (166) a resposta de VE para a pergunta *Você chorou?* foi *chorô* (a repetição da pergunta) e não *chorei*, que seria a forma mais esperada. A seguir VE nega essa informação e a corrige fazendo uso de uma pseudo-clivada.

Esse processo de recíproco espelhamento é bastante óbvio no exemplo (167):

- (167) M: É esse que está faltando uma peça?
 VE: Esse, é **esse que** está faltando uma peça.

Foi observando casos como esses dois últimos acima que percebi que às vezes o uso de uma clivada, pela criança, parece condicionado por outra clivada realizada imediatamente antes, pelo adulto. Além de (167), verifiquei ocorrências em que o interlocutor se utiliza de uma CLIV e a seguir o falante se utiliza de uma QUE, conforme os exemplos abaixo. Esses exemplos sugerem que a alta frequência da construção QUE nesse material esteja correlacionado a um processo de “simplificação”, uma vez que a QUE estruturalmente é mais simples que a CLIV e funcionalmente é semelhante, ou seja, funciona bem como focalizadora de sujeito evocado.

- (168) A: Por que você escondeu embaixo da minha saia, hem?
 VE: Porque eu quíria
 A: Que menina feia!
 A: seguro
 VE: eu seguro
 A: seguro

VE: Que menina feia!

A: Não sou feia não, viu? É você que é feia.

VE: **Você qui é feia!** **Você qui é feia!** Você!

A: você (L1, VE:3;07.25)

(169) M: Não, esse anel é meu, foi papai que me deu

VE: eu que di

M: Você que deu?

VE: É. Eu qui, qui acei na gaveta do papai

M: Você que deu o que?

VE: Eu qui di, acei na gaveta do papai (L1, VE:3;08.14)

(170) M: Quem que está dormindo? Verônica.

VE: Ele, **o meu pai que** está dando o moço pra mo, que, que chama, como chama isso mãe? mãe?

M: Isso o que? Espera aí que você está vendo a fotografia de cabeça pra baixo. (L1, VE:4;00,06)

5.4.3 Sumário

Nesta parte do trabalho investiguei a correlação entre sentença clivada e a codificação de contraste. Trabalhei com a hipótese de que todas as clivadas, em razão da proeminência prosódica e do caráter identificador do elemento focal, possibilitam uma leitura contrastiva. Constatei que essa leitura contrastiva pode ser reforçada pela presença de marcas formais, como construções paralelas e alguns advérbios. Mostrei por meio dos exemplos do português diacrônico que a possibilidade de contraste sugerida pela clivagem podia ser observada mesmo nas ocorrências mais antigas. Levei em conta também o universo semântico em que o referente focalizado estava inserido, e atribui maior possibilidade de contraste para aqueles referentes cujo universo semântico é mais restrito. A variável *contraste* é independente do *status* informacional.

Agora passo a examinar a proposta de Givón (1979), que sustenta, em certo sentido, uma inter-relação entre diacronia e aquisição. Dessa forma, justifico o estudo das clivadas na aquisição de linguagem.

Numa posição marcadamente funcionalista, Givón (1979) defende que a sintaxe não é um nível autônomo, mas sim uma organização estrutural funcionalmente motivada pelo discurso. Para ele, a pragmática discursiva tem um papel crucial, pois, é a partir da *condensação* ou *gramaticalização* de estruturas discursivas, que por natureza são mais frouxas ou paratáticas, que surgem as estruturas sintáticas. Assim, Givón sugere que a aquisição de uma função comunicativa é anterior à sintaticização daquela função ou aquisição da estrutura. Num processo de desenvolvimento que lembra ondas cíclicas, conforme o esboço abaixo, as estruturas sintáticas da linguagem com o tempo podem se desgastar em consequência de processos de morfologização e lexicalização.

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

Diante disso, Givón distingue dois pólos extremos do modo comunicativo. O primeiro, *o modo pragmático de comunicação*, é considerado nossa forma embrionária de comunicação, pode permanecer conosco por toda a vida e dá lugar ao segundo, *o modo sintático de comunicação*. Esses dois modos de comunicação podem ser caracterizados de acordo com suas propriedades estruturais, que são as seguintes:

Modo Pragmático

1. estrutura tópico-comentário
2. conjunção frouxa
3. grau lento de elocução
4. ordem de palavras não estável, regida por princípio pragmático: informação nova segue informação velha.
5. pouco uso de morfologia gramatical
6. entoação mais proeminente para informação nova e menos proeminente para a tópica.

Modo Sintático

1. estrutura sujeito-predicado
2. subordinação enrijecida
3. velocidade na elocução
4. ordem de palavras mais rígida. usada para assinalar funções semânticas.
5. uso elaborado de morfologia gramatical
6. ausente em algumas línguas

Segundo Givón, os modos pragmático e sintático podem ser bem exemplificados no processo de aquisição de primeira língua (ontogênese), no processo de aquisição de segunda língua (assim como no registro *pidgin*), nos processos diacrônicos de constituição da língua e também no nível de registro (formal e informal).

ontogênese:	modo pragmático precoce => modo sintático tardio
<i>pidgins e creoulos</i>	não-gramática => gramática
diacronia	parataxe frouxa => sintaxe enrijecida
nível de registro	fala informal não-planejada => fala formal planejada

Ontogênese. Givón sugere que a criança, na aquisição de primeira língua, está sujeita a pressões comunicativas de dois tipos. A primeira é que a criança não compartilha, ou compartilha muito pouco, do *background* pressuposicional geral, que é a base da comunicação; e a segunda é que ela desconhece o código comunicativo, as convenções, as estratégias de processamento, etc. Conseqüentemente, o sistema comunicativo inicial de uma criança é bastante simplificado e apresenta as seguintes características: grau lento de elocução, muita repetição, sintaxe menos condensada, carência de morfologia gramatical, prevalência de tópicos sobre sujeitos, ordem de palavras principalmente pragmática. Ou seja, apresenta todas as características do modo pragmático de comunicação. Mais tarde, nos estágios mais avançados de aquisição, esse modo não é perdido, mas coexiste com registros sintaticizados que são adquiridos lenta e progressivamente.

Pidgins e Creoulos. O desenvolvimento da fala *pidgin* em *creoula* é, segundo Givón, similar ao desenvolvimento da habilidade lingüística do indivíduo enquanto criança até a idade adulta. A fala *pidgin* é um exemplo do modo pragmático: não tem sintaxe, a morfologia gramatical é reduzida, há muitas pausas, a estrutura sujeito-predicado é indeterminada e a estrutura tópico-comentário é transparente. Segundo Givón, no *pidgin*, são três as condições que regem o uso do modo pragmático: i) a comunidade de fala *pidgin* é colocada junta, sem uma língua comum, mas com tarefas urgentes a realizar; ii) os membros da comunidade *pidgin* vêm de diferentes comunidades culturais e raciais, e, portanto, compartilham pouco do *background* pressuposicional geral que dá contexto à comunicação humana; e iii) o contexto é óbvio, ou seja, os tópicos das conversações são

imediatos e não-distantes. Já a fala *creoula*, que se apresenta como uma linguagem normal, possui o modo sintático de comunicação, com a ordem de palavras fixa, morfologia gramatical, entoação, encaixamento, etc.

Diacronia. Semelhante ao que ocorre na aquisição, nos processos diacrônicos, estruturas pragmáticas sofrem gramaticalização e se tornam estruturas mais enrijecidas. Givón discute exemplos como a sintaticização do tópico em sujeito e da topicalização em passiva, além da origem de construções genitivas, e das construções clivadas e interrogativas-wh.

Nível de Registro. No discurso informal não-planejado, em contraste com o formal planejado, a estrutura tópico-comentário é mais proeminente, há mais construções topicalizadas (deslocadas à esquerda), há poucos encaixamentos, há redução e simplificação da morfologia gramatical e aumento de repetições e pausas.

Considero a hipótese de Givón realmente estimulante mas, com base em meus dados, não vejo como refutá-la ou aceitá-la categoricamente. Creio que ela pode ser admitida em dois sentidos. Se admitida em seu sentido mais rigoroso, seria preciso mostrar que as mesmas etapas observadas no processo diacrônico de constituição das clivadas também são observadas no processo de aquisição de linguagem, seja de primeira ou de segunda língua. Isso significa que a primeira variante clivada a se implementar na língua deve ser também aquela que o falante deverá adquirir primeiro. Meus dados não permitem tal conclusão, pois, como mostrei nos capítulos precedentes, as PCs e PC-INV's parecem ter sido as primeiras alternantes clivadas a aparecer na língua portuguesa, ao passo que tanto os falantes de L1 como os de L2 parecem adquirir primeiramente a construção QUE.

Por outro lado, se a hipótese for admitida em um sentido mais 'fraco', é possível estabelecer algumas correlações. Quanto à aquisição de L1, pode-se dizer que com o desenvolvimento da linguagem da criança e a aquisição crescente de estruturas, logicamente as clivadas passam a ser realizadas de maneira mais 'correta' estruturalmente. O mesmo deverá ser observado na aquisição de L2, quando o falante vai aumentando seu grau de fluência. Quando à diacronia, é possível associar as características do modo pragmático ao período que compreende os primeiros séculos investigados, período de conflito em que apareceram dúvidas na classificação das sentenças como clivadas ou não clivadas, em

decorrência da ambiguidade e estranheza das construções. Com o tempo, já no século XVIII, percebe-se um enrijecimento das estruturas e passa-se a reconhecer algumas alternantes clivadas. No século XX, as clivadas já se encontram bem estruturadas e não há mais equívocos de interpretação.

Conclusão

Neste trabalho, adotei uma noção de clivagem, nos moldes de Halliday (1967) e Dik (1997), que leva em conta uma série de propriedades, que devem ser satisfeitas, para que uma sentença seja admitida como clivada. Essa noção foi importante principalmente na análise do material diacrônico, pois serviu para a distinção entre as sentenças clivadas verdadeiras e aquelas que, embora formalmente semelhantes às clivadas, não apresentavam as leituras típicas.

Na investigação do processo que teria dado origem às clivadas, analisei separadamente os textos de cada século. Tentei ‘traduzir’ ou interpretar as ocorrências, com a finalidade de associá-las ou não com clivagem. Ou, pelo menos, mostrar que mesmo não sendo uma clivada, uma sentença pode conter alguns traços característicos de clivagem e, assim, constituir um dado importante para explicar o processo de formação dessas sentenças.

Procurei dar evidências para a hipótese de que as clivadas poderiam ter surgido a partir de construções já existentes na língua, que inicialmente deveriam ser usadas para certos fins, e, com o tempo, sofreriam gramaticalização e se tornariam adequadas para outras funções como, por exemplo, aquela de realçar constituintes. Essa hipótese é fortalecida pela observação de exemplos em que a leitura de clivagem concorre com aquela de relativa comum, ou ainda em casos em que uma estrutura similar à clivagem, do tipo *ser+constituente+que*, é usada, em séculos atrás, com outro efeito de sentido.

De acordo com os dados, mostrei que as PCs e PC-INVs foram as primeiras alternantes clivadas a aparecer, seguidas das É QUEs e CLIVs, e que as QUE e SER são mais recentes, sendo que a última data do século XX. Sugeri e procurei evidenciar que as PC-INVs podem ter dado origem às CLIVs e É QUEs, por meio de processos de mudança linguística.

Em conformidade com Braga (1989), admito que a construção QUE provavelmente teve origem nas É QUE, como resultado de mudança foneticamente condicionada. Acredito

que, diferente da possível forma original (=CLIV), a clivada QUE se especializou em focalizar basicamente sujeitos pronominais (e talvez seu aparecimento tenha sido motivado exatamente por isso).

A construção SER surgiu num contexto em que o verbo *ser* já era empregado, juntamente com outras partículas, para propósitos de ênfase e focalização. Como discuti antes, foi sugerido na literatura que a SER pode ter surgido pelo apagamento do relativo na PC. Acredito que a SER seja resultado da necessidade de uma estratégia especializada na focalização de objetos novos, mas quanto a considerá-la uma PC reduzida, tenho alguma resistência, pois, contrariamente às PCs, dificilmente as SER focalizam sujeitos, a menos que sejam sujeitos de verbos inacusativos. Veja que há sentenças PCs que mesmo com o apagamento do relativo, não constituem construções SER. Por exemplo, na sentença *Quem comprou o carro foi ele*, o apagamento do *quem* produz a sentença *comprou o carro foi ele*, que não é gramaticalmente boa.

Vejo a análise diacrônica realizada aqui como um primeiro passo na busca da origem dessas construções. Novos estudos precisam ser feitos, a fim de obter mais esclarecimentos e mais argumentos que possam fortalecer as hipóteses mencionadas.

A codificação de uma mesma função por meio de várias formas contraria um dos princípios básicos em lingüística, o da economia. O exame das correlações sintático-discursivas tornou evidente que este não é o caso das várias formas de clivagem que coexistem no português, pois essas formas têm funções sutilmente diferenciadas. Ou seja, embora elas tenham em comum a função de pôr um elemento em foco, cada uma se especializa mais na focalização de um tipo particular de constituinte. É essa especificidade que determina o emprego de uma ou outra alternante clivada em certos contextos. Os quadros 07, 08 e 09 abaixo resumem as tendências mais freqüentes ou não-marcadas, que foram discutidas no capítulo 05.

Quadro 07: Síntese geral das correlações sintático-discursivas das clivadas - Sincronia

Fatores	CLIV	É QUE	PC	QUE	SER
Status	Evocado	Evocado	Novo	Nº insuficiente de dados	Nº insuficiente de dados
Informacional					
Classe	Sint.preposicional	Substantivo	Substantivo		
Gramatical	Substantivo	Sint.preposicional	Oração	-	-
	Pronome	Pronome			
Função	Circunstancial	Circunstancial	Sujeito		
Sintática	Sujeito	Sujeito	Objeto	-	-
Dimensão	Curto	Curto	Longo	-	-

Quadro 08: Síntese geral das correlações sintático-discursivas das clivadas – Diacronia**

Fatores	CLIV	É QUE	PC	QUE	SER
Status	Evocado	Evocado	Novo	Evocado	Novo
Informacional					
Classe	Sint.preposicional	Substantivo	Oração	Pronome	Substantivo
Gramatical	Substantivo	Advérbio	Substantivo		Oração
	Pronome	Pronome			
	Advérbio	Sint. preposicional			
Função	Sujeito	Sujeito	Objeto	Sujeito	Objeto
Sintática	Circunstancial	Circunstancial	Sujeito		
Dimensão	Curto	Curto	Longo	Curto	Curto

** referente aos dados dos séculos XIX e XX.

Quadro 09: Síntese geral das correlações sintático-discursivas das clivadas – Aquisição

Fatores	CLIV	É QUE	PC	QUE	SER
<i>Status</i>	Evocado	Evocado	Novo	Evocado	Novo
Informacional					
Classe	Substantivo	Sint. Preposicional	Substantivo	Pronome	Substantivo
Gramatical	Sint.preposicional	Substantivo		Substantivo	
	Pronome	Pronome			
Função	Sujeito	Circunstancial	Sujeito	Sujeito	Objeto
Sintática	Circunstancial	Sujeito			
	Objeto				
Dimensão	Curto	Curto	Curto	Curto	Curto

Bibliografia

- AKMAJIAN, A. (1970) On deriving cleft sentences from pseudo-cleft sentences. *Linguistic Inquiry* 1: 149-68.
- BARNES, Betsy. Pragmatic exploitation of *NP c'est que S* in Conversational discourse. BLS. 1989.
- BRAGA, M. L. (1989) As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro. *Relatório apresentado ao CNPq*.
- _____. (1991) As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro. *Organon/UFRGS*. v.5, nº18.
- _____. (1991) A escrita e as marcas da oralidade: o caso das sentenças clivadas. *Relatório apresentado ao CNPq*.
- _____. (1992) Os condicionamentos discursivos. in MOLLICA, M. C. (org) Introdução à Sociolinguística variacionista. *Cadernos Didáticos UFRJ*.
- _____. (1994) A dimensão dos constituintes no português do Brasil. in *Revista Tempo Brasileiro*, 117:17/26, abril/junho.
- BRAGA, M. L. & SILVA, G.M. de O. (1984) Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia novo/velho. *Série Estudos* 10, 27-40.
- BRAGA, M. L. & MOLLICA, M. C. (1985) Marcas segmentais e/ou supra-segmentais entre o sujeito e o predicado e sua função discursiva. Trabalho apresentado no *X Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro, PUC.
- BRAGA, M. L. & SILVA, G. M. de O. (1992) Sentenças clivadas e a articulação de orações. *Estudos Linguísticos (Jau)*. v. 21, n. 1, p. 175-81.
- BRAGA, M. L. & LONGHIN, S.R. (1997) Estratégias de focalização no português de contato do Alto Xingu. *Anais da ASSEL-Rio*.
- CART et al. (1986) *Gramática latina*. São Paulo: T.A. Queiroz:Ed da USP.
- CEGALLA, D. P. (1990) *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 33.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional.

- CHAFE, W. (1976) Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view. In: LI, C. (ed). *Subject and topic*. New York: Academic Press.
- _____. (1994) *Discourse, consciousness and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. The university of Chicago Press.
- CLARK, Herbert & HAVILAND, Susan. (1977) Comprehension and the Given-New Contract. In Roy O. Freedle (ed.) *Discourse Production and Comprehension*. Norwood, N.J.: Ablex.
- COLLINS, Peter C. (1991) Pseudocleft and cleft constructions: a thematic and informational interpretation. *Linguistics* 29, p. 481-519.
- CUNHA, Celso F. (1994) *Gramática da língua portuguesa*. 12.ed. Rio de Janeiro: FAE.
- DANES, F. (1974) Functional sentence perspective and the organization of the text. In DANES (org) *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Editora da Academia Tcheco-eslovaca de Ciências.
- DIK, Simon. (1980) Cleft and pseudo-cleft constructions. *Studies in Functional Grammar*. New York: Academic Press.
- _____. (1989) *The theory of functional grammar*. Parte I. Dordrecht: Foris.
- _____. (1997) *The theory of functional grammar*. Parte II. Editado por Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter.
- EMMERICH, C. (1984) *A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FANT, Lars (1984). *Estructura informativa en espanol: Estudio sintáctico y entonativo*. Doctoral dissertation at Uppsala University.
- GELUYKENS, R. (1988) Five types of clefting in English discourse. *Linguistics* 26: 823-841.
- GIVON, T. (1979) *On understanding Grammar*. New York, Academic Press.
- _____. (1990) *Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations*. University of Oregon, mimeo.
- GRICE, H. P. (1975) Logic and Conversation. In COLE, P. and MORGAN, J.L. (eds), *Syntax and Semantics*, vol.3, New York, Academic Press, 41-58.
- GUNDEL, J. (1977) Where do cleft sentences come from? *Language* 53, 543-59.

- HALLIDAY, M. A. K. (1967b) *Notes on transitivity and theme in English*, 2ª parte, *Journal of Linguistics* 3, pp. 199-244.
- _____. (1985) *An introduction to functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HANNAY, Mike. (1991) Pragmatic function assignment and word order variation in a functional grammar of English. *Journal of Pragmatics* 16, p.131-155.
- HEINE, B. CLAUDI, U & HÜNNEMEYER, F. (1991) *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HYMES, Dell. (1971). *Pidginization and Creolization of Languages*. Ed. Cambridge University Press.
- ILARI, Rodolfo. (1975) *Propriedades de sentenças e contextos discursivos*. Tese de Doutorado. IFCH - UNICAMP.
- _____. (1992) *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2ª edição. UNICAMP.
- _____. (1996) Sobre os advérbios focalizadores. In ILARI (org) *Gramática do Português Falado*. Vol II, Níveis de Análise Linguística.
- KATO, M., BRAGA, M. L., CORRÊA, V., ROSSI, M. A. L., SIKANSI, N. (1997) As construções Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I. (Org.) *Gramática do Português Falado*. Vol.VI, Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- KOCH, Ingedore G.V. & TRAVAGLIA, Luiz C. (1997) *A coerência textual*. 8.ed. São Paulo: Contexto.
- LAMBRECHT, Knud. (1988) Presentational cleft constructions in spoken french. In Haiman, John & Thompson, Sandra (eds). *Clause Combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins Company.
- LEMOS, C. T. G. *Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões*. (mimeo)
- LOPES-ROSSI, M. A. G. (1994) *As construções clivadas dos dados do Projeto NURC-SP*. Tese de Mestrado, Campinas, UNICAMP.
- _____. (1996) *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português*. Tese de Doutorado, Campinas, UNICAMP.

- MANN, William C. & THOMPSON, S.A. (1986) Relational propositions in discourse. *Discourse process* 9: 57-90.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* (1989) *Gramática da língua portuguesa*. 2ª edição. Lisboa: Caminho.
- MODESTO, Marcelo. (1995) *As construções clivadas no PB: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo. Tese (Mestrado em Linguística) - F.F.L.C.H. da USP.
- MOESCHLER, Jacques & REBOUL, Anne (1994) Dictionnaire Encyclopédique de Pragmatique. Editions du Seuil. p.447-470.
- MOLLICA, M. C. & MATTOS, P. B. (1990) *Pela publicação de abordagens variacionista e difusionista*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. mimeo.
- NARO, A. (1992) Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In MOLLICA, M. C. (org) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos Didáticos UFRJ*.
- NEVES, M. H. M. (1997) *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- PAIVA, M.C.A de (1991) *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- PERINI, Mário A. (1996) *Gramática Descritiva do Português*. 2.ed. São Paulo: Ática.
- PRINCE, Ellen. (1978) A comparison of WH-clefts and IT-clefts in discourse. *Language* 54, 883-907.
- _____. (1981) Toward a Taxonomy of Given/New Information?. In Cole, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York, Academic Press.
- QUIRK, R., S. GREENBAUM, G. LEECH & SVARTVIK. (1978) *A grammar of contemporary english*. Longman, London.
- RENZI, Lorenzo (1989) *Grande grammatica italiana di consultazione*. 2ed. Bologna: Il Mulino. Vol I.
- ROCHA LIMA (1995) *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32.ed. Editora José Olympio.
- SANKOFF, D. (1975) *Varbrul version 2*. Montreal, Université de Montreal, Centre de Recherches Mathématiques.

- SEDANO, M. (1990) *Hendidas y otras construcciones con ser en el habla de Caracas*. Cuadernos del Instituto de filología "Andrés Bello". Caracas.
- SCHACHTER, Paul. (1973) Focus and relativization. *Language*, 49.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. (1983) On the interaction of word order and intonation: some OV constructions in spanish. In: KLEIN_ANDREW, Flora (Org). *Discourse Perspectives on Syntax*. New York: Academic Press, p.117-139.
- TAGLICHT, J. (1984) *Message and emphasis: on focus and scope in english*. London: Longman.
- VAN DIJK, Teun. (1977) *Text and Context*. London. Longman.
- VOTRE, Sebastião & NARO, Anthony J. (1991) *A base discursiva da ordem verbo-sujeito em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, mimeo.

Dicionários consultados

- AULETE, C. (1958) *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Vol I e II. Rio de Janeiro: Editora Delta SA.
- BOLIVAR, Artur. (1948) *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Vol II. Porto: Edições 'Ouro' Ltda.
- FIGUEIREDO, Candido. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 4.ed. Vol I e II. Lisboa: Sociedade Editora.
- SILVA, Antonio de Moraes (1858) *Diccionario da Língua Portuguesa*. 6.ed. Tomo I, II, III e IV. Lisboa.

